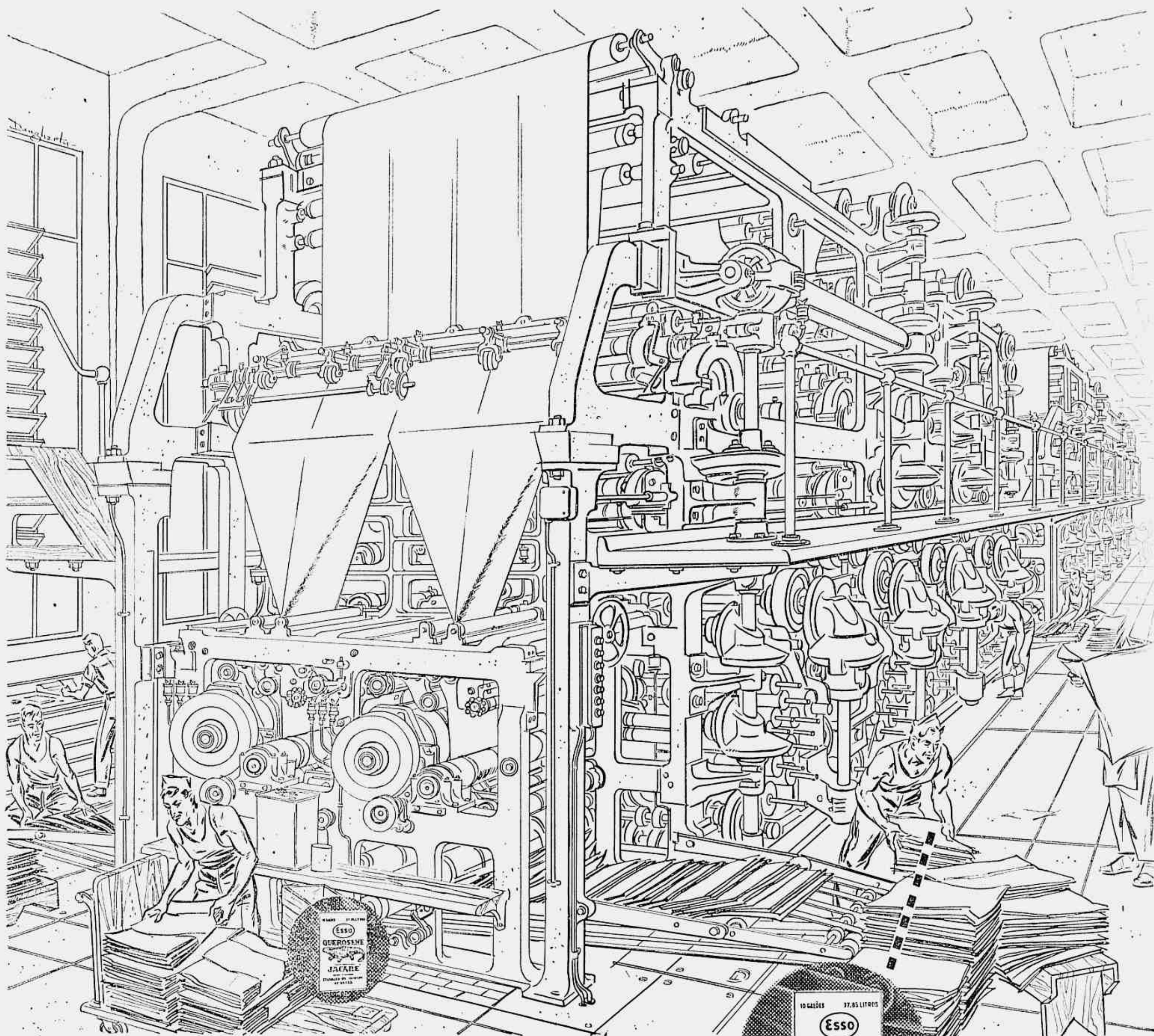


REVISTA DA SEMANA

N.º 20 — 14-5-49

CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL





Idéias a 100 Mil Exemplares Por Hora

Graças a uma grande imprensa e a um intenso movimento editorial de livros, folhetos e revistas, as idéias circulam mais rápida e nervosamente através deste país imenso, e assim se mantem a admirável comunhão de sentimentos da alma brasileira. Os jornais, as gráficas e as editoras utilizam-se de produtos ou subprodutos do petróleo, desde as tintas, os solventes, os lubrificantes, ao querosene que consomem. É igualmente com esse mesmo querosene, que milhões de lares humildes se iluminam para as leituras titubeantes ou modestas dos que, também ali, procuram novas luzes...

Para todos, para as indústrias da cidade ou para os modestos consumidores do campo, a Organização Esso oferece, através de uma completa rede de distribuição, quaisquer produtos petrolíferos de que necessitem, para seu trabalho ou para seu conforto.



*Esso a serviço
do Progresso!*

★
**STANDARD
OIL COMPANY
OF BRAZIL**

Coisas Velhas

DA gentileza, da cortesia, do cavalheirismo, nem vale a pena falar! Os coitados não envelheceram: morreram de repente, por mil e um motivos. Quero falar é de outras coisas velhas, antigas, que estão desaparecendo aos poucos, sem morrerem definitivamente. Dos candieiros, por exemplo — os velhos lampeões a querosene —, que andavam pelos casarões das estâncias, na mão das senhoras e das empregadas. E até mesmo nas mãos grossas e sujas da peonada. Agora surgiram as ventoinhas nas estâncias, o electricista encheu um quartinho com baterias e água destilada, as tórras de madeira se ergueram ao lado da casa e do galpão, e o candieiro sumiu como por encanto. Ficou vivendo, relegado, nos ranchos, nas barraquinhas que os turmeiros armam no corredor, quando andam (muito raramente, é verdade!) arrumando essas estradas por onde passam os caminhões barulhentos, as tropas muito lerdas, as carretas vagarosas.

Aí está outra pobre coisa velha que está se acabando aos poucos, em silêncio: as carretas. Ainda existem, muitas, é verdade, mas cada ano a proporção de caminhões que vão das estâncias para as cidades com cargas de lã, vai aumentando à medida que as carretas vão se tornando mais escassas. Coitadas! São agora como essas tias-avós que vão se finando em casa de parentes que, pelo tempo, pela idade, pelo ambiente, não são mais que criaturas estranhas, mas que mesmo assim lamentem a agonia daquela vida antiga.

Tias-avós... E tão velhinhas, tão acabadinhas! Pois até o rincho das rodas mal ensabadas está ficando fraco! O vulto, e não o barulho, é que alerta os quero-queros. Um século que passou e que teima, com energia surpreendente, em transitar pelas estradas dê-te século tão moderno e tão apressado. Velharias! E no entanto a gente lamenta quando morrem. Sei que se elas desaparecerem das estradas, todo mundo vai sentir saudade do vulto pacato, sonolento, das carretas percorrendo léguas e léguas, sempre naquele passo descansado, naquele ringir monótono e que no entanto é todo o encanto das carretas. O ringir das rodas e o grito demorado do carreteiro, também velho e lerdos como as carretas e os bois.

Velharias! Como as histórias do Arco da Velha, que ninguém mais lê; como a vaquinha do leite que passava todas as tardes pela rua, com o terneiro, mais o dono, e cujo cinérra a gente conhecia a distância; como a merenda de marmelada que todas as manhãs se levava para o colégio, como a própria marmelada feita em casa. Velharias! O tacho enorme está escondido no porão. A pá anda por aí, garanto que cheia de teias de aranha! Velharias! São boas, tão gostosas de recordar! Os marmelos chegavam, enormes, trazidos do mato ou vindos de algum vizinho, e desde a chegada dos sacos bojudos já a família e as empregadas começavam o movimento. Primeiro era a limpeza do tacho e ele ficava brilhando, muito vermelho, ali na porta da cozinha onde o sol batia em cheio. Depois as panelas enormes onde as frutas ferviam a manhã inteira; depois todo mundo ralava marmelo na peneira que parecia um chapéu de abas largas, de tão grande; e a gente — a gurizada — rodava por ali, bisbilhotava e terminava tirando um marmelo às escondidas, para comê-lo ainda quente, com açúcar, melando todo o rosto. (Já procurei comer marmelo assim, depois de grande. Mas o gosto não é o mesmo!)

Então chegava a hora do seu Pedro, o peão caseiro, enorme e sorridente. Trazia braçadas de lenha, amontoava tudo a um canto do pátio, depois começava a armar a fogueira. A fumaça, leve a princípio, depois mais grossa, tomava conta do quintal e até ameaçava invadir a casa. A calda começava a ferver. "Bota a marmelada no tacho! Chama o seu Pedro, que o fogo vai se apagar! Credo, até parece que esse homem está ficando nulidade!". O caseiro vinha, assoprava; as labaredas lambiam o negrume do tacho. Então seu Pedro, meio desajeitado, pegava na pá. Mexe, que mexe. Depois ia amolecendo, a fumaceira tomava conta dos olhos, a dormência se apoderava dos braços. "Santo Antônio p'ra cá, fumaça p'ra lá". Alguém intervinha. — Está cansando, seu Pedro?

— Pois é, dona. Quagü um ano que a gente não lidava nisso...

— Então chame outro.

Vinha o Polinário; mexia. Mexia e cansava. E voltava ao galpão, passando as mãos nos olhos, para buscar o Simão, ou o Nadico, ou o Fernando. E cada um mexia um pouco. Parecia que a peonada suspirava com desafogo ao notar que a marmelada ia tomando cor, porque então chegava a vez das mulheres. "Para dar o ponto. Senão passa... Ai, seu Simão, que está pegando! Mexa forte, homem de Deus! Dê aqui! Pode ir. Fermiana, as caixetas estão prontas? Acho que isso não demora".

Mas qual! Levava ainda todo o resto da tarde. As mulheres mexiam. E a gente, em roda, chorava junto com a fumaça e perguntava de momento a momento: — Não tá pronta? Demora? E a "prova"? — A prova ficava ali, num pratinho, esfriando para ver se estava ou não no ponto. A gente lambiscava. Cansados de esperar, fazia-se um brinquedo, inventava-se qualquer molecagem, mas era tempo perdido! O pensamento estava na marmelada. Não tinham medo do fogo? Não teriam limpado o tacho? E a rapa, santo Deus! Então corriamos para perto do fogo. Mexe, que mexe. Era Elvira, Crescência, era todo mundo, mexendo, escudadas do calor do fogo por uma tábua cobrindo as pernas. Mexe, que mexe. De vez em vez alguém gritava com um salpico de marmelada quente nos braços. Continuavam mexendo. A marmelada tinha uma porção de vulcões estourando dentro do tacho. E as caixetas, ali perto, eram como bocas abertas. E a gente, olhos maiores que a barriga, olhava para aquelas bocas com medo que devorassem tudo e não ficasse uma sobra farta no fundo do tacho vermelho.

A tardinha, quase sol posto, davam o grito de alarme. A marmelada estava no ponto! Era um alívio e ao mesmo tempo um alvoroço. A família se reunia. E as caixas de madeira ia se enchendo, uma atrás da outra, numa procissão interminável e assustadora. — "Esta é para seu Fulano. Esta é para dona Beltrana. Esta é para isso, a outra é para aquilo. Essa aqui é dos peões, aquela é do seu Alberto, que me pediu uma prova, aquela de tampinha amarela é para dona Inácia, coitada! se queixou de que há muito não comia marmelada feita em casa. Ah! Esta é do seu...". Não parava mais aquela distribuição!

Quando o desejo da criança estava no ponto de se manifestar em protestos, surgia a caixa grande, tão conhecida porque era, finalmente, a nossa. Uma bocarra enorme que devorava a quarta-parte da marmelada. — "E vocês não comecem a comer desde já, que é para o inverno! Já disse! Senão vocês ficam sem merenda para o colégio".

Depois... Ah! Depois era a rapa!

★

Velharias, não digo? Mas que saudade!

O tacho enorme está escondido no porão. A pá anda por aí, garanto que cheia de teias de aranha!

TERESA DE ALMEIDA ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

Coisas velhas (Teresa de Almeida)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	24

REPORTAGENS

Os turcos gostam do turfe (John T. V. Smith)	4/ 6
Flagrantes de fim de feira (W. Guarnieri)	55/58

CARICATURA

Bom humor	7
Defenda seu esqueleto (Théo)	42
O mundo manca e a mula murcha	46

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	45

BIOGRAFIA

A vida de Pasteur	11
-------------------------	----

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

NOVELA

Seja feita a vossa vontade	14
----------------------------------	----

RADIO

Broadcast	15
-----------------	----

CINEMA

O "oscar" de 48	16/17
-----------------------	-------

SUPLEMENTO FEMININO

Nas bastidores femininos	19
Últimas criações	20
Gente nova	21
Noivas	26
Interiores	27
Mães e filhos	27
O primeiro baile	28
Lingerie	29
A jovem e o "mal-me-quer" (M. Mercedes Santos)	29
Chapéus	39
Intimidade do lar	40
Distinção	41
Modelos de outono	43

CONTOS

No caminho do oeste (Kadyr Swara)	22
A última aventura (Péricles Leal)	30

MÚSICA

Uma oportunidade (Roberto Lyra Filho) ..	44
--	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	48
---	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	49
---	----

ARTES PLÁSTICAS (Angelus Ravel)	51
--------------------------------------	----

FOLHETIM

Scarlet	53
---------------	----

ILUSTRADORES

Osvaldo da Cunha	
Fernando Pereira	
Orlando Matos	

NOSSA CAPA

Donna Reed, "estrela" morena de Hollywood dos estúdios da M.G.M., ilustra a capa da REVISTA DA SEMANA desta edição.





Vista tomada por ocasião de uma saída para o "Arab Cup" com 2.200 metros e um prêmio de cinquenta libras

OS TURCOS GOSTAM DO TURFE

TEXTO DE JOHN T. W. SMITH ★ FOTOS KEYSTONE

COMO acontece em todos os países civilizados, a corrida de cavalos na moderna Turquia constitui um dos mais fortes prazeres esportivos do povo. Um dos pontos principais da política mun-

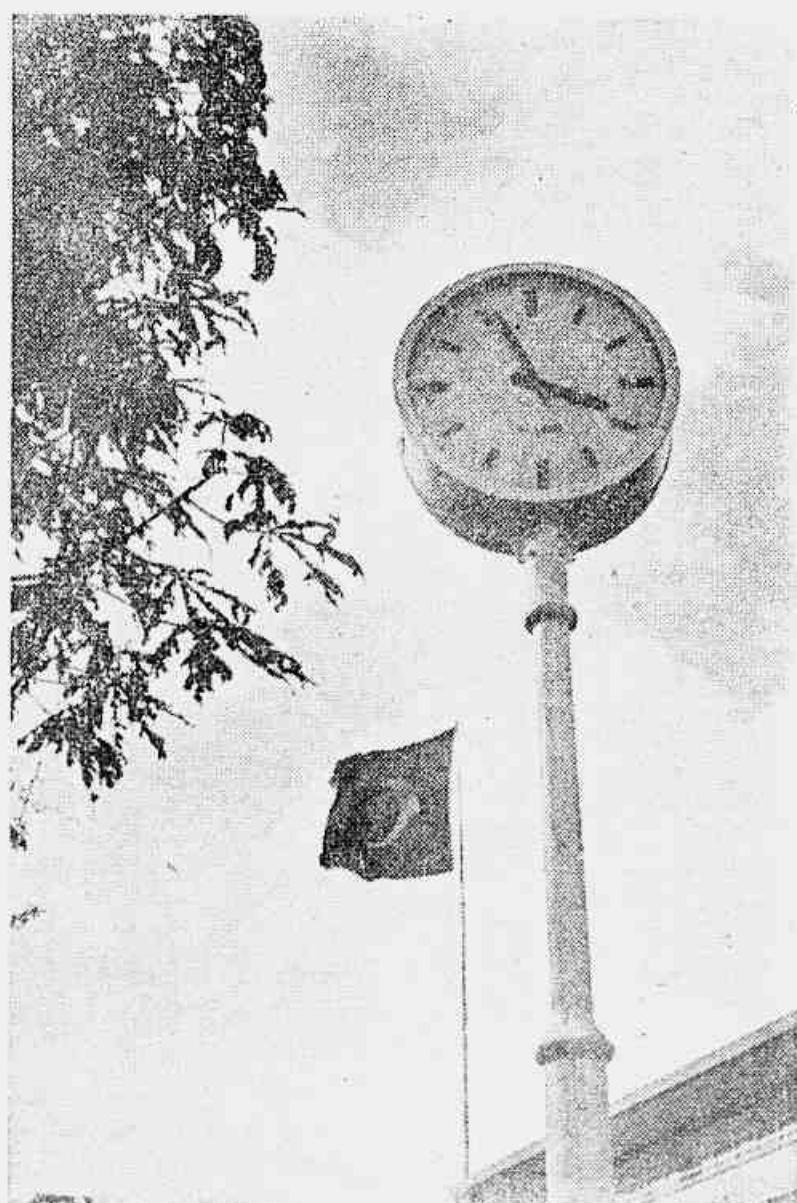
dial do oriente europeu, em virtude do duelo entre o poder do dólar norte-americano e a infiltração soviética, é a Turquia de hoje um ponto cobiçado e de inquietações em todo aquele bloco de competições poli-

ticas entre os dois mundos da atualidade: o Oriente e o Ocidente.

Não tendo participado na última grande guerra, e com o seu mundo feminino só recentemente emancipado, pôde o país de-

envolver-se rapidamente nestes últimos tempos.

Apesar de estar no Oriente, a Turquia vem recebendo todas as influências da civilização ocidental, seu modo de vida, s-



Todos os olhos se fixam neste mostrador e contam os minutos: faltam apenas cinco para começar a batalha



Não é nenhuma elegante de Paris, e sim uma senhorita de Ankara no hipódromo, tão "ehle" como uma londrina



O joquei campeão turco, Davut, montando "Cin-Kiz", em inglês "Sinful Lady", percorre

divertimentos sua maneira de passar as horas de folga.

Desta forma, as corridas de cavalos em Ankara são realizadas exatamente como se faz nos países ocidentais. O prado de Ankara está situado numa elevação de três mil pés acima do nível do mar, e impressiona-se pelo seu aspecto pitoresco e conspurção moderna.

Nas corridas são realizadas corridas de cavalos franceses e ingleses figuram com proeminência nos programas mas há também corridas especiais com cavalos exclusivamente de pura-sangue nação, em muita justiça bastante popular na Turquia.

Há curiosa aspectos da vida social entre os turcos, como rejeição da mulher a qualquer política de escravidão em que se vá a mulher ali. Apesar de já emancipada ainda persistem alguns preconceitos, como guarda com as atividades femininas no hipódromo de Ankara. Elas podem levar seus esposos, mas há uma série de guichês exclusivamente para as filhas de Esmá, assim como há a mesma coisa para os homens.

Um dos métodos favoritos dos apostadores é a "acumulada"; também são feitas apostas para cavalos que chegam em segundo e terceiro lugares.

Os prêmios em dinheiro são baixos. Para a "River Plate Cup" o vencedor recebe 1.200 liras, ou seja mais de cem libras. A pista regula perto de duas milhas.

Os espectadores são muito ecléticos em seu traçar mas usam, muitas vezes, o estilo ou moda de Ascot. Ninguém pode entrar nos tribunas destinadas aos profissionais e tribunas. Giletes, bonês ou casquetes e camisas sem gravatas são comuns. A entrada é muito barata, ou seja apenas de dois xelins.

É interessante notar que para essas festas esportivas, as famílias levam seus filhos menores com elas, passando as tardes naquele meio de aspecto festivo e pitoresco.

As corridas começam às dezessete horas e terminam às dezenove.

E assim todo o povo turco que, desde as consequências da primeira grande guerra, na qual ficou o país ao lado da Alemanha, começou a sofrer radicais transformações sociais, políticas e administrativas, está hoje integrado nos hábitos e costumes dos ocidentais.

Quem vê as mulheres turcas de agora, não sente mais aquela emoção dos "jasmim" coladas-lhes os rostos, dos quais se podiam ver apenas os olhos e narizes e lábios cor-de-rosa.

Os homens, por sua vez, já não se assemelham aqueles de anos passados, com suas barbas e a cabeça protegida pelo "tak" tradicional e popular.

Isso tudo leva sua origem no desmembramento do país, depois de tantas e tantas guerras entre as nações balcânicas e, por fim, com os aliados ocidentais.

Tudo passou por profundas reformas. Território, religião, organização militar, sistema de governo, hábitos da sociedade, regimes sociais, etc.

Um mundo novo recebia uma nova população. Os mais velhos não contavam as exclamações de revolta e censuras contrárias adeptos de uma Turquia modernizada sob os ditames revolucionários do grande Kemal Pachá.

Mas a juventude e os progressistas venceram pouco a pouco, e o país passou a figurar entre os povos completamente transformados de acordo com os figurinos dos povos do oeste.

Como era natural, as diversões também teriam que integrar-se nos hábitos modernos. O hipódromo de Ankara é de aspecto puramente ocidental. Os seus aficionados se vestem como qualquer povo da Europa ou da América, e as mulheres se confundem em seus indumentos, com qualquer outra senhora chique da França, de Londres ou dos Estados Unidos.

A velha Turquia milenária desapareceu na voragem dos tempos, e, com ela, todo o acervo de tradições.

A antiga monarquia absoluta cedeu lugar à concepção governamental e administrativa dos sistemas democráticos, com o voto permitido até ao mundo feminino. Já lá se vão na poeira dos arquivos os atos do sultão Abd-ul-Medjid. O direito hereditário dos Osmanlis se esborçou ao choque das novas idéias, arremessadas com o sangue das revoltas e o troar dos canhões de guerras sucessivas.



Uma das curiosidades do prado turco: as mulheres fazem seu jogo, mas nos guichês especiais para elas... Uma vista das arquibancadas de hipódromo de Ankara numa tarde de corridas com muitos mulheres de aficionados; da mesma forma que as mulheres de Ankara, os homens fazem apostas, mas se servem de guichês só para eles...



bancadas de hipódromo de Ankara numa tarde de corridas com muitos mulheres de aficionados; da mesma forma que as mulheres de Ankara, os homens fazem apostas, mas se servem de guichês só para eles...





Um grupo de jóqueis de Ankara, Turquia, posa para a objetiva antes de montar em seus animais para a largada

Já ninguém fala no Conselho dos Ministros com o nome que fez época de "Sublime Porta". A Turquia, apesar de estar hoje reduzida a uma pequenina parte do que era aquele imenso Império da Europa à Asia, com ramificações pelo Mediterrâneo, reunindo mais de quarenta milhões de habitantes, tem hoje uma importância

essencial sob o ponto de vista militar no equilíbrio do mundo, em virtude de ser a guardiã da passagem dos Dardanelos, o famoso canal natural de comunicações entre o Mediterrâneo e o Mar Negro.

Os Estados Unidos e a Inglaterra têm suas atenções sempre voltadas para aquele ponto do globo, e muito se interessam por

tudo o que diz respeito à segurança do Oriente próximo, situação que depende, em grande parte, da atitude da Turquia sob o ponto de vista de um conflito na Europa.

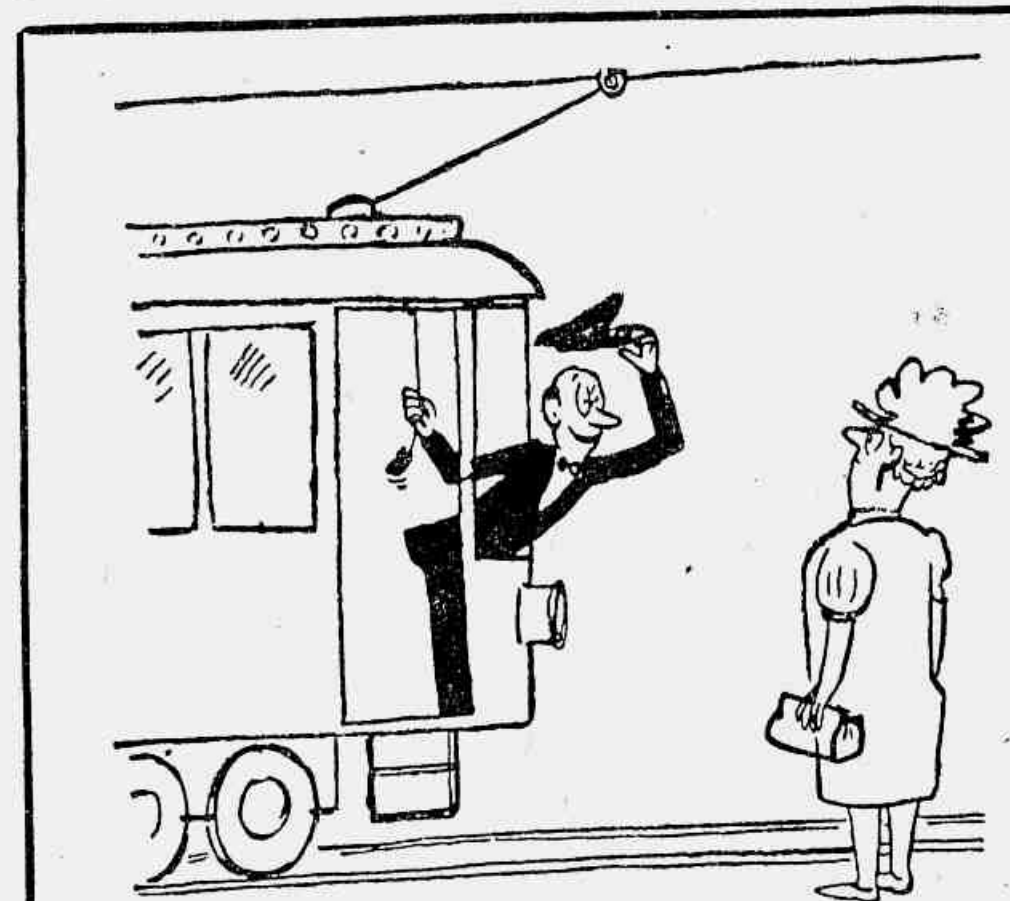
Enquanto, porém, as grandes potências vão prestigiando a Turquia, procurando robustecer-lhe a economia e desenvolver-lhe as indústrias, o povo turco se vai integran-

do cada vez mais no ritmo da civilização ocidental.

O prado de Ankara é um exemplo desse progresso e dessa deliberação de ocidentalizar-se para que possa a nação da meia lua, formar com as demais nações do ceste uma cadeia sólida para as conquistas de um mundo melhor.



A esquerda — Os processos para a admissão de jóqueis às corridas são os mesmos do ocidente: fiscalização, pesagem, etc. A direita: — Chegada final na corrida "Arab Cup", no hipódromo de Ankara, a 3.000 pés sobre o nível do mar e com ambiente agradável

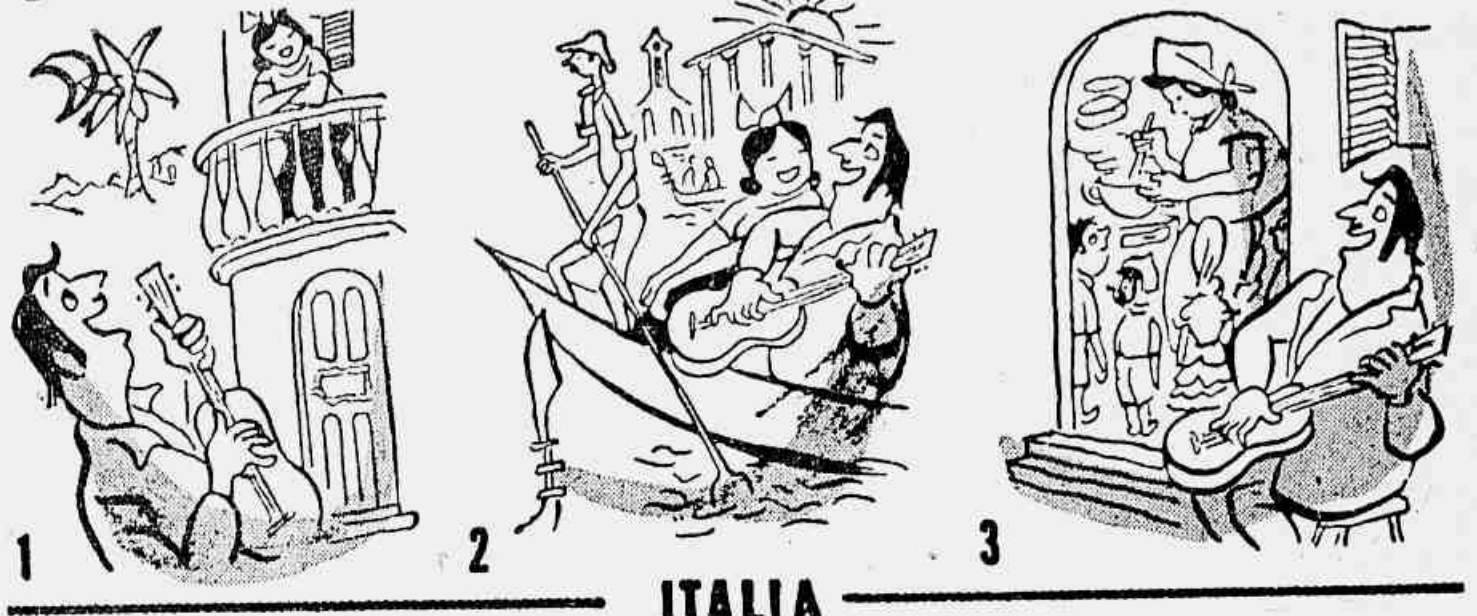


NA CABEÇA — Uma velha empayonada, dessas que são “de amargar”, estava sentada num banco junto ao ponto do bonde. Quando êste se aproximou, ela fez sinal com a mão e o bonde parou. Levantou-se de vagar, despediu-se calmamente da amiga, com quem ainda falou um pouco, e marchou para o veículo. Uma vez junto dêste, remexeu a bolsa e tirou uma carta.

— “Motorneiro — disse ela — terei tempo de pôr esta carta no correio?”

— “Tem, sim senhora, muito tempo” — replicou o homem tangendo a manivela — “o outro carro passará aqui dentro de meia hora”.

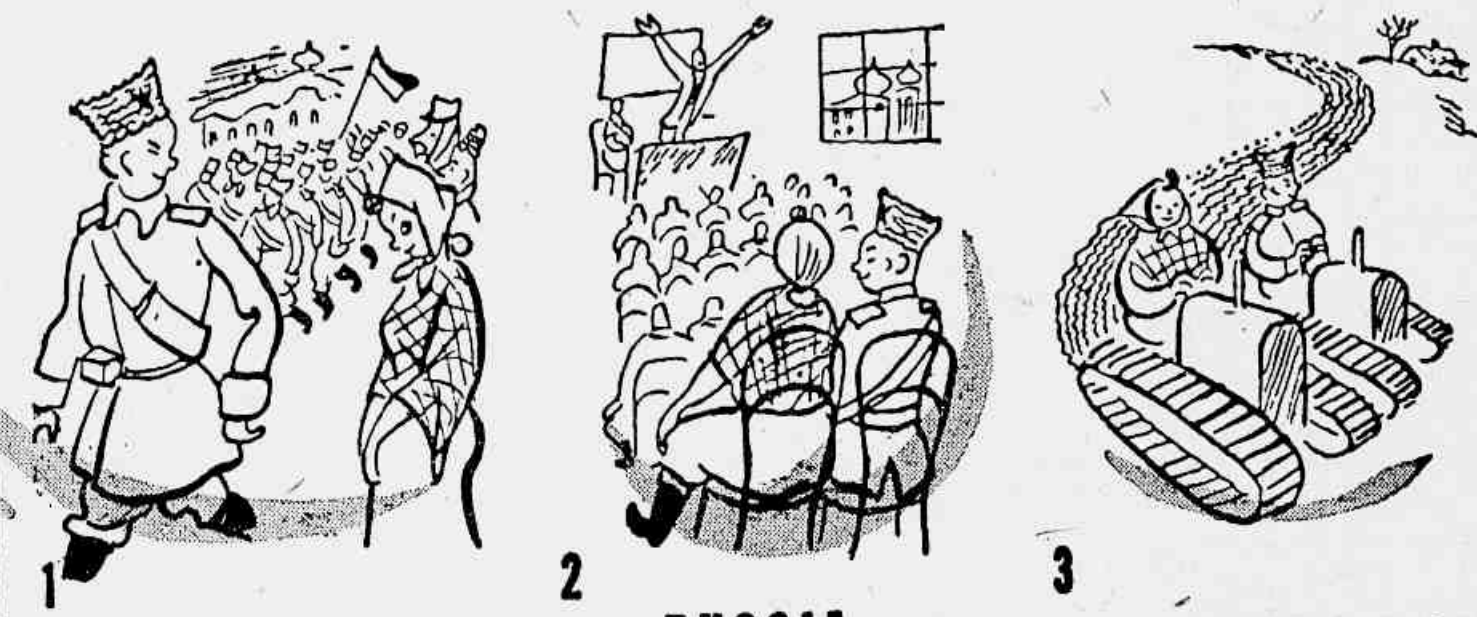
O AMOR PELO MUNDO...



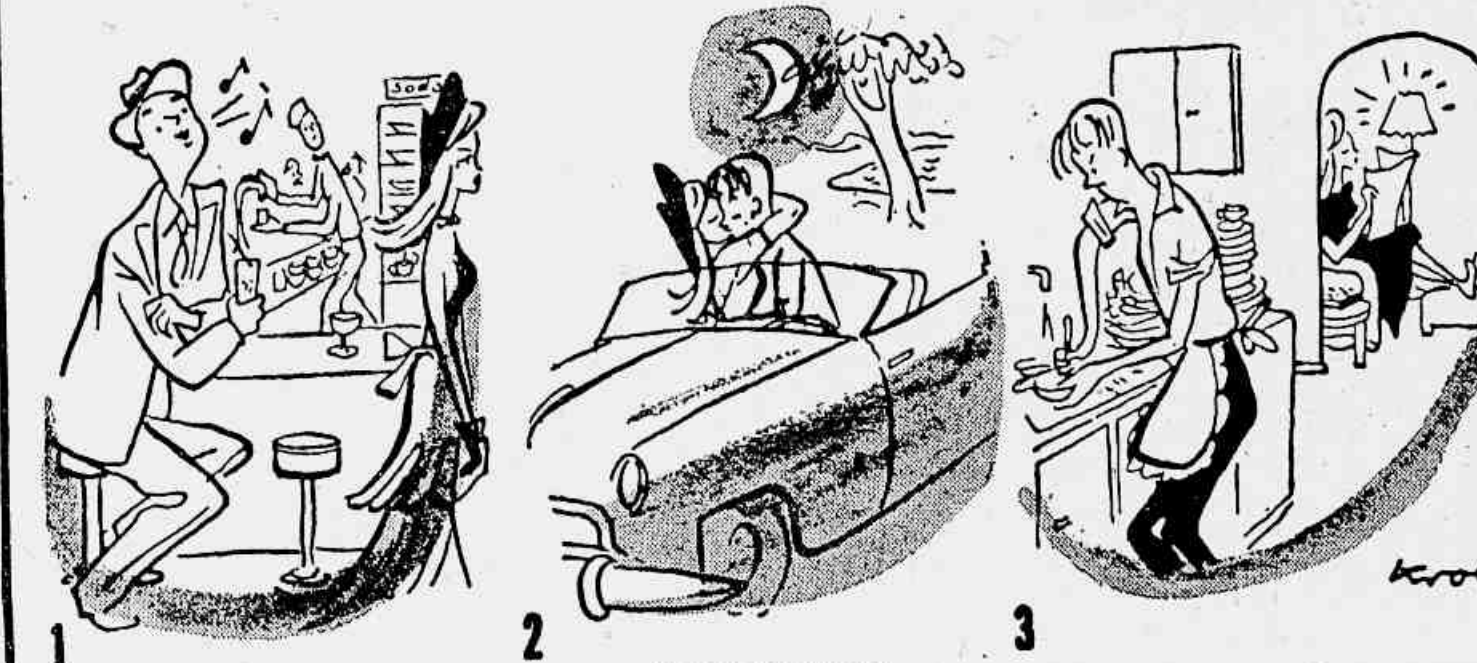
ITALIA



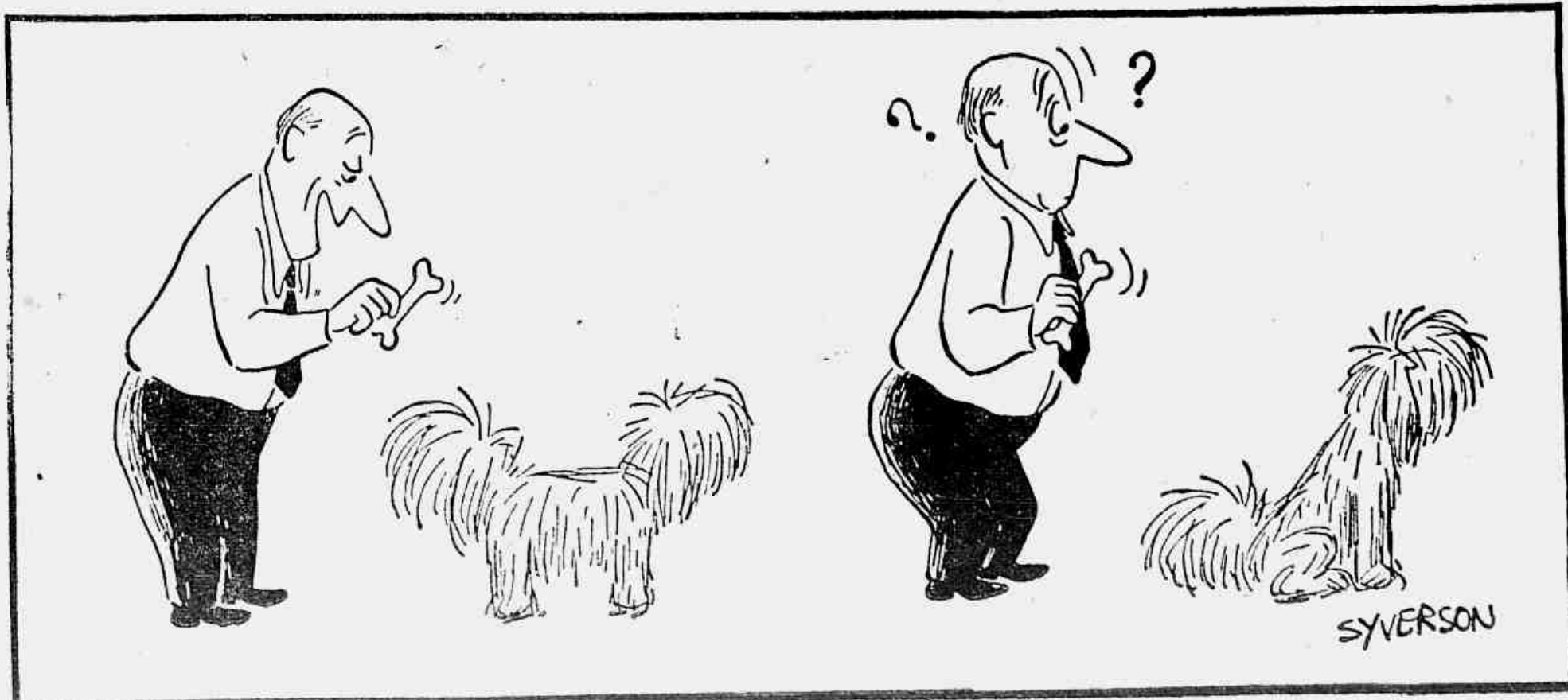
FRANÇA



RUSSIA



AMERICA



**BOM
HUMOR**



MAURICE Polydore Marie Bernard Maeterlinck, mais conhecido por Maurice Maeterlinck, se lançou na vida literária com um livrinho de poesias inquietas e penetrantes, intitulado "Les Serres Chaudes", em 1889, aos 27 anos de idade. No mesmo ano surgiu com peças teatrais, iniciando com "La Princesse Maleine", seguindo-se, um ano depois, "L'Intruse". Daí por diante seu nome como teatrólogo chegou a grandes alturas, tendo uma de suas obras, "Pelleas et Melissande", passado à ópera pelo compositor francês Claude Debussy.

Maurice Maeterlinck nasceu na cidade de Gand, na Bélgica, em 1862. Muito escreveu, e todas as suas obras literárias ou dramáticas se caracterizavam pelo vigor do estilo, pela pesquisa psicológica, pela expressão da alma humana, naquilo que tem de mais vago, mais obscuro e inconsciente.

Intellectual dos mais completos, sempre foi, porém, um amador dos exercícios físicos, sendo mesmo considerado um atleta, travando lutas no Quartier Latin, em Paris, com vários pugilistas. Georges Carpentier, famoso boxeador francês, privava da amizade de Maeterlinck, que muito admirava aquele lutador.

No Brasil o nome de Maeterlinck se tornou muito popular através de suas obras sobre a vida das formigas e das abelhas.



Maurice Maeterlinck

São obras encontradas nas bibliotecas de estudantes, de senhoras, de gente simples de cidades modestas do interior do nosso país.

Com a versão cinematográfica de "O Pássaro Azul", filme de um encantamento quase divino, o nome do escritor completou entre nosso povo o seu ciclo de popularidade.

Maurice Maeterlinck foi distinguido em 1911 com o Prêmio Nobel de Literatura, condecorado depois pelo rei dos belgas com o grande cordão da Ordem de Leopoldo, sendo ainda Oficial da Legião de Honra da França.

É interessante saber-se que os seus pais desejavam que ele seguisse a carreira jurídica, formando-se em Direito; mas o predestinado se desviou desses programas paternos e se lançou na carreira literária, num impulso de grande vocação.

Dentre suas obras, as que mais lhe deram fama são "O Tesouro dos Humildes", publicado em 1896, "A Sabedoria do Destino", em 1898, e a "Vida das Abelhas", em 1901. Essas obras atestam o talento do grande escritor, do moralista e do poeta admirável.

A 6 deste mês de maio de 1949 morreu em Paris o grande Maeterlinck, que devia fazer 87 anos, agora a 29 de agosto.

O mundo inteiro deplorou tão grande perda. No Brasil seu nome foi lembrado em todas as camadas sociais, tornando-se Maurice Maeterlinck a personagem da semana.

a Semana EM REVISTA

AS FIGURINHAS O processo comercialmente usado para atrair o interesse da meninada para a compra intensa e extensa de certas manufaturas é já muito antigo. Seria até interessante que alguém procurasse rebuscar os arquivos comerciais para verificar qual o sabidinho que primeiro instituiu esse sistema de chamariz em nossa terra. Nos começos do cinema, as ansias que dominavam a mocidade estavam nos retratinhos de artistas. Também muito se usaram as figurinhas de soldados de vários exercitos, bem coloridas e atraentes. Mas não havia o jogo. Depois, com o evoer dos anos, e que os industriais lançaram os brindes de figurinhas de artistas de cinema ou de jogadores de futebol, com a intenção dolorosa de dar prejuízo as crianças, aos pais e a educação em geral. Os tais mapas que deviam ser preenchidos, completados com a série de indivíduos, muito dificilmente chegavam a esse ponto final. Muitas vezes, centenas de crianças, possuindo mapas cheios, menos um lugar, se envergavam a enorme nervosismo para conseguir o que continuava a faltar para ver direito a premiação. Esse que faltava, jamais seria encontrado, pois que, no mecanismo das emissões, tudo já estava preparado para que os colecionadores icassem a reconhecer de compras e mais compras, na ansiedade de encontrar a figurinha faltadora, mas que esta nunca surgia. Então se acumulavam as duplicatas, as triplicatas, processando-se o câmbio negro das figurinhas quicéis. Os meninos começam aí a desviar dinheiro de lanchas e de passagem, para a compra de balas. Por isso o juiz de S. Semeao, S. Paulo, proibiu a venda de balas com figurinhas. Os pais lhe agradeceram, as aias voltaram a ser frequentadas e os meninos perderam as figurinhas, porém, mais tarde, poderão fazer um figurão.

A GLÓRIA DOS MUDOS Notícias vindas de Copenhague, capital da Dinamarca, nos dizem que, dentro de um mês, mais de quinhentos candidatos, procedentes de mais de quinze países, vão tomar parte nas disputas esportivas internacionais para surdos e mudos a se realizarem naquela capital. O acontecimento se reveste de grande notoriedade, pois se trata de já ser esta a sexta competição, coincidindo com o jubileu da primeira Olimpíada de surdos-mudos, reunida em Amsterdam, Holanda, há vinte e cinco anos passados. Esses certames sempre se apresentaram com muitas dificuldades, em virtude das diferenças dos idiomas; porém, com a linguagem dos sinais, tudo foi vencido, uma vez que o idioma dos surdos-mudos é universal. Eles conversam, discutem, aprendem e ensinam por meios de gestos e mímicas convencionais e padronizadas. O mundo deles é uma perfeita uniformidade. Não se assustam com a passagem de um carro novo e bonito, quando o seu dono, para mostrar-se, busina estridentemente para ser visto. Não se irritam com o apregoador de garrafas vazias, nem de expressões grosseiras dos trocadores de ônibus, nem com o mau som de certos filmes. O mundo exterior é um silêncio completo. Não ouvindo nada, também nada podem dizer. Mas são gente, entes humanos, emotivos, inteligentes, corteses, educáveis como qualquer pessoa que fala e ouve. Uma coisa podemos garantir aos nossos leitores: essa Olimpíada de Copenhague, com surdos-mudos a competir em esportismos dos mais variados, com futebol, bola ao cesto, etc. será uma grande lição para todos os outros jogadores e torcedores normais. Os juizes não sofrerão vexames com palavrões, nem, os jogadores se retirarão de campo por indisciplina.

O PONTO NO LEGISLATIVO Como deve saber o leitor, nosso Congresso Legislativo possui, como todos os outros, elementos de escol, de capacidade especializada, os quais são eleitos pelos seus colegas para integrar comissões de variadas finalidades. Assim, elegem-se os componentes das Comissões de Educação e Cultura, de Legislação, de Finanças, etc. etc. Mas, como também sucede com qualquer mortal, especialmente em se tratando de legisladores, nem sempre esses membros se recordam que há em determinada hora do dia uma reunião na qual serão discutidos assuntos relevantes para o bom andamento do progresso do país. E vão faltando, deixando de dar número para as decisões, protelando-se indefinidamente assuntos que precisam ser resolvidos sem demora. Uma dessas Comissões de nosso Legislativo Federal, e das mais importantes, é a de Finanças de Câmara dos Srs. Deputados. O seu presidente se afoava com a irregularidade no comparecimento de vários dos seus elementos, o que proporcionava críticas até da imprensa, sempre com o "radar" das análises dirigido para os responsáveis pelo bom andamento da causa pública. Em face desses percalços, e, com o intuito de dar um jeito no comparecimento dos Srs. congressistas que integram a Comissão de Finanças do Palácio Tiradentes, ficou combinado que se criaria um livro de ponto. Não há nisso nenhuma diminuição na pessoa do legislador que pertencer aquela Comissão. Nenhum "captis diminutio" às suas prerrogativas às suas imunidades parlamentares; mas é preciso que se tome alguma providência no sentido de dar mais eficiência à Comissão de Finanças, e o livro de ponto foi uma idéia salvadora. Que a inovação seja imitada...

PARA MORRER Na Espanha, como em qualquer outro país, os vivos têm suas obrigações sociais para com os mortos. Uma delas é a de conduzir os entes queridos à última estação: o cemitério. Mas, em Madrid, como neste Rio de Janeiro, há os angustiosos problemas do tráfego. Segundo dizem, na capital espanhola os costumes dos vivos para com os mortos são parecidos com os praticados entre nós. Também há os acompanhamentos ao cemitério, as grandes filas de autos. É possível que também lá se proíba cortar a formatura. Quando um acompanhamento fúnebre passa por uma rua, o cortejo não pode ser cortado. Todo mundo espera que a fiera de carros passe. É uma espécie de batelhão em desfile. É proibido atravessar a rua quando os militares desfiliam. Entretanto o alcaide D. José Moreno Torres não pensa mais assim. Acha ele que há necessidade de limitar a manifestação da dor, a fim de encontrar-se um meio de melhorar o tráfego em Madrid. Viu esse homem que, quando os encontros são mais "sentimentais", certas ruas da capital ficam congestionadas. Como não é possível multar o responsável, ou seja, o caáver, ele encontrou uma solução: d'agora por diante, quem quiser exteriorizar seus sentimentos com a morte de amigo ou parente, deve limitar-se a levar pesames à casa em que morreu o "de cujus". Esse hábito de filas para o cemitério ou para a igreja, não pode mais ser admitido. Atravessa as ruas da cidade, perturba o tráfego, incomoda os vizinhos, provoca discussões, queixas, etc. Para o campo santo o corpo deverá ir sem acompanhamento, ou melhor com pouco acompanhamento. Nada de cortejos excessivos, de legua e meia. Pelo que parece, até para morrer é preciso uma técnica especial. Pelo menos em Madrid...

INFANTILISMO CONJUGAL Muita gente pensa que casar é só assim: namoro, noivado, amarração. Primeiro tempo. Depois: Lua de Mel, passeios, recepções. Segundo tempo. Por fim: sociedade, visitas, vida calma... Mas o diabo é que, nem sempre corre tudo assim nessa programação deliciosamente ideal. Por mais que, mutuamente se tenham conhecido os noivos, há sempre umas coisinhas que ficam ocultas e que só mesmo com a convivência, a intimidade, vêm à tona. Nos países em que há divórcio, são esses segredinhos que, por vezes, causam a separação definitiva do casal. Os livros de estudos sociais estão repletos de episódios. Há de tudo: o espôso que ronca, a mulher que é sonâmbula, ele gosta de uísque, ela de fumar; ele dorme todo coberto, ela não suporta cobertores. Ele larga umas mentirinhas, ela é sisuda. Ela gosta de rir, ele detesta anedotas. Uns dão a vida por um fuxiquinho, enquanto outros são silenciosos como estatuas. Já se verificou em Paris um divórcio simplesmente porque o espôso não tolerava que as meias da esposa apresentassem rugas. Imaginem quando essas rugas surgissem no rosto de madame! Há, pois um rol de pequeninas coisas que trazem divergências muito sérias e perigosas para a harmonia do lar. Infelizmente, nem tudo pode ser previsto ou descoberto por ambas as partes contratantes, antes da vida em comum. Entretanto, este caso recentemente verificado em Los Angeles, enre a atriz de cinema Beverly Mitchell e o espôso, William Crabe, de 28 anos, é dos mais surpreendentes e incríveis. Esse jovem espôso, gerente de uma firma fabricante de canetas-tinteiro, desde que se casou passava o tempo todo a brincar com seus trenzinhos elétricos... Ela não se conformou e largou esse "trem" ordinário, como diria um mineiro... Com casamento não se brinca!

ALGEMAS AO JUIZ Para tudo nesta vida é preciso ter "classe". Segundo os exegetas da filologia, clássico é aquele que possui o equilíbrio ou a harmonia do pensamento e da forma. Isso, naturalmente em literatura, nas Artes plásticas. Mas há ainda uma outra modalidade de classicismo, fora dessa concepção de Arte. A razão, a modestia, o auto-domínio, o bom-gosto, a simplicidade, a urbanidade, as maneiras corteses, a ironia, a largueza de espírito, o senso crítico, tudo, enfim que modelar os caracteres. Há o clássico até na maldade, na prática do crime, entre os ladrões, os gatunos, os contrabandistas. Antônio Silvino, famoso e inimitável cangaceiro do nordeste, foi um clássico na sua categoria. Probo, generoso, disciplinador, vingativo. Uma figura lendária das caatingas nordestinas. Albino Mendes foi outro clássico na malandragem, no "conto do vigário". Assim, se já os clássicos das Letras e das Artes como nos ensinam os mestres como Alexandre Costa, Antônio Sérgio e outros, há também os clássicos das "Malasartes", os "virtuosos" da delinquência. Um dos casos mais curiosos desse tipo de clássicos é o do bandido colombiano, Pedro Inácio Gomes. Esse colecionador, depois de muito trabalho, foi aprisionado. Ao ser conduzido à presença do juiz municipal, severamente escutado e algemado, conseguiu fugir! No dia seguinte, recebeu o juiz um envelope com um par de algemas e este bilheteinho amável: "Sr. Juiz. Remeto-lhe, com as minhas saudações cordiais, o par de algemas que me colocaram nos pulsos". E' ou não um clássico? Não está a Polícia, não estão os circos perdendo um grande elemento? Um gênio.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 20 — 14-5-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples	Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
------------	--------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 - Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: - Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Pronta a URSS para suspender o bloqueio de Berlim. Anunciam os nacionalistas chineses que farão de Shanghai a Stalingrado da China. Vassilevsky, em ordem do dia, por motivo da data de 1º de maio, exorta as tropas soviéticas a desenvolverem até ao máximo a resolução de lutar. Descobertos os autores do roubo do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal. Submergiu a proa do "Magdalena". Suspenso por 15 dias o delegado Afrânio Palhares, por haver prestado informações inverídicas à Justiça e ao chefe de Polícia. Debate-se na Câmara dos Comuns o incidente com os vasos de guerra ingleses no Iangtsé. Consumidores de cera de carnaúba nos Estados Unidos telegrafam ao presidente Dutra solicitando que veto o projeto de lei de preços e financiamento aprovado pelo Senado brasileiro com relação àquele produto. Decretado o estado de sítio na Bolívia. Contrária a Inglaterra à admissão da Espanha na ONU. Carta do Papa aos cardeais alemães, recomendando que lutem pela adoção de uma Constituição democrática. Insiste a bancada paulista na Câmara Federal pelo comparecimento do ministro da Fazenda ao recinto, para esclarecimentos sobre o chamado "caso do D.N.C.". A República Dominicana vai construir uma refinaria de petróleo no valor de 15 milhões de dólares. O senador Vandenberg, dirigente republicano dos Estados Unidos, declarou que o Pacto do Atlântico não compromete os Estados Unidos a fornecer armas às nações membros do mesmo ou a utilizar a força contra um agressor. Várias solenidades assinalaram a passagem do Dia do Trabalho na Capital da República. Novo impasse no aumento dos marítimos. Aumentadas as passagens para o Pão de Açúcar. Truman anuncia a exoneração do general Lucius Clay, governador militar da zona norte-americana na Alemanha. Novo empréstimo interno lançado pelo governo russo. Pio XII recebe o arcebispo de Porto Alegre, D. Alfredo Scherer. Forças da elite na defesa de Shanghai. Em greve operários da Ford, em Detroit. Embarca para os Estados Unidos o chanceler Raul Fernandes, onde aguardará a chegada do general Dutra. Apresentado ao Senado Federal um projeto de Lei Bancária, dispondo sobre o funcionamento dos bancos em todo o território nacional. Embarcam com destino a seus países os passageiros do navio "Magdalena". Não será suspensa a entrega do pão a domicílio, conforme temiam os cariocas. Chegam mais deslocados de guerra para o Brasil. Num desastre de aviação perece toda a equipe do Torino, bi-campeão italiano de futebol. Lucius Clay declara que a "guerra fria" continuará, apesar do levantamento do bloqueio de Berlim. Os nacionalistas chineses estabelecem uma segunda linha de defesa diante de Kasting, último bastião antes de Shanghai. Possível alargamento das relações econômicas brasileiro-americanas, com a visita do presidente Dutra aos Estados Unidos. Rússia, França, Inglaterra e Estados Unidos chegam a uma decisão satisfatória sobre o problema da capital alemã. Pede o Brasil que a ONU suspenda a resolução de 1946, sobre a retirada dos embaixadores de Madrid. Críticas incisivas sobre uma publicação da Agência Nacional destinada a divulgação nos Estados Unidos, sobre a próxima visita do presidente Dutra àquele país, tendo sido apontados numerosos erros sobre dados relacionados com o nosso país. Informam de Londres que as companhias seguradoras abandonam as esperanças de reparar o "Magdalena". Dispensado o ministro da Fazenda do comparecimento à Câmara Federal, para esclarecimentos sobre os estoques do D.N.C. Repercute no Senado a falência do Banco Fluminense da Produção. Apresentação à Câmara Federal um projeto de lei criando a Comissão Nacional de Energia Atômica. Inaugurada, em Uberaba, a XV Exposição-Feira Agro-Pecuária. Declarações de um rotariano paulista sobre as pretendidas reformas no calendário, passando o Carnaval e a Páscoa a ter dias fixos todos os anos, desaparecendo o 31 de dezembro, criando-se em seu lugar um feriado universal, além de outras modificações. Circular da Presidência da República aos ministros de Estados e dirigentes de órgãos autônomos recomendando a necessidade do visto do Chefe do Governo para pagamentos de qualquer natureza feitos no Exterior. Truman satisfeito com o acordo sobre Berlim. Recepção de gala em homenagem ao Brasil, calculando-se que 750 mil pessoas assistirão à chegada do general Eurico Dutra a Washington. Henry Wallace contra a ratificação do Pacto do Atlântico. Anunciam de Buenos Aires que o Brasil comprará 800.000 toneladas de trigo argentino, importando aquele país café, banana, madeira, borracha e tecidos brasileiros. Envia a Inglaterra reforços para Hong-Kong. Nacionalização de cinco companhias aéreas argentinas, comprando o governo as ações dos portadores particulares. Reforços nacionalistas lançados na defesa de Shanghai. Continuam em greve 120.000 operários da Ford. Nenhuma solução ainda na ONU sobre o caso das colônias italianas. Vende a Argentina grande partida de ouro, tendo sido comprados cerca de cem milhões de dólares daquele metal pela Arabian American Oil Company, subsidiária da "Empire Trust Company", de Washington. Comemorado o 60º aniversário da fundação do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Requerida por uma emissora paulista concessão para explorar a televisão em São Paulo. Depois da meia-noite do dia 11 do corrente começaram a circular os transportes da Alemanha Ocidental para Berlim. Declaram-se os Estados Unidos contrários à proposta latino-americana sobre o retorno dos embaixadores a Madrid. Admissão imediata de Israel na ONU. Crise ministerial na Colômbia. Em Roma a princesa Margaret, da Grã-Bretanha. Destruídas por um violento incêndio as instalações de Hollywood Park, famoso prado de corridas. Inaugurado no Rio de Janeiro o Instituto de Malariologia. Fixados, por decreto, os novos salários dos marítimos. Gigantesca tromba d'água sobre Fortaleza, ruindo cerca de 200 casas, e ameaçado de romper-se o açude João Lopes, nas proximidades da capital cearense. Pronto o decreto de regulamentação do descanso semanal remunerado. A C.C.P. resolveu baixar para Cr\$ 3,80 o preço do quilo do feijão preto na Capital da República. Esperado no Rio um dos dirigentes da Federação Americana de Trabalho.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*

Aguardem

Em Junho próximo

O Album de "A CENA"

Um rico brinde de «A Cena Muda» aos seus leitores; um presente especial para as férias de junho, com 100 páginas.

Retratos dos grandes artistas da tela, do rádio, do teatro, da música em páginas inteiras, muitas delas coloridas, com biografias no verso.

A história do cinema em diversos países do mundo. Mande desde já reservar o seu exemplar.

O maravilhoso album será vendido em todos os postos de venda de revistas do Brasil ao preço de Cr\$ 20,00.

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio à

Cia. Editora Americana

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

O SOLAR D'EL-REI

★

Monografia por
AUGUSTO MAURICIO

★

Rio de Janeiro
1949

Cruz, certas intimidades da corte de S. Cristóvão, outros pormenores ou particularidades alheios à história, propriamente dita, de Paquetá. Não falta, porém, a tais incidentes, algum interesse, algum valor. Ao contrário: introduzem, de vez em quando, no desenvolvimento da exposição, variantes que só a podem favorecer. E, afinal, não há matéria que deva estar isenta de divagações. Um dos nossos professores de preparatórios tinha por hábito, nos exames, fazer perguntas fora do tema que a cada aluno cabia por sorte. Certo dia, um deles, mais corajoso que os outros, protestou:

— Pego perdão, mas vossa excelência está saindo do ponto.

— Meu caro senhor... retrucou o lente — ponto, para mim, é apenas... de partida.

O mesmo, se lhe fizessem análogo reparo, poderia responder o autor do "Solar d'El Rei". E, em verdade, não deixam aquelas explanações de enriquecer o consciencioso, caprichoso trabalho que ninguém deixará de ler com atenção e prazer verdadeiros. A propósito da vivenda famosa, hoje monumento histórico, se fala de tudo o que, acerca da ilha idílica, se deseja saber. Vem a indicação das praias, dos sítios mais pitorescos, dos edifícios mais notáveis do recanto formosíssimo da Guanabara, onde moraram, entre outros brasileiros ilustres, e para só falar dos mortos, Joaquim Manuel de Macedo, Francisco Otaviano, João Bráulio Muniz, Evaristo da Veiga, Manuel de Araújo Porto Alegre, Silvino Romero, marechal Costallat e esse grande apaixonado da ilha, há pouco desaparecido, o pintor Pedro Bruno. Na beleza de Paquetá, com o seu prestígio envolvente e as suas graças tão sugestivas, se têm inspirado poetas e prosadores dos mais insígnies. E este mesmo livro nos traz o poemeto excelente, em versos modernos, do sr. Paula Achilles, que só por força da distribuição do espaço na nossa página deixamos de reproduzir integralmente e o qual assim termina:

Aquelas árvores, aquêlê imenso
Panorama da excelsa Guanabara;
Aquêlê encantamento de ondas sôbre estendais de [areias,

Tudo aquilo, em meu silêncio, penso
Que tenha sido, com a lenda das sereias,
Uma clara
Beatitude de ilusões na doçura do dia...
Tuas noites são longínquas, são gradiosas serenatas
De mistérios profundos, de tão grandes mistérios,
Que por ouvi-las, uma vez, julguei ouvir sonatas,
Árias que fossem, na amplidão da noite, sons etéreos!
Paquetá! Tu ficaste em minha vida
A vida inteira...
Ilha de amôres, ilha feiticeira,
Ilha de estranha e eterna alegoria,
Relíquia brasileira!
Sentida
Dentro em mim, no meu sonho de poeta, compa-
[nheira

Dos meus instantes todos de alegria,
Minha vida te há de,
A vida inteira,
Recordar na saudade
Daquela dia...

★

D. CAROLA

★

Romance de **ROBERTO LOBO**, prefácio de **ADELINO MAGALHÃES**

★

Pongetti
Rio de Janeiro
1949

Por muito beatas que sejam tais senhoras e muito amigas de exercer a caridade, entre elas se acendem rivalidades e rancores,

se tecem intrigas, se armam conflitos — e por bem pouco, às vezes, as santas criaturas se não estrafegam umas às outras. A grande questão a resolver, por entre os mexericos que fervilham, é a eleição de uma das beneméritas para presidente da obra piedosa. Os interesses "sociais" e a situação econômica assim o exigem. O Patronato está em crise, por falta de novos donativos. Uma das filhas o poderia salvar, por ter bens de fortuna e coração generoso; mas o seu bom nome deixa a desejar; de pessoas da sua família se contam coisas, sem dúvida interessantes a julgar pela curiosidade que provocam, mas, do ponto de vista da moralidade, pouco recomendáveis... A batalha, incruenta embora, cada vez se torna mais frenética. Finalmente, um velho militar, baboso e cronicamente apaixonado pela chefe do movimento eleitoral, salva a situação, com um cheque de cem mil cruzeiros. E acaba-se a história.

Eis a linha geral da ação de "D. Carola". Entrelhecho singelo e curto, mas a que não faltam situações e lances de efeito sensacional. E os tipos, entre os quais avultam a protagonista, magricela, puritana, autoritária; outra dama, obesa, enredadeira, filante de almoços em troca de novidades; o coronel embeigado, duríssimo de ouvido e cansativo com o seu cacete: "não é? não é?", são desenhados com certa habilidade e certo gosto, no sentido geralmente caricatural. Descrição fluente, desenvolta naturalidade nos diálogos... Em obra de estréia, conforme o atesta o prefácio do sr. Adelino Magalhães, que mais se pode desejar?

★

POETAS E CALIFAS

★

Traduções, reconstituições
e comentários de **MUSSA KURAIEN**, prefácio de
CESAR SALGADO

★

São Paulo
1948

maltratasse os inferiores ou se locupletasse com os bens usurpados à gente modesta. Era compassivo e generoso... O que o não impediu de ser assassinado por um escravo persa, quando, na principal mesquita de Meca, se entregava às orações matinais. No entender do insigne mestre Taha Hussain, reitor da Universidade do Cairo, é a Al-Mutanabbi, nascido no ano 916 da nossa era, que cabe o título de maior poeta árabe da era islâmica. O autor da obra presente o celebra na triplíce individualidade: bardo, filósofo e guerreiro. Mostra-o desde a escola, muito jovem, já apaixonado pelas letras como pelas armas e dando prova de extraordinária capacidade de saber e de pensar. Os seus educadores o admiravam, não apenas pela vastidão dos conhecimentos já adquiridos e seguramente possuídos mas também pela superior orientação, o claro e poderoso discernimento com que, perante os altos problemas da inteligência, ia direito à solução e era pronto em acertar. Quem o ouvisse sem lhe poder considerar a fisionomia tão moça, atribuiria os seus conceitos a uma longa vida de experiência e meditação. Certo professor, querendo ver até onde iam aqueles dons sempre comprovados, sempre admirados, dirigiu-lhe uma série de perguntas, sem dúvida previamente organizadas. E as respostas foram improvisadas. Aqui reproduzimos parte desse exame improvisado por parte do aluno, condensando, para poupar espaço, a disposição do texto:

Qual o maior enigma? A vida. O maior pensamento? O amor. O melhor dia? O que está passando. O verdadeiro tesouro? A saúde. O verdadeiro capital? A boa reputação. A invenção demoníaca? A guerra. O maior consolo? A esperança. O pior pecado? O desespero. O maior privilégio? A liberdade. O maior malefício? O ódio. O melhor remédio? O tempo. A suprema virtude? A paciência. A maior força? A ideia.

Sim, Al-Mutanabbi foi sempre um sábio e um justo. Bem cedo conheceu os homens, a vida e cada vez mais judiciosamente os soube considerar e julgar. Apenas a respeito de si próprio é que não entendia. Com a idade, e sem que de coisa alguma lhe servissem estudos nem meditações, tornou-se um avarento de marca. E por fim só lamentava ter levado tão sórdida existência para, apesar das dadas dos emires árabes, não chegar a reunir cem mil dinares...

De outros califas, outros poetas — e geralmente as duas condições andavam juntas — nos fala o

autor deste livro cativante. Em alguns casos, História e Lenda se juntam, sem que uma prejudique a outra e, ao contrário, formando as duas a aliança mais ditosa. A última figura da galeria magnífica é Arabat Auci, o qual, carregado de anos e quase cego de todo, saiu de uma prova de generosidade, e sem ter dado por ela, proclamado o mais generoso dos homens do seu tempo. E, a propósito, o cheique julgador da prova ponderou — na tradução de Mussa Kuraem:

"A generosidade, embora seja uma virtude, constitui um dever; não é obséquio, é obrigação; não consiste apenas nas dádivas materiais e sim nas boas maneiras, na fidalguia, na defesa do conceito alheio e na elegância das atitudes."

Enriquecem o volume finas gravuras em tricromia.

★

QUANDO VOCÊ CASAR

★

Esclarecimentos e conselhos
às noivas, por **ISABEL SERRANO**

★

Editora "A Noite"
Rio de Janeiro
1949

de Almeida, poderá esquecer os princípios morais que ali se contém. Cada capítulo daqueles desenvolve um tema excelente de compreensão e sentimento, de inteligência e bondade, para ser guardado na memória e no coração. A obra constitui um exemplo seguido e sempre harmonioso, um espelho de virtude e de beleza, orientando, dominando, inspirando o lar.

O livro da sra. Isabel Serrano obedece ao mesmo intuito, mas por diversos caminhos se dirige ao seu objetivo. Prepara a futura esposa, pelo lado afetivo sem dúvida, mas com os elementos de ordem prática que melhor se ajustem às condições e aspirações de cada casal. Assim, começa por discriminar, conforme a situação das famílias, as peças do enxoval; dá a lista dos móveis e utensílios imprescindíveis, razoáveis ou estritamente necessários; ensina a guardar e adornar a casa, com distribuição do espaço de maneira a não haver atulhamentos nem sobras vazias; a entender-se a dona da casa com as empregadas — se as tiver, bem entendido; a satisfazer outras condições de ordem, conforto e tranquilidade. De vez em quando, vem um capítulo ou uma especialização de assunto, que permite certa divagação mais ou menos literária ou erudita, como, por exemplo, a descrição do casamento, com as suas tradições e o seu cerimonial, na Turquia, na China e em outros países, bem como no interior do Brasil. E essas descrições não deixam de constituir variantes agradáveis no conjunto da obra.

Com tanta providência e senso utilitário, tal educação e preparo para a vida matrimonial, só realmente não serão felizes os casais — que não puderem.

★

RECEBEMOS:

Discursos dos srs. Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências de Lisboa; Fernando Emygdio da Silva, orador oficial; e Levi Carneiro, na sessão plenária e extraordinária com que este último, membro da Academia Brasileira de Letras, foi recebido na insigne instituição portuguesa. Lisboa, 1949.

Revista de Portugal, série A, "Língua Portuguesa", número 73, correspondente a março do corrente ano, do mensário dirigido pelo sr. Alvaro Pinto. Insere trabalhos assinados por Augusto Moreno, J. Xavier Fernandes, Joseph M. Piel, Francisco Mendes da Luz, José de Sá Nunes, Francisco José Freire, Santos Junior e outros escritores. Lisboa, 1949.

Estatutos da Federação dos Institutos Genealógicos Latinos, separata da "Revista Genealógica Latina". São Paulo, 1949.

Ansias de amor e de glória, dez sonetos e mais uma poesia de Claudinier Martins, 2ª edição. Campos, 1949.

Cronos, nº 3 ano I, da revista bimestral de que são diretores literários os srs. Adriano Kury, Célio Lira, L. R. de Almeida, Maria Clara Pinheiro Guimarães, Pedro Luis Masi e diretor artístico o sr. A. Gadelha. Rio de Janeiro, 1949.

"É LE é o aluno mais dócil, menor e menos promissor da minha classe", escreveu o mestre de Louis Pasteur. Mas o menino tinha uma curiosidade insaciável. "Permita-me que lhe recorde", observou um dia o professor, "que a obrigação do aluno não é fazer perguntas, mas responder a elas".

E possuía outra qualidade rara — uma paciência tenaz para o trabalho. "As três palavras mais importantes do dicionário", escreveu, ainda na adolescência, "são: querer, trabalhar, e esperar. São essas as três pedras angulares sobre as quais hei de construir a pirâmide do meu êxito".

II

Filho de um curtidor, trazia no sangue o cheiro do couro. Uma vez, quando estudava na *École Normale* de Paris, escreveu, doente nostálgico, ao pai: "Se eu pudesse tornar a aspirar as exalações do curtume ao menos uma vez, estou certo que me sentiria melhor".

Do cheiro do curtume aos "odores do laboratório" ia apenas um passo. Desde a infância ele tomara a decisão de estudar química. "É uma lástima que esteja perdendo tempo com essa ciência inútil", diziam os aldeões de Arbois ao pai de Louis. Mas Pasteur père tinha fé em seu filho. "Sei que posso confiar em Louis; ele há de fazer o que for mais aconselhável".

Mas até o pai começou a nutrir algumas dúvidas quando Pasteur recebeu o grau de Bacharel em Ciências com a nota "mediocre" em química. "Tenha paciência e confie em mim", escreveu o mal-aventurado estudante. "Hei de conseguir melhor êxito mais adiante".

E continuou a estudar, preparando-se para o doutorado em química. A fim de custear as próprias despesas, aceitou alunos particulares a quem ensinava das cinco às sete da manhã. E, a fim de fazer render o mais possível o seu dinheiro, reduzia a alimentação, as diversões e a lenha ao nível estritamente necessário à subsistência. Padecia fome com frequência. "Mas, por sorte, eu também era sujeito a frequentes dores de cabeça, de modo que uma dor neutralizava a outra".

Durante esse período, a sua ambição foi ainda mais estimulada pelas conferências do grande químico J. B. Dumas. "O senhor não imagina a popularidade que alcançaram essas conferências", escreveu ele ao pai. "M. Dumas não é apenas um cientista, mas também um poeta. Desperta a curiosidade e incendeia a imaginação".

Incentivado por esse homem de intelecto superior, Pasteur escreveu duas teses de doutorado em vez de uma. Quando chegou a Arbois a notícia da sua formatura, houve grande regozijo em casa da família Pasteur. "Não podemos ajulzar os teus ensaios", escreveu-lhe o pai, "mas certamente podemos apreciar o teu caráter. Só nos tens dado motivos de satisfação".

E, com efeito, agora se propiciava a Pasteur uma carreira satisfatória, senão brilhante. Foi nomeado para o cargo de auxiliar de laboratório do professor Laurent na *École Normale*. Pasteur empreendeu uma série de experiências sobre cristalografia — o estudo das formas e estruturas dos cristais químicos — e começou a fazer-se notar como um jovem capaz de, "a poder de tenacidade, alcançar uma certa nomeada".

E então, subitamente, ele atirou às urtigas a sua carreira. Havia estalado a Revolução de 1848. A imaginação de Pasteur incendiou-se "no altar da liberdade". Sacrificou à causa as suas economias de cento e cinquenta francos e ofereceu-se para, "no caso de apresentar-se a ocasião", sacrificar também a vida. Abandonou o cargo na escola e alistou-se na Guarda Nacional da cidade de Orléans.

Felizmente não se apresentou a oportunidade para o supremo sacrifício. Terminada a Revolução, Pasteur voltou ao seu laboratório e ao estudo das "formações cristalinas nas substâncias químicas". Como resultado de suas laboriosas pesquisas nesse terreno, assentou as bases da descoberta de vários compostos químicos novos. "É simples questão de construir novos tipos de edifícios pela descoberta accidental de tijolos e pedras cortadas em novas formas e tamanhos", explicou ele.

Sua modesta "descoberta accidental" — na realidade, o fruto de muitos meses de investigações assíduas — chamou a atenção de M. Pouillet, professor de física de Sorbonne. Esse eminente cientista deu a Pasteur uma carta de recomendação que lhe abriu as portas da Universidade de Estrasburgo. "M. Pasteur", escreveu o professor Pouillet, "é um jovem químico notável. Acaba de realizar importante série de experiências. Se lhe facilitarem o acesso a uma universidade de primeira classe, há de ir muito longe...".

Em janeiro de 1849, Pasteur entrou a desempenhar as suas funções de professor de química em Estrasburgo. E imediatamente se pôs a trabalhar numa nova pesquisa — a conquista de um coração feminino. A moça em questão era Mlle. Marie Laurent, filha do reitor da Universidade de Estrasburgo. Pouco depois de chegar à cidade, escreveu ao reitor comunicando-lhe a sua intenção de propor casamento à filha. "Meu pai é curtidor em Arbois. Minhas (três) irmãs ajudam-no na direção dos negócios e da casa, tomando o lugar de minha mãe, que tivemos a infelicidade de perder em maio último. Minha família está em boa situação financeira, mas não é rica... Quanto

A VIDA DE PASTEUR

(LOUIS PASTEUR — 1822-1895)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

a mim, resolvi há muito tempo renunciar em favor de minhas irmãs à parte da herança que eventualmente me couber. Não tenho fortuna, pois. Tudo o que possuo é saúde, coragem, e o meu posto na Universidade... Tenciono consagrar a vida às pesquisas químicas — com algum êxito, espero... Com essas modestas pretensões, peço licença para apresentar a minha proposta de casamento à sua filha".

O reitor, como um pai atilado, entregou a carta à filha, dizendo-lhe que resolvesse por si mesma. A decisão foi desfavorável. Mas Pasteur era um cientista muito experimentado para abandonar um problema depois do primeiro resultado negativo. "Temo", escreveu à mãe da moça, "que Mlle. Marie ligue demasiada importância às primeiras impressões, que só me podem ser desfavoráveis. Não há nada em mim que atraia uma moça. Mas a experiência me diz que as pessoas gostam de mim depois de me conhecerem melhor". E, como um bom cientista que não negligencia nenhuma via de acesso à resolução do problema, Pasteur escreveu também a Mlle. Marie. "Tudo o que lhe peço, Mademoiselle, é que não me julgue precipitadamente. Poderia enganar-se, bem sabe. O tempo há de mostrar-lhe que, sob esta aparência fria e reservada, palpita um coração cheio de afeto por Mademoiselle".



LOUIS PASTEUR

Seu método ponderado e persistente acabou vencendo. Anunciou-se o casamento para 29 de maio de 1849. Mas no último instante surgiu um contratempo. Os convidados tinham chegado já, a noiva e seus pais achavam-se à espera, o padre estava pronto para realizar a cerimônia — mas o noivo não aparecia. "Onde estará esse químico?" — Onde havia de estar, senão no laboratório? Seu melhor

amigo, Chappuis, correu para lá e encontrou-o curvado sobre os tubos de ensaio.

— Tinha-se esquecido do seu casamento?

— Não.

— Então que está fazendo aqui?

— Terminando o meu trabalho, idiota. Você decerto não espera que eu vá deixar uma experiência em meio?

III

Sua mulher nunca se arrependeu de ter casado com ele. Às vezes, é certo, reprovava-lhe a "excessiva absorção" no trabalho. "Mas eu a consolo dizendo que hei de proporcionar-lhe fama".

E realmente proporcionou fama. E desgostos. Pois não era coisa fácil ser a esposa de um cientista cuja capacidade provocava a inveja e o ódio dos colegas menos bem dotados.

Essa inveja e esse ódio começaram a germinar logo no início da carreira de Pasteur. Suas investigações tinham-no levado da química à biologia. "Estou sondando, o melhor que posso, o impenetrável mistério da Vida e da Morte", escreveu a Chappuis. "Espero dar em breve um passo decisivo, resolvendo... a famosa questão da geração espontânea". Os amigos mais íntimos procuravam dissuadi-lo dessa empresa. "Eu não aconselharia a ninguém", escreveu Dumas, "que se detivesse por muito tempo em problema tão discutido".

Pois a origem da vida era uma questão muito "espinhosa" para ser examinada cientificamente. A tradição se mantinha, firme e agressiva, do lado daqueles que acreditavam poder a vida originar-se espontaneamente da matéria inerte. Aristóteles, por exemplo, declarava que "pode produzir-se a vida pela secagem de um corpo úmido ou pelo umedecimento de um corpo seco". Virgílio afirmava que "podem nascer abelhas da carcaça dum touro morto". Van Helmont apresentara o fantástico "método para a criação de ratos" em estado adulto; "Ponha-se uma porção de linho velho num vaso que contenha alguns grãos de trigo ou um pedaço de queijo durante cerca de três semanas, e ao cabo desse período os ratos adultos, tanto machos como fêmeas, surgirão espontaneamente no vaso".

Foi contra essa superstição tradicional que Pasteur se atreveu a empreender uma série de experiências. E imediatamente os cientistas mais velhos começaram a arremessar-lhe as suas setas envenenadas. Mostravam-se particularmente encanizados o professor Pouchet, diretor do Museu de História Natural de Ruão, e Nicolas Joly, professor de filosofia na Universidade de Tolosa.

Esses dois homens, a fim de "provar" as teorias contrárias às de Pasteur, realizaram uma série de "experiências" que careciam de preparação adequada e de execução cuidadosa. "M. Pouchet e M. Joly", escreveu Pasteur a seu pai, "podem dizer o que entenderem, mas a verdade está do meu lado. Eles não sabem experimentar. Isso não é uma arte fácil; exige, além de certas qualidades inatas, um longo tirocínio, que hoje em dias os naturalistas geralmente não possuem". Mas os seus adversários continuaram a atacá-lo vigorosamente. Proclamando ao mundo que haviam "estabelecido definitivamente o fato da geração espontânea", chamavam Pasteur de "saltimbanco, charlatão e palhaço". Pasteur suportava esses vilipêndios com um sorriso paciente. "Um homem de ciência", explicava à sua mulher, "deve pensar no que se dirá dele nos séculos futuros, e não nos insultos ou elogios do momento atual".

Por fim, a decisão da controvérsia sobre a provável origem da vida foi entregue a uma comissão de cientistas eminentes, entre os quais se contava o professor Dumas. Depois de cuidadoso exame dos resultados obtidos por Pouchet e Joly, de um lado, e por Pasteur, do outro lado, pronunciaram um veredicto favorável a Pasteur. "Somente a vida pode gerar vida".

IV

Tendo estabelecido as provas da origem da vida, Pasteur passou a interessar-se pelo problema da preservação da vida. Misteriosa enfermidade acometeu os bichos-da-seda na província de Alais, ameaçando de ruína toda a sericultura francesa. Pasteur, cujas realizações lhe tinham valido um lugar na Academia, foi convidado a investigar e, se possível, debelar a praga. Novamente se desencadeou contra ele uma tempestade de insultos. Essa tempestade recrudescceu à medida que os meses iam passando e Pasteur não conseguia fazer progressos no combate à praga. "Que pode saber um químico sobre o tratamento das doenças?", queixavam-se os cultivadores de amoreiras, cujos bichos-da-seda morriam aos milhares todos os dias. E o público lhes fazia eco. "Um químico? Nem isso. Ele não passa de um parasita que vive à larga enquanto a indústria francesa está à beira de uma catástrofe". A todos esses protestos e lamúrias, Pasteur respondia unicamente: "Paciência".

E ele precisava de paciência. Enquanto investigava a praga do bicho-da-seda, um de seus filhos morreu. Depois outro, e um terceiro. "Para persistir no trabalho sob essas condições", observou um amigo, "deve ser necessário ter muita coragem". "Não sei se tenho coragem" — respondeu Pasteur. — "Mas sei qual é o meu dever".

(Continua na pág. 53)

Dedos QUEIMADOS

CAPÍTULO XVI

— Se tenho meus planos, Monty? Sim, tenho-os. Embora não possua idéia perfeita do que sejam eles, o fato é que me parecem simples. Antes de conhecê-lo, Monty, eu ignorava o que devia fazer na vida. Sempre julguei que as coisas vinham e sucediam... sem que a gente intervisse. Agora, porém, percebo que a gente deve encaminhar as coisas para que elas aconteçam.

— E que espera acontecer-lhe, Jinny?

— Possuir uma casinha, flores nos vasos, filhos, alguém que me ame, livros...

— Tudo perfeito nesse seu plano, Jinny? — respondeu ele.

— Sim, mas... exceto o meio que terei de pôr em prática e chegar ao fim, começando...

— Só em pensar, já você o está começando.

— Sim, mas... é somente pensamento. Porém, que é que faz andar as coisas? Que é que as faz marchar?

— Isso nós não saberemos nunca. Mas, isto só nos pode acontecer se estamos preparados para provocar a marcha. Você inclusive. Repare que é o preparo que abre as portas da oportunidade. E você, Jinny, está se encaminhando na reta de alguma coisa. Todos estamos, todos os dias, bem ou mal. Todos estamos prontos para alguma coisa, diariamente, seja para subir, seja para descer. Aí está!

Suas últimas palavras coincidiram com a chegada de Julie Carteret, que vinha toda elegante a impregnar o ambiente de perfume de violetas.

— Oh! Monty! — foi ela exclamando. — Que beleza o achá-lo aqui! E também Jennifer. Muito desejo encontrá-los. Eis por que subi até aqui — concluiu ela sentando-se confortavelmente numa cadeira perto do fogão. E prosseguiu: — Muriel Hollister é um dos meus amigos e freqüês da Casa Vogelsang, e me deu uma notícia interessante.

Esse estabelecimento era um dos mais curiosos da cidade pelo seu sortimento de coisas raras e belas. Desde as peles negras de mara legítimas aos biombos chineses; dos vestidos já feitos, aos mantecaux e chapéus, luvas e bolsas, tudo distribuído em salões de várias côres nos diversos andares do edifício. Depois, Julie falou:

— Uma das moças que servem lá, vai sair do "Vogelsang". Eu pensei em convidá-la para você trabalhar ali, Jennifer. Acha que se daria bem?

— Como vendedora? — perguntou Monty.

— Oh! Não! De começo, não. Isso leva anos para uma jovem chegar a esse lugar. Nada disso. Uma auxiliar da loja. Tomar uma coisa aqui e colocá-la noutro lugar, arrumações, limpezas. Talvez trabalhar como modelo. Eles pagam, para iniciar, vinte dólares por semana.

— Vinte dólares por semana?... — repetiu Jennifer sufocada.

— Foi o que me disse Muriel. Vá lá amanhã. É possível que me encontre.

As empregadas da "Vogelsang" chegavam ao estabelecimento um quarto depois das oito e meia, embora a loja só abrisse uma hora depois.

A primeira hora era dividida em ligeiros trabalhos de rotina e de leitura de ordens de serviço por intermédio de um gerente, levando esta parte apenas uns quinze minutos. Logo depois as empregadas se ocupavam em retirar as coberturas de proteção aos objetos de vidro, de cristal, removendo a poeira etc. Grandes caixas e cestos chegam repletos de mercadorias para as exposições. Perfumes, vestidos, peles caras, chapéus. Todas essas moças vivem

em contacto com um mundo de maravilhas, num ambiente perfumado e de excelente temperatura. Andam sobre macios tapetes. Durante o dia inteiro, elas manuseiam peças raras e caríssimas, colares, brilhantes, jóias, bordados, objetos de alto luxo em que era especialista a "Vogelsang".

Jennifer aceitou a oportunidade sendo imediatamente admitida; mas não foi de pronto aproveitada como modelo. Ficou como em preçada em trabalhos mais modestos. Levava para cima e trazia para baixo mercadorias variadas, conforme a necessidade das vendas. Andava como um judeu errante entre as vendedoras e os compradores. Mas lhe haviam garantido um lugar como modelo.

Regulamentos escritos e afixados às paredes informavam as jovens embaraçadas o que deviam fazer. Um banho de chuveiro pela manhã, no próprio estabelecimento, era indispensável. Sabão e toalha lhes eram fornecidos pela casa, mas um tanto economicamente. Depois da algararra que faziam no banho, cada uma continuando na tagarelice, cuidava de pentear-se, naturalmente se ajudando entre si.

Muitas outras ordens impressas estavam à vista das empregadas. Dentre as penas por certos prejuízos a mercadorias da casa, havia algumas que eram tradicionalmente aplicadas à conta de Mrs. Kohler.

vens sem muito escrúpulo de ordem moral. Outras mais, eram gente simples, embora muito bonitas, e que passavam sua mocidade entre a escola e o casamento.

Muitas vezes iam todas, aos grupos, lá para cima, fazer o lanche, tomando café e comendo sanduíches. Jennifer se admirava do modo por que discutiam e se comportavam. Conversas grosseiras e descuidadas. Isso muito a chocava. Não tomava parte em discussões e palestras, limitando-se mais a ouvir. As demais viam nela uma jovem calada, tímida, uma pessoa assustada. Mas, logo que chegava à casa de Betty desabafava contando à madrastra o que via. Quando não voltava da loja muito cansada, ia ao estúdio de Monty, e lá conversava alegremente com o pintor, contando os episódios de sua nova vida.

CAPÍTULO XVII

Em virtude de sua nova vida, num ambiente grã-fino, cheio de "glamour" e beleza, Jennifer começou a olhar sua casa, seus cômodos, sua roupa, suas cortinas, com outros olhos. Não podia fazer muito: mas faria o que pudesse. E passou a introduzir melhoramentos, a pôr as coisas em nova ordem. Dois terços de meias velhas e rasgadas, vestidos sujos e fora da moda, "sweaters" já antigos, foram para o lixo. Aos domingos, ela aproveitava o descanso

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jennifer Richie, estava com dezolito anos quando se apaixonou por Sidney Borrows, moço de família mais aristocrática e de melhor situação financeira. Depois que ela percebeu que ele estava a ludibriá-la, discutiram e se afastaram. No escritório em que trabalhava Jennifer, uma sua colega, Mollie, dando uma recepção, convidou-a para a festa. Jennifer compareceu e despertou grande paixão em um dos irmãos de Mollie, Eugene Evans. Mas ele era um místico, e a jovem Jennifer não lhe aceitou a mão de esposo. Certa noite, quando estava ele em visita a Jennifer em casa de sua madrastra Betty, com quem residia, Sidney inesperadamente regressa de uma viagem e discute com Eugene. Dias depois é este atropelado por um auto e morre, estando Jennifer ao pé de seu leito. Mês depois, Jennifer trava conhecimento com um vizinho, o pintor Montgomery Smith, um senhor mais idoso do que ela. Jennifer muito o aprecia e começa um curso de aperfeiçoamento com ele, sob o sistema de "cápsulas de cultura". Em seguida, o pintor oferece uma festa íntima, à qual comparece Jennifer e auxilia, fazendo as honras da casa, aos convidados, todos artistas e homens de letras. Jennifer se sente cada vez mais entediada com o serviço do escritório, e, ao completar vinte anos, mantém uma palestra confidencial com Smith.

Jennifer obedecia escrupulosamente a todas as ordens e regulamentos. Estava completamente absorvida pelo emprego, dedicada, entusiasmada com o novo trabalho. O quarto andar do "Vogelsang" era um salão tão vasto e cheio de murmúrios como um campo para manobras de exércitos. À noite, depois do expediente, foi para casa com a cabeça repleta de assuntos do grande "Magazin". Betty ouvia todo o relato de sua enteada com a maior atenção. Por seu intermédio veio a saber do nome das principais vendedoras, e de clientes de quem ela falava com assombro. Também soube que, dentre as empregadas mais modestas, a serviço geral e na seção de lençóis, havia duas ou três jovens pertencentes a ricas e importantes famílias locais.

Notou Jennifer que na grande massa de empregados de todas as categorias, havia preconceitos de casta e sociais. Funcionários da contabilidade, do escritório, dos mostruários, da limpeza, dos telefones, os modelos, em tudo havia preconceitos de classes. Havia umas quinze moças que serviam de modelo. A mais famosa, a que mais se fotografava era Miss Harriet Morse, o maior êxito da casa. Jennifer nunca mais se esqueceu do choque que sentiu, ao saber que esse modelo vivia com o jovem Otto Vogelsang, filho do Presidente da organização. Algumas outras moças eram ja-

centa-se com saídas, pão francês e vinho. Seu irmão é o diretor de uma orquestra sinfônica, que está no ar todas as quintas-feiras à noite. É mais moço e faz milhares de dólares!

— Mas Monty nunca conseguiu isso — falou Betty com olhar astuto. — Se chegasse a tanto, você se apaixonaria por ele?

— Nunca — respondeu a moça a tir gestosamente.

— Você não sabe, mas ele gosta de você, aposto.

— E eu também aposto em que nunca lhe entrou na cabeça tal pensamento. — E depois de vestir-se: — Juro como não casarei com ninguém, Betty.

— Por causa de Evans.

— Nada disso.

— Então... por causa de Sidney Borrows. Eu sempre o detestei.

— Não sei — respondeu Jennifer com aquela entonação de voz sempre indecifrável, de quem está cansada. E concluiu: — Na verdade eu não me acho com qualidades bastantes para interessar os homens. Além disso, não os vejo suficientemente.

Ergueu-se e saiu para o terraço, encaminhando-se para o estúdio de Monty, onde caiu como que exausta numa almofada, junto à cadeira de Julie Carteret.

Um quinze ou vinte pessoas estavam lá, descansando confortavelmente em suas poltronas, e três homens ao piano. Um deles sentado na banquetta, e Monty de pé, ao lado de um violinista de porte alto, moreno, olhos brilhantes, rosto delicado, a afinar com o piano.

Jennifer estava sentindo a expectativa geral. Julie pousou a mão sobre a cabeça de Jennifer que se sentara numa almofada no soalho, ao pé da mesma.

Ela nunca tinha visto um violinista tocar, e conhecia esse instrumento apenas pelo rádio. Não tirava os olhos dos dedos do pianista, do arco do instrumento, das cordas e esperava que de toda aquela preparação saísse qualquer coisa de dramático e de belo.

Quando lhe apresentaram Stanislaus, ela ficou muda, como se nada pudesse dizer acerca de sua arte. Aquele velho sentimento de timidez a tomou toda, inibindo-lhe a voz, perturbando-lhe o pensamento, e nem sequer sorriu amavelmente. Momentos depois, quando ajudou a servir lanches de queijo e salmicha, ela já se sentia um pouco mais à vontade. Nesse instante uma das senhoras presentes disse ao musicista que ele era extraordinário, generoso, o que levou Jennifer a contestar.

— Oh! Não. Não penso assim.

— Por que então julga você que eu não sou generoso? — indagou o violinista estranhando a assertiva, embora achando muito divertida a opinião de Jennifer.

Ela o fitou com os seus belos olhos azuis.

— Bem... não.. Se eu... se alguém pudesse ser assim... — respondeu ela a gaguejar — isto é, quero dizer, seria uma coisa tão surpreendente...

— Sim, tem toda razão — voltou o músico, concordando.

Algum tempo depois, Jennifer se encontrou com o violinista, sentando-se um ao lado do outro, num dos sofás da residência de Monty. Seis pessoas lá estavam também, com as cabeças para trás, descansando tranquilamente, protegidas por macios travesseiros, pernas alongadas, em atitude de sesta. Muitos sustentavam copos e fumavam. A sala ficara cheia de fumaça azul e tênue. O piano estava com a tampa descida, enquanto uma gentil "miss" inglesa, alta e vigorosa, cantava



em surdina uma canção, uma saudosa balada acompanhando-se a si própria.

Uma das estrofes dizia assim: "Meu verdadeiro amor possui meu coração, e eu, eu tenho o seu". Polly Upton assim cantava sua balada sentimental. Jennifer sentiu que uma forte mão apertava a sua. Voltou a cabeça e viu o violinista ao seu lado a sorrir e a fitá-la amorosamente. Nas poltronas e nos sofás macios, outros pares descansavam em meio à penumbra.

Na noite seguinte, quando ela voltou do trabalho, achou uma carta com o seu endereço. Era de Stanislaus Lichtenstein. Dizia assim:

"Minha querida Jennifer.

Você não pode calcular com que emoção eu a deixei à noite passada, e o que senti quando a vi deixar-nos retirando-se pelo terraço, com Monty. Foi um sentimento ao mesmo tempo tão puro e esquisito que, mesmo supondo que não a veja mais, julgo-me premiado com aquela felicidade de inestimável valor. Um lírio do vale encontrado a abrir seu cálice numa floresta na primavera; uma gaivota branca a mergulhar suas asas nas águas do mar azul! Foram estas as impressões que você deixou em mim, além de milhares de outras emoções de que está cheio o meu coração, no momento em que lhe escrevo.

Esta não é uma carta de amor. Sou um homem casado, beirando os quarenta, com filhos de oito e doze anos. Esses meninos moram com sua mãe em Pennsylvania. Nem eu, nem minha esposa desejamos o divórcio, se bem que estejamos separados há já alguns anos.

Como sou um homem com idade para

ser seu pai, quero apenas saber de você, confidencialmente, se me permite tocar para você em qualquer tempo que desejar; ter o prazer de considerá-la minha pequena e especial amiga, meu guia, minha filha. Não julgue tudo isto um devaneio, um delírio de um homem fora de si; mas, como é muito bondosa, peço-lhe o favor de telefonar-me para o hotel. E, a propósito, tenho um camarote para você e os amigos seus que desejar convidar para quinta-feira à noite.

Do seu em desespero e esperança,

Stanislaus Lichtenstein."

Jennifer leu esta carta e ficou perplexa, desorientada. Foi à cozinha preparar refeição e a leu novamente, com todo o cuidado. Mais tarde, quando as filhas de Betty haviam saído para um cinema que ficava à esquina, Jennifer mostrou a carta a Betty.

— Que pensa fazer agora? — perguntou Betty após lê-la. E com os seus olhos de manha: — Este camarada é aquele que a gente vê em retratos aí pelos tapumes? Pelo amor de Deus!

— Que lhe responderia, Betty?

— Ora... que lhe posso eu dizer? Que poderia responder? Não sei de forma nenhuma. Não me parece, porém, nada bom. Sua esposa, deve você saber, é como uma grande proteção a um homem destes. Com certeza ele deve escrever a uma multidão de moças cartas como esta que lhe dirigiu.

— Não diga isso, Betty. Não creio que ele proceda assim — protestou Jennifer como que ofendida em seu orgulho.

— Sim, mas você não sabe ainda de nada, Jen. E' o sistema dele, isto é, que uma jovem não saiba de nada. Noto cada vez mais, Jen, que você ainda é muito inexperiente nesse negócio de sinceridade e palavra dos homens. Você continua a ser uma criatura inocente, mas precisa saber mais do que já sabe. Esteve você em complicações com Borrows e Eugene Evans; mas permanece com esses mesmos devaneios líricos. Creia-me: não confio muito num homem casado que usa desses processos.

— Não, Betty. Não faço dessas suspeições — disse Jennifer ficando muito corada. — Não seria boa idéia mostrar esta carta a Monty?

Betty não respondeu. Mais tarde, Jennifer, naquela mesma noite, foi ao estúdio do pintor.

— Penso — disse ele — que você já está em condições de dizer-me o que pensa do violinista. — E meteu a mão no bolso para colher o fumo e encher o cachimbo.

— Ah! E' extraordinário! Admirável! E senti não ter correspondido à apreciação de Julie...

— Bem! Posso asseverar-lhe que você impressionou muito a Stan. Permaneceu aqui muito tempo depois que os outros se retiraram e me dirigiu uma série de interrogações a seu respeito, Jinny. Ficou impressionada com a sua erudição.

— Minha erudição?...

— Sua cultura.

— Mas... pouco falei à noite passada — confessou Jennifer perturbada. — Eu

nada disse. Conversei apenas sobre assuntos que estavam sendo debatidos, mas sem preocupação de cultura.

— Não, você fez melhor ainda. Colocou as coisas nos justos lugares. Usou as palavras com absoluta propriedade.

Jennifer não suportou mais e explodiu.

— Monty! Quero ser como sou, realmente. Não desejo aparentar importâncias que não tenho. Nem quero estar a fazer esse jogo de cultura. Quero, porém, continuar instruindo-me, aumentando conhecimentos com as coisas que você sabe.

— Parece-me, a mim — disse ele — que você está conseguindo tudo isso diretamente, a fundo. Antes de tudo, os jovens, os garotos não precisam recordar-se muito do que aprenderam na escola. Os povos mais educados, mais cultos, são aqueles que se ilustram pelo autodidatismo, por si mesmos, lendo, ouvindo, vendo e pensando através da vida, fora dos dias escolares. Você conquistou um tanto admirável junto ao velho Stan. Quer saber uma coisa dentre muitas que me disse a seu respeito?

O olhar que Monty lhe dirigiu então, foi muito diferente de todos os que já lhe dirigira até ali. Prevendo o que seria, ela sentiu que o sangue lhe subia às faces e fez com a cabeça um gesto negativo de reprovação.

Com uma expressão seca e mesmo triste, Monty lhe confessou:

— O que me causa estupefação é ter eu ao meu lado uma jovem como você e não cair de amores por ela.

(Continua)

IRINA STEPANOVA, famosa bailarina do teatro Mariinski, e o conselheiro de Estado, Dimitri, amam-se mutuamente, com loucura. De comum acordo eles combinam abandonar suas respectivas carreiras, casando-se e retirando-se para a vida rural. Mas, justamente antes de Irina representar seu último número naquela noite do teatro Mariinski, o que seria a consagração de seu talento, chega diante dela o príncipe Boris, enviado da Corte, e lhe pede que abandone o amor de Dimitri, pois essa união, afastando o conselheiro da Corte Imperial, priva o Tzar de um elemento precioso. Com o coração despedaçado, Irina se inclina ante essa razão de Estado. Para se justificar perante Dimitri, ela simula que não pode deixar sua carreira artística. E é assim com a alma em luto que entra em cena, e nos conta depois, esta história...

Com os meus olhos turbados pelas lágrimas, percorro o imenso mar de cabeças na platéia, nos camarotes. Parecia que o teatro oscilava como um barco sobre as ondas. E eu dizia de mim para comigo: "Esta vez será mesmo o fim... Não poderei ao termo de minha interpretação".

Subitamente enorme sensação me percorreu o corpo todo... Lá na platéia, vejo-lhe a cabeleira de ouro pálido, sua grande silhueta... Era Dimitri que acabava de entrar e tomar sua poltrona.

Procurei controlar-me apesar de estar a gemer sob a dor de minhas mágoas. E prometi a mim mesma que ele não deveria saber de nada...

Num desesperado esforço, reunindo todo o vigor físico e moral, concluí minha performance, realizando mais uma noite de coreografia clássica. Formidável ovação irrompe da platéia, rola por todos os recantos, se avoluma...

O pano de boca se ergue, torna a baixar, torna a subir... Eu venho à ribalta na ponta dos pés, uma, duas, três vezes, e tenho vontade de gritar: "Muito obrigada! Piedade!". Entretanto, mando meus sorrisos à direita, à esquerda, naquela pose imortalizada por Degas.

Imediatamente vejo uma multidão de gente a invadir os bastidores, a caixa do teatro a chamar-me: "Irina Stepanova!", "Stepanova!", "La Stepanova!"...

Corri e me encerrei no meu camarim. Estava exausta, como se perdesse as forças. E já era tempo. Percebi como se estivesse dentro de um nevoeiro, o grito angustiante de minha "habilleuse". E não tive consciência de nada mais.

Insistiam para ver-me, felicitar-me, abraçar-me. Porém, ela ia dizendo:

— Stepanova repousa. Está muito cansada. Levem todas estas flores e deixem no vestibulo. Ela não pode receber ninguém agora.

A voz vigorosa e enérgica de Varvara Alexievna, me despertou. Como se despertasse de um sono profundo, abri os olhos.

— Graças a Deus! — murmurou Varvara. E virando-se para minha empregada: — Por tudo quanto é sagrado, Tatiana, deixe de fazer mais preces e me passe a garrafa de vodca.

Eu me sentia enfraquecida e me deixei dominar pelas amorosas mãos de Varvara, como uma criança de colo.

— A senhorita esteve soberba — disse-me. — A cena da loucura parecia tão real, com um realismo tão intenso, que toda a platéia chorou. Como estou orgulhosa, Irina! És a maior bailarina de toda a Rússia.

Mas eu mal escutava. Era como um corpo sem alma.

Varvara acabava de deixar-me, quando Tatiana me entrega um envelope, denunciando nos olhos um ar misterioso. Olhei a letra e reconheci ser de Dimitri. Com as mãos trêmulas, rompi o envelope.

— "Meu amor! — dizia o bilhete. — Deixei o teu camarim como um louco. Sofro muito. Lá fora neva... É noite densa e fria. E pensei como seria minha vida de agora em diante, sem ti..."

Meus olhos se inundaram de lágrimas. Parei a leitura. Os soluços me sufocavam. Mais calma, pude continuar a ler:

— "Então me apressei em vir à tua presença para te rever, estreitar-te entre meus braços... Já que não pude vê-la no camarim, tive o prazer, a ventura de

SEJA FEITA A VOSSA VONTADE

admirá-la no palco, lá de minha cadeira, como sucede todas as noites. Vite, Irina, vite a dançar, e compreendi muito bem porque te amo tanto. Eu nada mais sou que um pobre mortal, enquanto tu és uma fada. E não se deve aprisionar uma fada. Deixei o espetáculo com a alma despedaçada. O que vira era sobrenatural, maravilhoso, inesquecível... Então te fiz estas linhas lá no vestibulo. Era preciso que te dissesse tudo isto, e te diga adeus, meu anjo, meu único amor".

Passam-se os dias, pesados e mornos. Refugiei-me em minha profissão como um naufrago em seu bote. Não me sentia bem em parte alguma. São Petersburgo, especialmente, me era profundamente odiosa. Cada jardim, cada passeio, cada uma de suas ruas me relembravam os meus dias de felicidade per-

dida... A cada passo eu parecia ver surgir o fantasma de meu pobre amor. Compreendi então que, se permanecesse por mais tempo ali, findaria louca. Moscou me chamava desde muito tempo. Então parti para lá no fim do mês de junho, a fim de dar uma série de espetáculos no teatro Bolchoi.

Fiquei surpreendida ao ver que grande número de meus admiradores do teatro Mariinski me seguiram como um só homem e vieram misturar seus aplausos aos do meu público de Moscou.

Estava a representar em Moscou, quando scubemos da tremenda notícia do atentado de Sarajevo, do qual sairia a conflagração europeia. Um mês e meio depois, entrava a Rússia na guerra.

Dai por diante foi um rosário de tristezas e preocupações. Noites sem entusiasmo. Meu coração apertado. Cadeiras



vazias. O exército chamava às armas todos os seus soldados. Então disse eu a Tatiana:

— Eles, esses bravos oficiais me acompanharam a Moscou; eu vou agora segui-los até o "front". Vou à frente de batalha dançar para eles.

Estava eu tratando de todas as providências para realizar esse projeto, quando minha fiel Tatiana veio comunicar-me que um senhor trajando roupas de viagem estava na sala de espera para falar me.

— Quem é? — perguntei. — Algum crítico?

— Não sei. Ele se esquivou de dar-me o seu cartão.

Não sei por que motivo, mas essa visita me pareceu igual a uma outra que recebi, tempos passados, no teatro Mariinski. E meus pressentimentos não me enganaram. Ao chegar à sala, o príncipe Boris se ergueu encaminhando-se rapidamente para mim.

— Ah! Minha prezada Irina! — suspirava ele beijando-me as mãos.

— E Dimitri?... — balbucei instintivamente.

Ele me fez sentar e puxou uma cadeira para perto de mim, prosseguindo:

— Acabo de chegar de São Petersburgo. Eis o que se passou, em poucas palavras: Dimitri e eu estávamos à frente de uma conspiração dirigida contra Rasputin; mas fomos traídos. Por isso Dimitri está em máus lençóis e eu... da mesma maneira.

— Deus meu! — murmurei angustiada.

— Mas... é só isso? Como me fez estremecer de medo com o começo da história!

Nunca mais esquecerei do olhar que o príncipe me lançou. Em seguida, falou:

— É tudo o que tem a dizer? Na verdade, Irina, você não pode calcular a gravidade da situação. — E baixando a voz: — Em perdendo você, Dimitri perdeu tudo. Somente a causa pela qual lutava, lhe mantinha a vida. Agora... ele se aniquila como um animal doente. Até se recusou a receber-me, a mim, seu mais fiel amigo... Bem sei que não tem ele mais que um desejo: — acabar o mais rápido possível, com uma existência que lhe é um fardo insuportável.

As lágrimas rolaram pelas minhas faces.

— Ama-o, assim, tanto, minha pobre Irina?

— Sim... Amo-o cada vez mais... — balbucei esmagada pela dor.

— Então... venha! Venha sem perda de um minuto. Não temos mais que um quarto de hora para apanhar o trem de São Petersburgo, que partirá dentro de quinze minutos...

No dia seguinte estávamos na cidade dos Tzares. O príncipe me leva a um fiacre. Eu estava com os cabelos em desalinho, coberta de pó; mas imensa alegria me invadia dos pés à cabeça. E pensava com os meus botões: — Ele está agora bem perto de mim... Eu o verei! Meus Deus! A alegria é tanta que tenho medo de morrer!

Quando chegamos à residência de Dimitri, fomos recebidos pelo meu velho conhecido Vassili, seu inseparável criado. Logo que me reconheceu, foi exclamando com acentos de grande mágoa:

— Ah! Madame... Porque não veio antes? Assim ele não teria partido...

— Partido?... Para onde?... — gritou o príncipe. — Fala, animal!

— Foi incorporar-se ao exército Nariev... Isto foi feito subitamente, eu o afirmo. Partiu tão depressa... Ninguém mais o viu. Ah! Como todos sentimos!

O príncipe teve que me amparar, tão mal me senti. Naquela mesma noite comecei a queimar de febre.

Muitos dias assim fiquei recolhida ao leito de um hospital. Logo que comencei a convalescer, percebi que o príncipe vinha ao nosocômio e passava diante de meu quarto sem parar para saudar-me, como de hábito. Como o médico me havia dado permissão para erguer-me, quis fazer ao príncipe uma surpresa, e fui esperá-lo no salão. Metida num "peignoir", comecei a andar muito vagarosamente. Sentia-me tão fraca! A noite caía e ninguém vinha acender as luzes. Já estava eu pensando que Boris havia saído do

(Continua na pág. 51)

BROADCAST

COISAS DO ESPORTE A especialização no rádio, quanto não seja um fato consumado, já se está impondo. Para exemplo, temos a Emissora Continental, firme no propósito de levar a sério as transmissões esportivas, com o que teve de lançar mão de gente especializada no assunto. E' de ver-se o proveito que vem tirando de tal atitude, a ponto de colocar-se na vanguarda dos acontecimentos esportivos do Brasil e do Mundo, como quando da realização da temporada internacional levada a efeito pelo Vasco da Gama, em que suas transmissões absorveram, por completo, o interesse dos aficionados do esporte bretão...

Mas, o campo de ação da PRD-8 não se limita às pugnas futebolísticas. Abrange os diferentes setores desportivos, existindo, para tanto, homogênea e completa equipe de entendidos em cada ramo. Assim, no que diz respeito ao basquetebol, vamos encontrar esse dinâmico e operoso Saldanha Marinho. Conhecido do

assunto, seu trabalho na emissora que tem em Gagliano Neto o cérebro pensante, é daqueles que chamam a atenção logo à primeira vista, uma vez que o jovem desportista procura trazer os apreciadores do jogo da bola ao cesto, bem a par dos fatos que a ele se relacionam. Aliás, no setor de basquetebol, não poderia ter havido melhor escolha, conhecendo-se do valor de seu encarregado.

Espírito moço, com olhos voltados para o princípio "mente sã em corpo sã", Saldanha Marinho muito contribui para a elevação do prefixo PRD-8, tão oportunas quanto sinceras se mostram suas apreciações sobre o jogo de bola ao cesto. Nós que acompanhamos a marcha dos novos, seguindo-lhes os passos, não poderíamos silenciar ante o trabalho valioso que esse brilhante moço está prestando à Emissora Continental e aos desportistas brasileiros, através de críticas construtivas e opiniões alertadoras.

A. MIGUEIS

RÁDIO-FLASHES

CONFISSÃO

O rádio-ator Paulo Moreno, cuja estreia ao microfone, deu-se através da antiga Rádio Educadora, de há muito integra o elenco de teatro cego da PRA-9. Falando a propósito de sua participação nesse setor, disse-nos o festejado artista: — "Todos nós temos uma inclinação na vida, ao que chamamos vocação, não é verdade? Pois muito bem. Sempre sonhei com o teatro, embora na época do ginásio tenha pensado, com grande interesse em estudar Direito. Tudo passou, porém. O sonho com o teatro persistiu até hoje. Já fiz duas incursões na ribalta, uma com Maria Sampaio e outra com Dulcina no Teatro Municipal. Mas ainda estou à espera do que chamamos "a grande oportunidade". Não sendo possível expandir minha arte nesse setor, fiz um concurso para rádio-teatro, fui aprovado e já estou na Mayrink Veiga há uns seis anos. Essa foi a razão pela qual me tornei um rádio-ator."

UMA NOVELA

Evpressando-se a propósito da radiofoniação de "São Bernardo", que Amaral Gurgel acaba de fazer para o microfone PRE-3, o conhecido homem de letras e figura de prôa de nossa imprensa, escritor Austregésilo de Athayde, afirmou que: "Levar um romance como São Bernardo ao rádio importa em colocar o interesse literário do povo num nível mais alto, de mais arte e sensibilidade".

Essa famosa obra de Graciliano Ramos, a que o largo tirocinio radiofônico de Amaral Gurgel, vem colocar a disposição dos amantes das histórias em capítulos, poderá ser ouvida às terças, quintas e sábados, a partir das vinte horas e trinta minutos, no desempenho do elenco da Globo.

JUVENTUDE MUSICAL

Francisco Cavalcanti, esse apaixonado e estudioso dos assuntos musicais, conti-

nua mantendo na onda da Rádio Roquete Pinto, o já vitorioso programa "Juventude Musical", através do qual têm desfilado personalidades de destaque no gênero. Ainda, agora, ele anuncia-nos para o decorrer do mês de maio, uma série de audições a cargo de Maria Aparecida, Margarida Martins Maia, Denise Socci e Leda Silva. Aliás, no dia trinta e um do corrente mês "Juventude Musical" completará o seu primeiro ano de existência.

Mas, não param aí as atrações que Francisco Cavalcanti promete apresentar em seu programa. Para julho, por exemplo, teremos a pianista Maria Alcina Navarro que, seguramente há dois anos, se encontra em Paris. Em agosto e setembro, supervisionado pela pianista Helena Lorenzo Fernandez, haverá o ciclo Lorenzo Fernandez, em que será focalizada a obra vocal e instrumental do saudoso mestre da Universidade do Brasil.

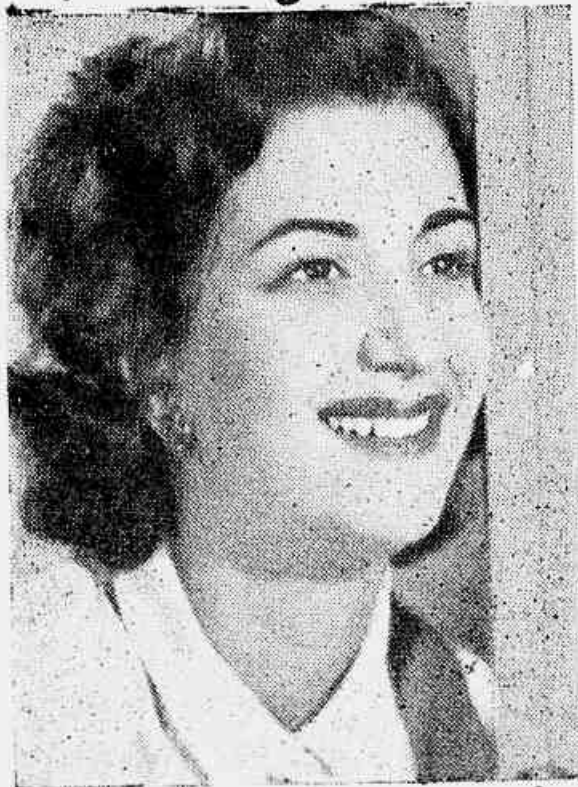
RADIALISTA NA AMERICA!

Heron Domingues, que se tornou popular através das apresentações do ouvidíssimo "Reporter Esso", embarcou para a América, acompanhando a comitiva do Presidente Dutra. O ativo e operoso locutor da PRE-8, ao que soubemos, uma vez concluída sua missão no que diz respeito a visita presidencial, estenderá sua excursão por outros países, a fim de coligir material para uma série de reportagens que a Nacional transmitirá. Conhecida a sua atuação no setor jornalístico, resta-nos esperar novos e interessantes trabalhos do popular "speaker" gaúcho, a quem a PRE-8 confiou a orientação de seu departamento de notícias.

Durante o impedimento de Heron Domingues, a emissora da Praça Mauá lançará mão do concurso de J. Campos, locutor que se impôs a seus pares pela sobriedade e competência com que se tem havido nas missões a seu cargo.

ACONTECEU NO ETER

Dick Farney voltou ao convívio de seus fans, apreentando-se através do microfone Tupi, numa série de programas or-



Lourdes Mayer, acompanhando o esposo, solicitou rescisão de contrato. Fala-se em seu retorno a São Paulo



Paulo Moreno prefere a luz das gambiarras, mas enquanto a oportunidade não surge, ele contenta-se com o microfone



Amélia Ferreira está entre os que vivem os tipos criados por Graciliano Ramos e transportados para o rádio por Amaral Gurgel



VOLTASTE

(Samba)

Nilton Teixeira

Gravação de Orlando Silva

Voltaste, em minha casa vazia
Há tanto tempo sombria
Parece que entrou mais sol
Voltaste, há flores pelos caminhos
A festa entre os passarinhos
E vem saudar o arbol
Voltaste, trazendo a mesma ansie-
[dade]
Para viver a saudade, que ela podia
[mudar]
Voltaste, pediste, ficaste, sorriste.
E eu comecei a chorar.

Voltou contigo a alegria
Voltou o antigo esplendor
O eterno romper do dia
Que foi nosso grande amor
Já não encontra a revolta
Que no meu peito guardei
E penso ao te ver de volta
Que até fui eu
Que voltei.

★

CUENTAS PENDIENTES

Bolero de Maria Alma

Yo maldigo el haberte conocido,
Traicionaste el querer
Que te entregué
Yo quisiera que una vez
Hayas llorado
Lo que antes en un tiempo
Yo lloré.

Ya verás que en esta vida
Bien se paga,
A buen precio el corazón
Sabe cobrar.

Te tendrás que arrepentir
De tus traiciones
Y llorar ya sin remedio
Mi querer.

Yo sé bien que guardas
Dentro de tu pecho,
Una espina que jamás
Te arrancarás,
Eres falso, estás hecho
De maldades, tienes deudas
Muy pendientes
Que pagar.

★

NO ME QUIERAS TANTO

Bolero de Rafael Hernandez

Yo siento en el alma
Tener que decirte
Que mi amor se extingue
Como una pavesa
Y poquito a poco
Se queda sin luz.
Yo sé que te mueres
Cual pálido cirio
Y sé que me quieres
Que soy tu delirio
Y que en esta vida
He sido tu cruz.
Ay amor que no me quieras tanto
Ay, amor ya no sufras más por mí.
Si no más puedo causarte llanto
Ay, amor olvidate de mí.
Me da pena que sigas
Sufriendo tu amor desesperado.
Yo quisiera que tú te encontraras
De nuevo otro querer
Otro ser que te brinde
La dicha que yo no te he brindado
Y poder alejarme de ti
Para nunca más volver.



Jane Wyman, que foi uma forte candidata ao prêmio em 47, por seu trabalho em "Farrapo Humano", obtém o ambicionado "Oscar" em 48, por seu magnífico desempenho em "Belinda". E quase que perde, realmente, a voz — dominada pela emoção...



Sir Laurence Olivier conquistou o título de "o melhor ator do ano", por sua soberba "performance" em "Hamlet" — também considerado o melhor filme do ano. Na ocasião da cerimônia, o grande ator inglês se fez representar por Douglas Fairbanks Jr.

O "OSCAR" DE 48

JUSTIÇA NA ACADEMIA

Como acontece todos os anos, a Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood, reunindo, em março, para a distribuição dos prêmios aos "melhores" do cinema. Se bem que, geralmente, as decisões da Academy Award suscite controvérsias, pois nem sempre sua escolha coincide com a opinião do público e da imprensa, desta vez parece que houve unanimidade na preferência. Pequenas discordâncias podem ter surgido, mas, de uma forma geral, nunca a Academia esteve tão perto da justiça como no ano de 48, entregando os prêmios aos que verdadeiramente lhe fizeram jus. Assim, tivemos um resultado plenamente satisfatório e incontestável, como podemos verificar:

Melhor ator: Lawrence Olivier, em "Hamlet".

Melhor atriz: Jane Wyman, em "Belinda".
Melhor ator coadjuvante: Walter Huston, "Sierra Madre".
Melhor atriz coadjuvante: Claire Trevor, em "Paixões em Fúria".
Melhor diretor: John Huston, em "O Tesouro de Sierra Madre".
Melhor filme: "Hamlet".
Melhor progresso técnico em preto e branco: "Hamlet".
Melhor progresso técnico em technicolor: "Os Sapatinhos Vermelhos".
Melhor colorido: "Os Sapatinhos Vermelhos".
Prêmio de Honra: Jerry Wald, produtor.
Difícilmente encontrávamos, nos anos anteriores, uma escolha tão sincera, tanto mais quando os filmes premiados

fazem parte da produção estrangeira, como "Hamlet" e "Os Sapatinhos Vermelhos", de procedência inglesa, e que levaram a melhor no pleito realizado, demonstrando que a Academia deseja fazer justiça, sem interesses patrióticos sem objetivos particulares, que não o de premiar as obras verdadeiramente artísticas e de valor indiscutível. E aí temos, portanto, uma reabilitação total da Academia. Sua decisão foi honesta e imparcial, e isso só pode servir de estímulo aos que labutam com a câmera, aos que desejam o engrandecimento da sétima arte. Desta vez, a cerimônia foi realizada nos estúdios da Warner, em Burbank, e logo após foi oferecido um jantar no Ciro, onde foram obtidos estes flagrantes, especiais para a REVISTA DA SEMANA. — L. E.



Lew Ayres, que teve também um brilhante desempenho no filme de Negulesco (Johnny Belinda), acompanha Jane Wyman durante a cerimônia da entrega dos prêmios pela Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood



Claire Trevor recebeu um "Oscar", sendo considerada a "melhor atriz coadjuvante", por seu trabalho em "Paixões em Fúria" (Key Largo), também dirigido por Jean Negulesco. No "cliché", vemos-a ao lado de Belinda, ambas satisfeitas com a decisão da Academy Awards



Em cima: Shirley Temple, com seu novo penteado, sobe à tribuna para cumprimentar o público. Shirley, que recebeu vários "Oscar" anos atrás, acha que a decisão foi justa e que os contemplados faziam jus aos prêmios. Em baixo: Maureen O'Hara e Ingrid Bergman, duas das mais bonitas estrelas do cinema, comparecem à cerimônia. Sobre miss Bergman, que se encontra atualmente na Itália para fazer um filme com Rossellini, correu a notícia de que se divorciara de seu marido para casar-se com o diretor italiano



De cima para baixo: Jack L. Warner, vice-presidente da Warner Bros., compara com Jane Wyman os seus troféus. A cerimônia da entrega foi realizada em seus estúdios, que conseguiu ao todo seis "Oscar" no ano findo. Linda Darnell, ladeada de seu marido e do ator Dan Dailey, durante o banquete oferecido aos artistas pela Academia,

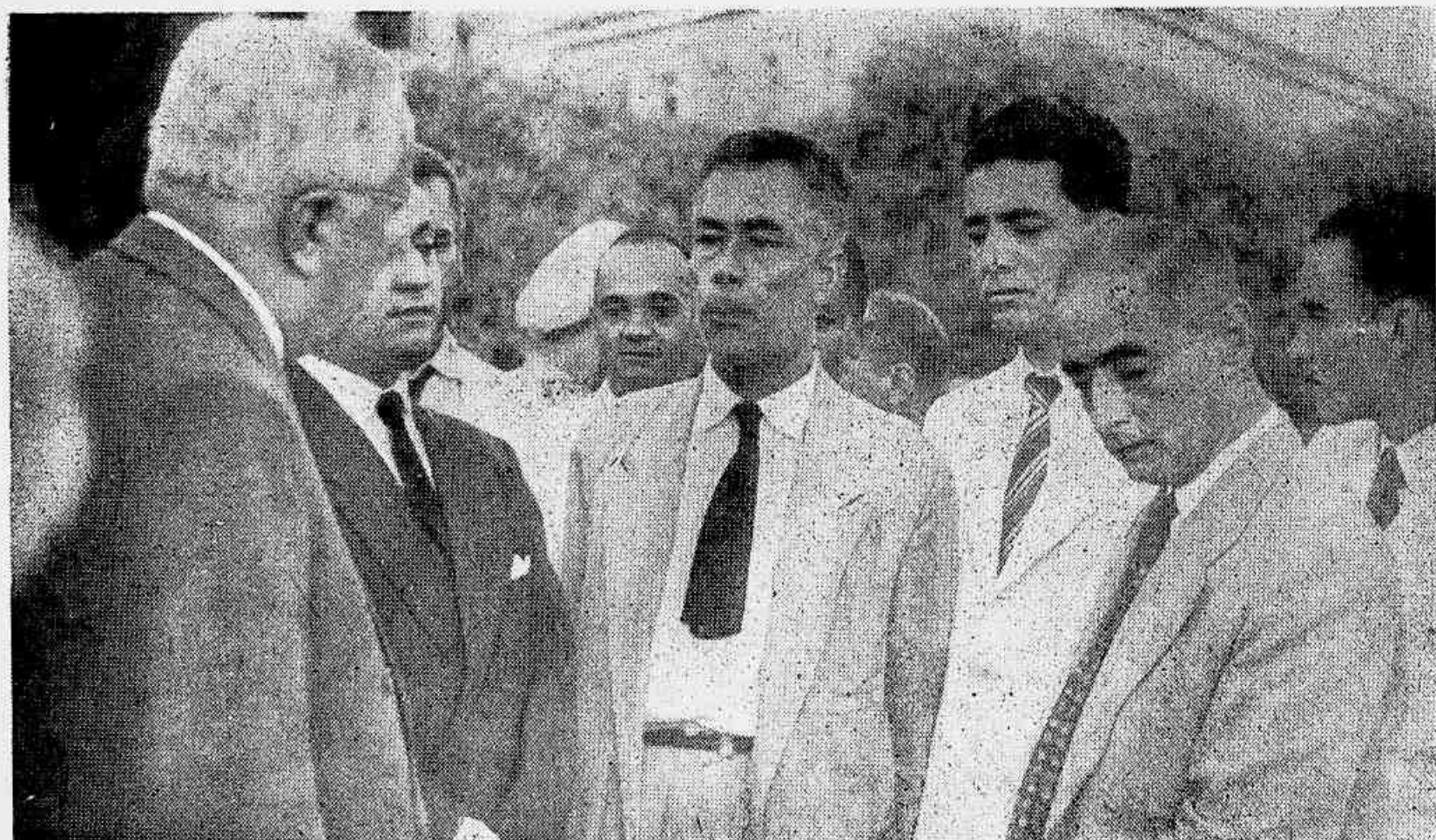


Logo após a cerimônia. Michael O'Shea e Virginia Mayo, noivos há mais de dois anos, também compareceram ao banquete, realizado no Ciro. O'Shea não recebeu nenhum "Oscar", mas, cá entre nós, vocês também não prefeririam uma Virginia Mayo?...





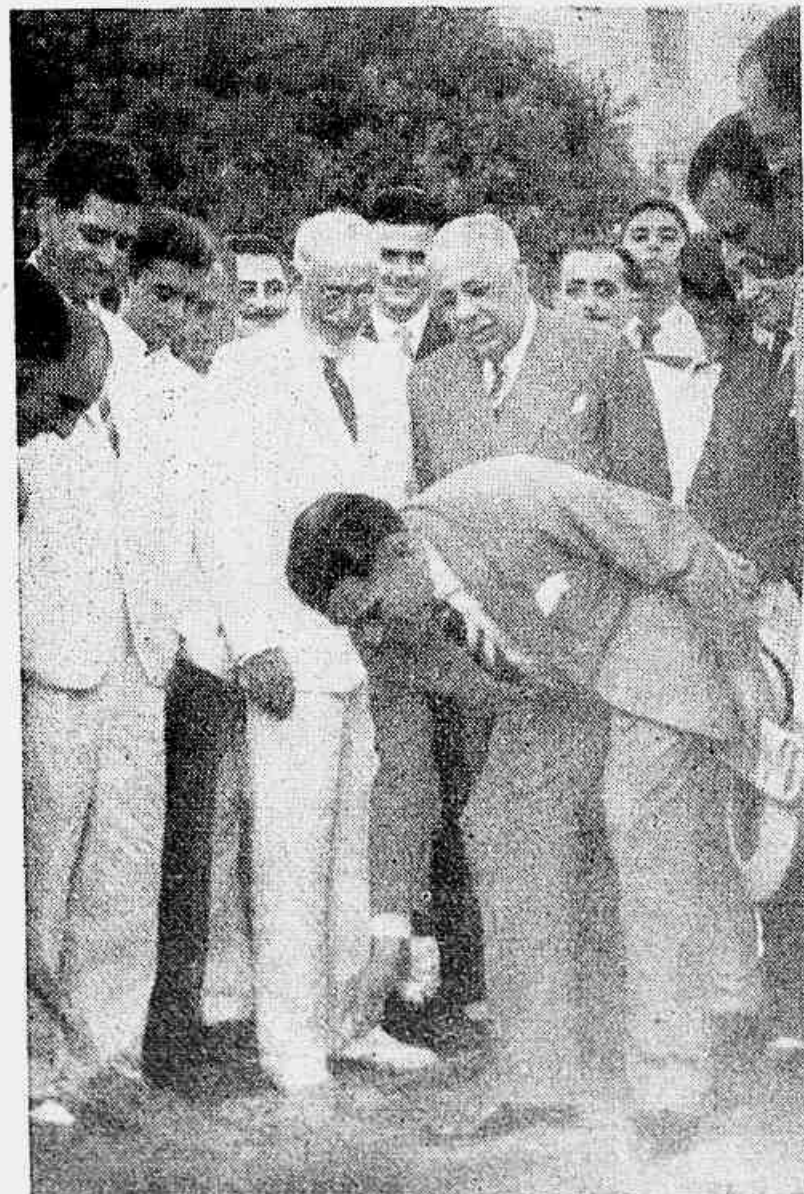
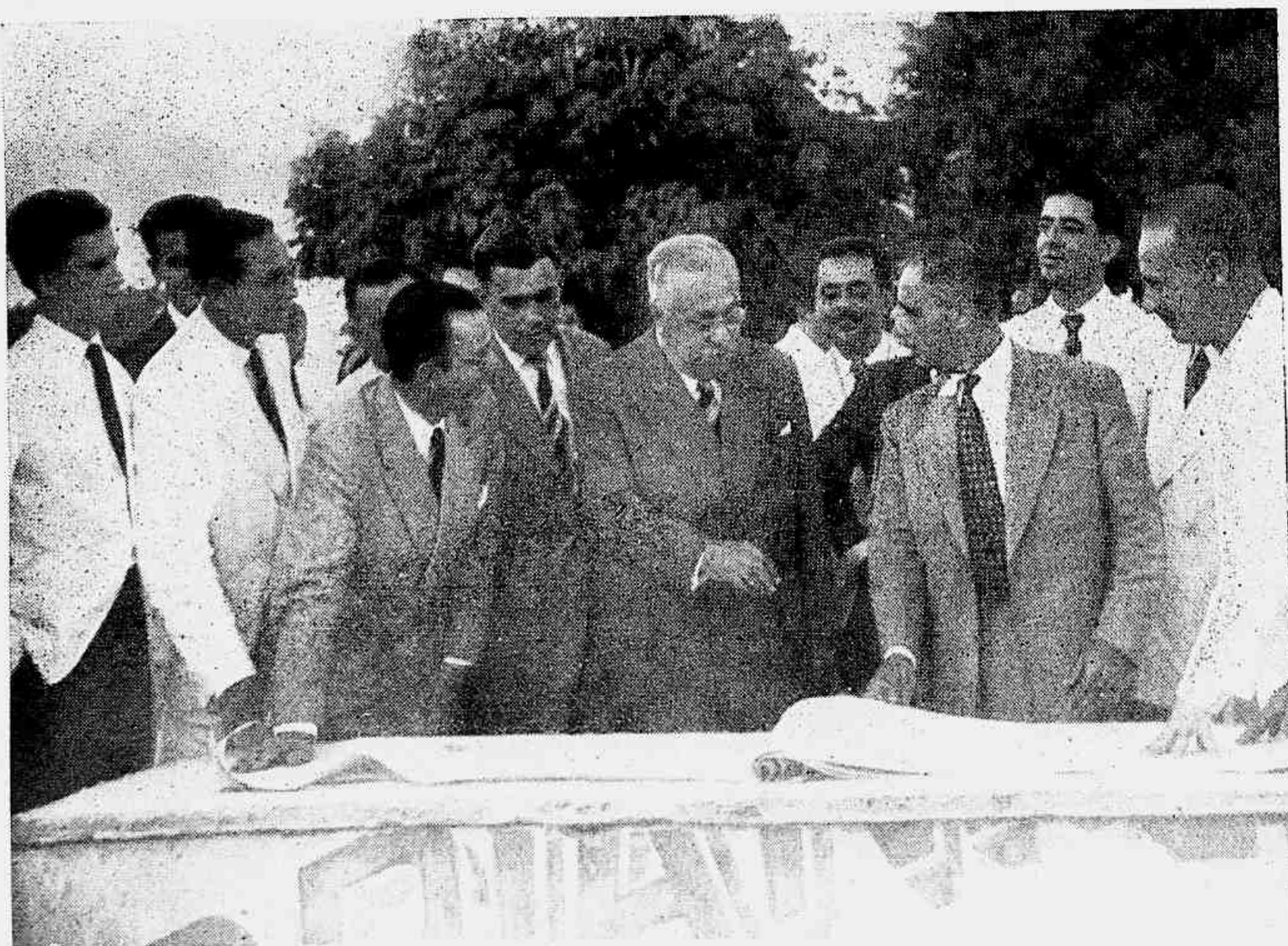
O INSTITUTO DOS MARÍTIMOS NOS CENTENÁRIOS BAHIANOS



Compartilhando dos festejos comemorativos do quarto centenário da Cidade do Salvador, o Instituto dos Marítimos levou a efeito nessa cidade a solenidade de lançamento da pedra fundamental do grande edifício que servirá de sede àquela autarquia, na Capital bahiana. O sr. Milton Santana, presidente do Instituto dos Marítimos, quiz assim brindar a metrópole quadri-secular, na sua maior data, com o início de uma vultosa realização, que certamente produzirá os melhores frutos para a numerosa classe dos marítimos.

A cerimônia, realizada na praça da Inglaterra, local onde será erigida a importante obra, foi presidida pelo governador Octavio Mangabeira e assistida por grande número de autoridades e filiados da mencionada instituição. O chefe do governo bahiano falou sobre o ato, realçando a valiosa contribuição que o Instituto dos Marítimos acabava de dar às comemorações centenárias com o começo de uma utilíssima realização, congratulando-se com o seu presidente e os seus filiados por tão auspicioso evento. O sr. Milton Santana, que foi especialmente a Salvador para assistir à solenidade em apêço, agradeceu o discurso do sr. Octavio Mangabeira, sua presença e das demais autoridades, sendo em seguida batida a primeira pedra da importante obra.

No alto da página — A esquerda, o governador Octavio Mangabeira quando falava em alusão ao ato. A direita, o chefe do governo bahiano colocando a lapide da pedra fundamental da futura sede do Instituto dos Marítimos na Bahia. Ao centro — Um marítimo saúda o governador Mangabeira e o Sr. Milton Santana. Em baixo — A esquerda, o governador bahiano e o Sr. Milton Santana examinam a planta do edifício. A direita ou outro aspecto do fechamento da pedra fundamental



NOS BASTIDORES FEMININOS



Esta é Glória Lange, uma das belezas de Samuel Goldwyn, que ostenta um modelo para a noite em lamê prateado. Clips de rubis sob as alças

POR grandes que sejam as suas preocupações, por imensas que sejam as suas responsabilidades, sempre existirá alguém com preocupações e responsabilidades maiores. E afinal, quem não as tem? Porque então todo esse desespero? O seu mal, amiga, é julgar que ninguém sente como você sente, que ninguém sofre como você sofre, que ninguém vibra como você vibra... Esse é, infelizmente mal de muita gente e não exclusividade sua como você o desejaria...

Pessoas assim como você, têm até um certo prazer no sofrimento; gostam de pensar que ninguém mais sofre da mesma forma... É um prazer um tanto estranho que faz com que olhem a humanidade lá do alto, lá de cima da sua superioridade, considerando-se seres diferentes, que

carregam dentro de si toda a sensibilidade todo o sofrimento que podem existir sobre a terra.

Realmente, é uma forma exquisita de encarar as coisas mas a verdade é que existem pessoas assim, e não com a raridade que se poderia supor. No entanto, na maioria das vezes suas preocupações e suas responsabilidades residem na vida rotineira de qualquer pessoa, sendo no entanto encarada como coisa natural, coisa que a vida sempre oferece.

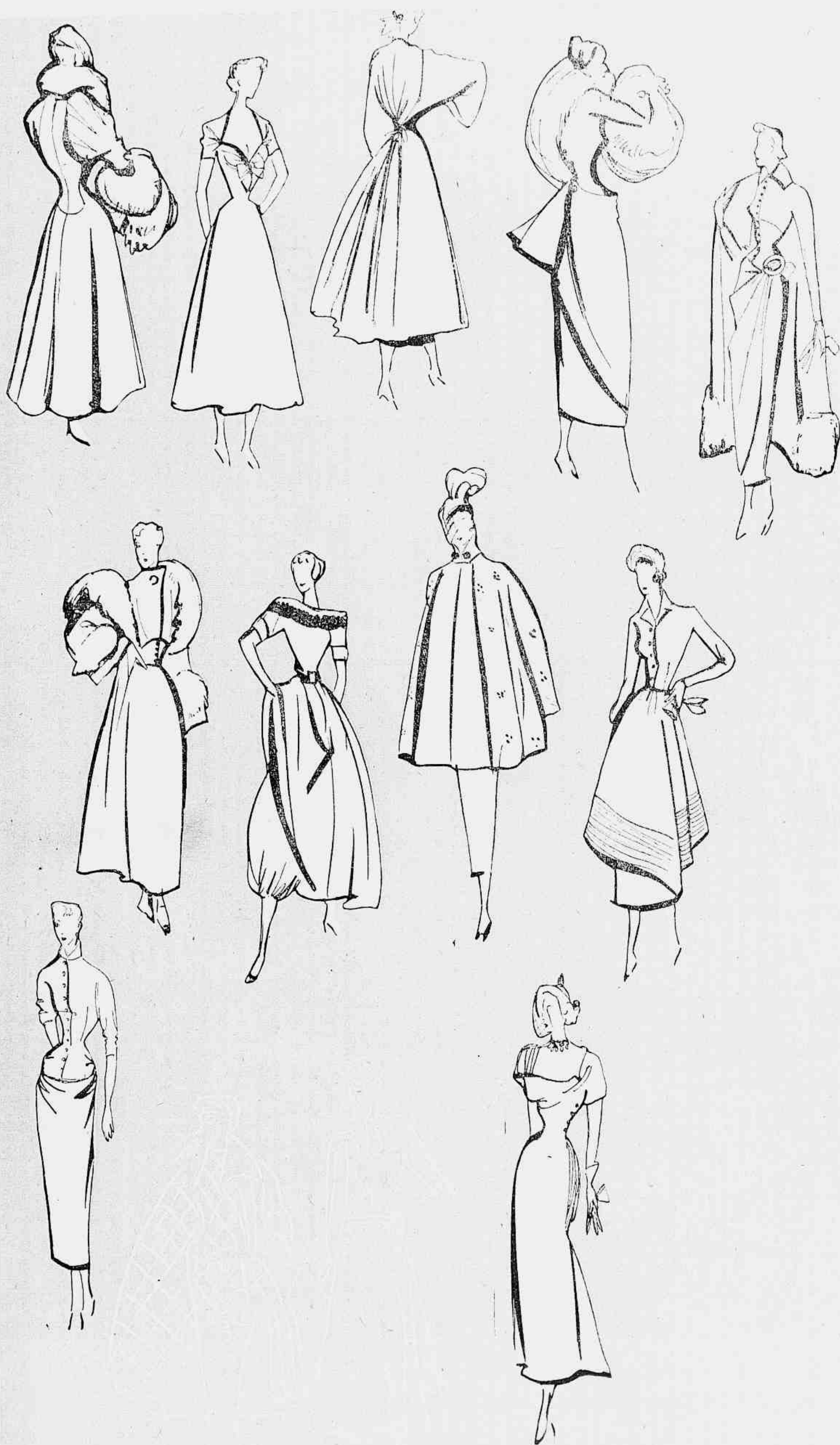
Não há nada, portanto, de original ou de inédito na sua forma de sentir ou de sofrer. Embora que isso tudo lhe é corriqueiro e banal, tudo não passa de uma vontade de ser melhor do que os outros, até mesmo no sofrimento! Por incrível que pareça, existem até pessoas que fazem questão que as suas moléstias e as suas dores físicas sejam maiores do que as molestias e as dores físicas dos

outros. Quantas vezes já não ouvimos isto, de uma amiga, depois de uma nossa enfermidade ou sofrimento qualquer: ahi filha, você não sofreu o que eu sofri..."

O que em geral acontece com tais pessoas, é que o "publico" se vai cansando de tanta superioridade e elas passam então a ser as "incompreendidas", criaturas que os "insensíveis" não conseguem entender...

Se passassem a encarar os seus problemas como todos os encaram, se passassem a considerá-los também iguais aos problemas de todo o mundo, por certo encontrariam maior apoio e maior compreensão.

Mas isto as tornaria "igual" a todos, pensamento que não lhes é nada simpático.



ÚLTIMAS CRIAÇÕES

NESTA página reunimos as mais originais criações dos costureiros francêses, para a nova estação. Todas as novas tendências estão aqui reunidas, quer se trate de vestidos ou de agasalhos. Há realmente, neste "apanhado" de bom gosto, detalhes muito interessantes que sem dúvida alguma a agradarão. Escolhendo qualquer um destes modelos, você pôde estar certa de que está rigorosamente em dia com a moda.



JEAN DESSES



ROBERT PIGUET



JACQUES FATH

MOLYNEUX



HERMES



AS "jeune-filles" estão de parabéns. Para elas, os costureiros franceses criaram para outono e inverno, os mais graciosos modelos de vestidos, boleros, casacos, etc., destacando-se a de Jacques Fath que é constituída de uma saia em lã xadrez preto e branco, abotoada numa "sweatter" preta e usada com um "cloche" preto. Para adquirir outro aspecto, use a "sweater" com uma saia preta e com uma estola e "cloche" em lã quadriculada preta e branca. Todos os demais modelos aqui apresentados têm a recomendá-los a sua graça, a sua originalidade e os nomes dos seus criadores.



BRUYERE



M. ROCHAS



Fui visitar o Jarbas. O Jarbas é um desses pobres heróis anônimos, ferroviários, que passam toda uma existência, sertão a dentro, a guardar as guaritas das estradas de ferro, primeiros marcos de uma civilização que tarda. É um conferente. Ainda não está totalmente refeito do susto que passou, quando viu sua guarita assaltada por dois cangaceiros que quase lhe tiraram a vida, lá para os lados da Madeira-Mamoré. Eu, felizmente, nunca me perdi por aquelas bandas; mas, à proporção que Jarbas falava, comecei a imaginar uma estaçãozinha cinzenta, de madeira, colocada à margem de dois fios paralelos de aço, vindos do infinito com direção ao infinito, e que cortava ao meio a caatinga verde. À direita, a ondulação dos morros solitários; à esquerda, um riacho, a planície, e um céu distante que se aproxima, furado de estrelas.

E o Jarbas começou a falar, enquanto molhava na língua a palha do cigarro que acabava de enrolar:

— Quando o S-104 partiu, e mergulhou pela escuridão da noite, fiquei ainda a olhar, por alguns momentos, o clarão que as fagulhas da máquina ia deixando pelo ar, de envolta com os grossos rolos de fumaça branca que se enrolava pelo céu. E, ainda da plataforma, olhei o relógio da agência que ficava ali mesmo perto da janela: onze horas e cinquenta e quatro da noite...

A estação calou, outra vez, no seu habitual silêncio; e eu precisava preparar-me para encerrar o expediente do dia; lacrar a fêria, confeccionar a remessa, e outros afazeres próprios do serviço ferroviário de cada dia. Como só teria outro comboio a reclamar a minha presença no telégrafo às quatro e tanto da madrugada, encaminhei-me para a agência, depois de verificar, com uma vista de olhos, se os sinais de distância permaneciam acesos, e se não havia ali pela plataforma algum passageiro retardatário a dormir, como era comum, pelos bancos escondidos na penumbra deixada pela luz do único lampião a querosene que, somente, alumia de um dos ângulos

NO CAMINHO DE OESTE

CONTO DE KADIR SWARA

do edifício. Rio Fundo, que era o nome da tal estação, era uma espécie de parada, aberta ao tráfego para atender apenas à safra da laranja, e alguns estancieiros, que por ali viviam espalhados pelas elevações mais afastadas do lugar. Era eu, o chefe, e o Ferreira, os únicos representantes da administração no lugar; e naquele dia ali estava este seu velho amigo a cumprir, conforme estabelecia o regulamento, as vinte e quatro horas de serviço impostas pela tabela do trecho.

E com o ruído do trem já bem distante, entrei para a agência, encostei a porta de entrada, e, arriando um pouco a tocha do lampião que começava a fazer fumaça, sentei-me à mesa do expediente e apanhei o registro de rendas do dia. Estávamos, ainda me lembro bem, no mês de Novembro, no auge, portanto, da safra, quando a Estrada arrecadava por ali quantias que compensavam, fartamente, as despesas dos meses anteriores. A seguir, abri a gaveta da mesa, e me absorvi a contar o dinheiro, com muita atenção, a fim de verificar que não havia de permoio com as verdadeiras, algumas cédulas falsas, muito frequentes na época. E quando terminei a contagem, estava assombrado: cento e quarenta e oito mil trezentos e vinte cruzeiros!...

Que bela quantia tinha eu arrecadado naquele dia! E isto era, apenas, o resultado da verba de mercadorias, com exclusão, portanto, da de viajantes que, bem, esta era mais modesta: apenas cento e quinze...

Bem, a remessa hoje, terá de ser feita com todas as honras do estilo; — conclui, colocando, satisfeito, o boné no canto da mesa. E lacrei tudo aquilo em pequenos

pacotes de dez mil cruzeiros; quando terminei, apanhei aqueles quinze envólucros, e, contra os meus hábitos, e não sei mesmo por que, ao invés de guardá-los no cofre, que estava ali em frente, resolvi deixá-los, por alguns momentos, dentro de uma caixa de "torniquetes" velhos, que estava ao alcance do meu braço ao lado da mesa.

O relógio acabava de pingar, sonoro e grave, duas solenes batidas.

— Puxa! Duas horas e eu ainda ali, de pé! Levantei-me dali e fui passar uma revista pelo armazém ao lado; lá estava estirado a um canto, e em cima de uma tábua, o Vergueiro, meu único auxiliar de serviço. Ótimo. Vou fazer o mesmo — conclui. — Voltei, mudei a folhinha para o dia que começava, e quando me preparava para tirar, ali mesmo, um reconfortante coxilo, ouvi que do lado de fora alguém batia no guichê:

— O seu agente! Seu agente!...

Coecei a cabeça. Ora mais esta! Quem estaria, àquelas horas, e já tão cedo, a me aborrecer!... Naturalmente, algum sujeito que não tinha relógio em casa, e vinha incomodar os outros a horas mortas...

Mas a voz insistia: O de casa! O seu guarda...

E'; não havia mesmo remédio para aquilo senão abrir. O homem estava disposto a não me deixar sossegar. Que deshumanidade! Sai então de onde estava, e, já com um desaforo na ponta da língua, preparei-me para receber o intruso; sentei na cadeira de pau em frente os bilhetes, e quando levantei a tampa do guichê, um braço de homem enabafustou pela abertura, ao mesmo tempo em que um enorme e niquelado re-

vólver aparecia, reluzente, bem em cima do meu nariz:

— Não te mexe, mocinho! — Intimou alguém do outro lado de fora. Fiquei ali mesmo, paralisado. Nunca tinha acontecido isso em minha vida! E' no meu torpor, ainda pude ver dois olhos que me espreitavam, esgaseados, vindos lá da escuridão através do guichê.

— Já avisei; quieto aí! — repetiu. Mas eu não estava me mexendo... estava completamente aterrorizado com tudo aquilo... levantei instintivamente os braços, como fazem no cinema, e não pude tirar os olhos daqueles olhos que estavam ali, olhando para mim, sem piscar...

Mas outra voz acrescentou: — Deixe, Vig...

E eu vi então que o revólver ia se afastando do meu rosto; e fui ficando um tanto desabafado; mas, um momento apenas, porque senti, quase ao mesmo tempo, outra arma que catucava as minhas costas, por trás de mim; olhei, rápido, e encontrei a cara risonha de um sujeito que, já dentro da agência, vigiava os meus movimentos. O que estava lá fora entrou então, e ainda com a arma na minha direção foi dizendo:

— Vamos! Passa p'ra cá o bólo!...

Eram, agora, dois revólveres que me ameaçavam a cabeça...

Eu, esparramado na cadeira, entre o ângulo da parede e a bilheteria, não sabia como reagir. Pensei no Vergueiro, que dormia no armazém; mas, como chamá-lo? Eles me matariam, certamente...

E continuei sentado; não sei se de medo, ou para dar tempo ao tempo e salvar a situação; pois sabia que estava ali, ao meu lado, e sob minha responsabilidade única, a maior, a mais gorda renda do ano, produzida pela estação; e isto muito me incomodava, pois a alta administração da estrada dificilmente acreditaria num roubo levado a efeito, e pela primeira vez naquelas paragens, logo num dia desses...

Olhei então para aquelas duas caras, lívidas e barbaudas, que me fitavam, num

(Continua na pág. 50)

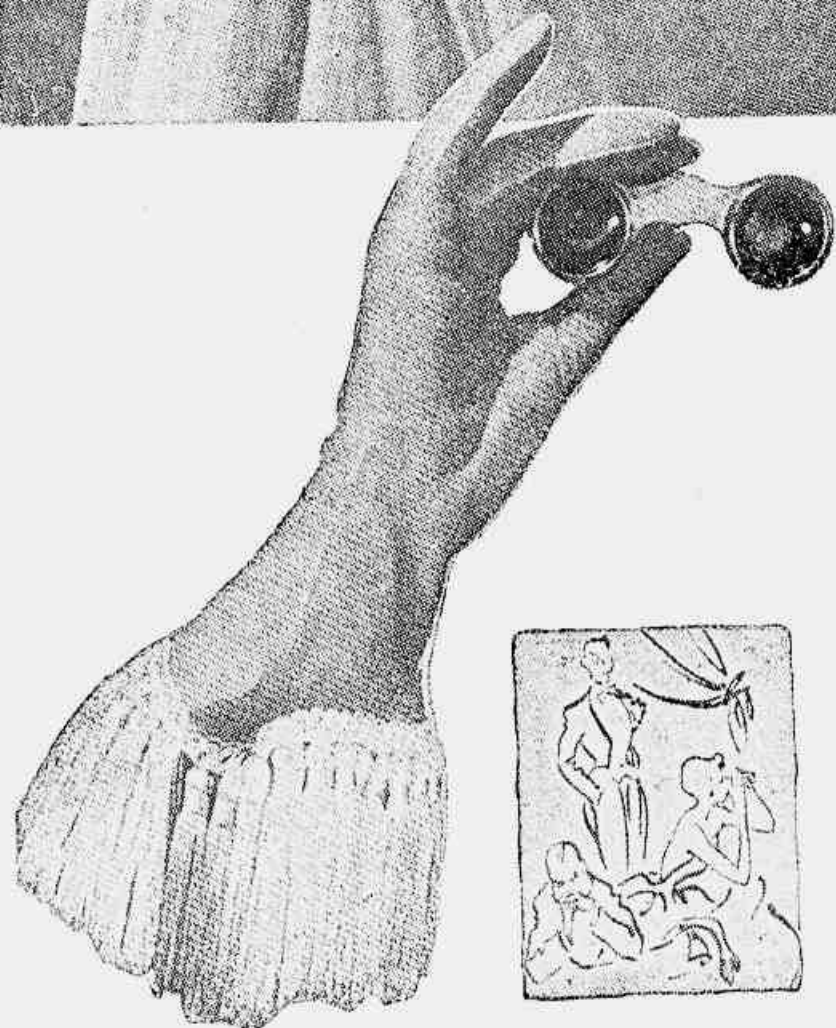


Notável criação francesa, para a noite em mousseline branca, corpo bordado, lenço completando o penteado em finíssima seda, verde claro



Um sapato de camurça para os dias de frio, de feitio bem original

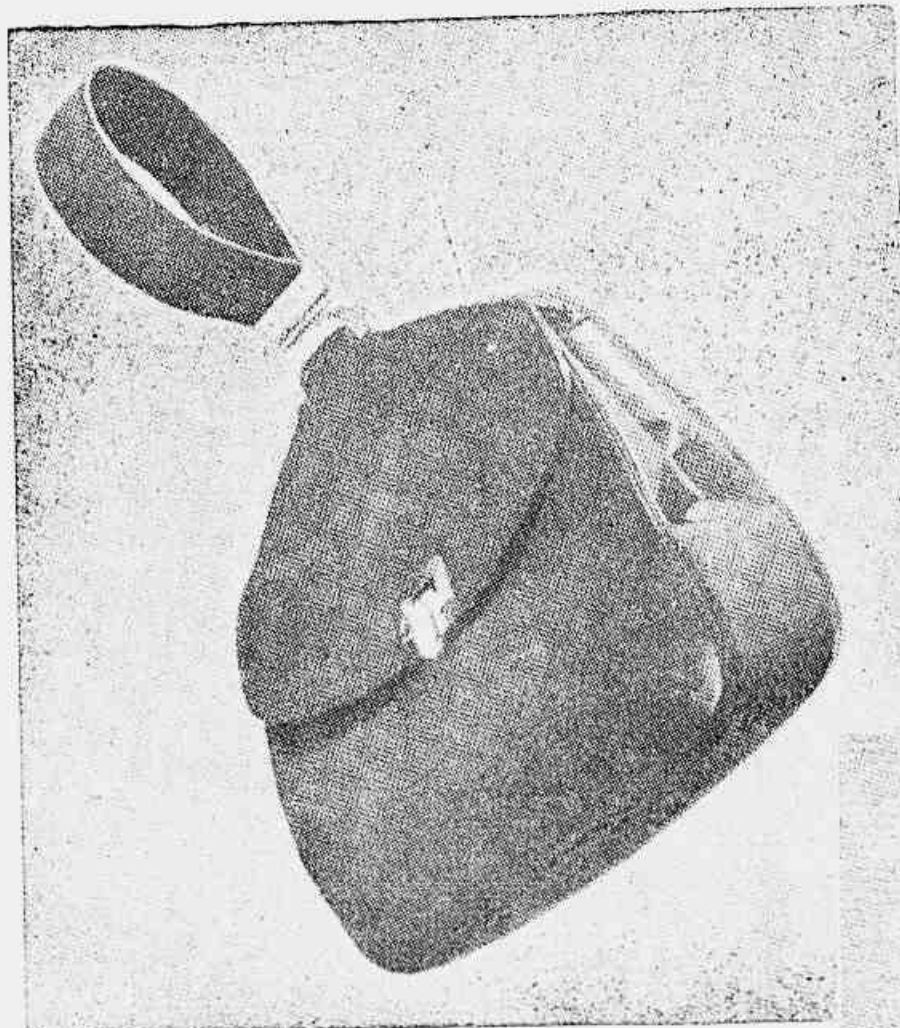
DETALHES E NOVIDADES



Hermès sugere para as horas elegantes, luvas verdes com franjas brancas, última palavra em elegância



Em cima: Colar tecido em fios de ouro ornado de pérolas em cor natural, vermelhas e verdes



Em cima: Bolsa de couro com alça larga, elegante e prática; à direita: lindíssimo anel de topázio incrustado em ouro



Vestido com diversas funções. E' "short" também, próprio para a praia e esportes



Por LUCILE D'ARLEMONT

Como era deliciosa a vida entre eles! Ambos da encantadora Suécia, vieram unir-se em Hollywood.

Ela, inegavelmente, uma das mais famosas "estrêlas" do Império do Cinema; ele, um dos grandes médicos psiquiátricos dos Estados Unidos.

Quando ele a via na tela interpretando papéis difíceis, dominando as platéias do mundo inteiro, ficava enternecido, enlevado na contemplação daquele milagre de talento artístico, e murmurava com seus botões: "Como é linda e genial, minha mulher!"

Por sua vez, sempre que ele se saía bem de uma pesquisa, de uma conferência difícil e complicada na seara das alienações mentais, na pessoa de um cliente desequilibrado, ela murmurava, contente: "Como é extraordinário meu espôso!"

E os dois viviam naquela dulcíssima lua de mel que não terminava nunca.

Um dia, porém...

A oferta de um bom contrato para filmar na Itália, numa das ilhas Lipari, ao pé do impressionante Stromboli, a tentou como se fosse um chamado dos deuses Olímpicos para visitar os domínios de Eolo.

Consultaram-se mutuamente. Nada obstava. Ela era uma "estrêla do cinema", devia contribuir com seu talento, sua beleza, sua cultura, seu valor artístico para aumentar, cada vez mais, o patrimônio da civilização.

E ela foi. Um produtor italiano desejava fazer um filme diante do altar fumegante do vulcão. Seiscentos e sessenta metros de altura naquele eterno facho de luz ameaçador, como gigantesco isqueiro que a Natureza mantém sempre aceso para lembrar ao homem que o fogo é como a fé, não pode apagar-se nunca.

Sob a maravilhosa ternura do clima da Sicília, a "estrêla" começou a emprestar sua formosura física e espiritual à grande película que terá como cenário um dos mais belos recantos deste mundo.

Mas o povo gosta de murmurar, de cochichar cousas ao ouvido do vizinho. As comadres da Stromboli, a ilha "background", começaram a mussitar certas cousas entre a "estrêla" e o diretor italiano. Das conversinhas de janela a janela, o assunto veio à rua, da rua à imprensa, e desta aos olhos do mundo inteiro.

A "estrêla" estava em pleno romance de amor com o cineasta! A notícia causou sensação nos meios sociais e artísticos de Hollywood. O espôso leu, estarrecido, a incrível reportagem.

Largou os seus paranoicos não mãos de um outro especialista e, antes de ser ele próprio vítima de uma perturbação mental, tomou um avião e largou para a Itália.

Pelo caminho os jornais iam relatando o "romance" entre a espôsa e o invasor de seus afetos. Era preciso expulsar o intruso ou esclarecer o episódio.

Ansioso, elegante, o médico de Hollywood que voara meio mundo para retirar do espírito essa atroz suspeição, já verificou tratar-se de um boato, de uma espécie de "publicidade" cinematográfica. Mas, não poderia ele ter evitado a longa e custosa viagem? Sim, podia; mas quis ver com os próprios olhos, sacrificando interesses, abandonando a clínica, os seus enfermos, com despesas imensas, porque... O amor é assim...



Asaúde do BEBÊ

Dr. SABOIA RIBEIRO

NOÇÃO DO ALIMENTO INFANTIL CORRETO

Na alimentação da criança de peito, sempre há proceder de modo que nunca deixe de ser observado "O princípio de correlação básica" — princípio esse que manda observar, no regime da criança, a presença de todas as substâncias das quais carece, em particular albuminas, gorduras, hidratos de carbono, e as vitaminas.

Na criança dos primeiros meses criada ao seio tudo isso lhe chega com o leite materno, supondo-se, evidentemente, a boa saúde, e portanto o leite da genitora.

O leite animal mantém o mesmo equilíbrio, porém, acontece que, com a fervura, é inteiramente destruída a vitamina C nele presente.

Mas o leite é pobre de um elemento muito importante para a saúde da criança — o ferro; de modo que, dado muito tempo como alimento exclusivo, a criança fica pálida. Até então a criança conserva suas boas cores porque, na fase da gestação, ela acumulou seu depósito de ferro no fígado, maxime nos três últimos meses da gestação. O prematuro apresenta naturalmente um certo "deficit" de ferro, justamente por que não pôde acumular o ferro em todo aquele período, interrompido com o nascimento extemporâneo da criança.

Nasce também a criança com boas reservas de vitaminas que se esgotam, porém, ao fim de certo tempo, sendo certo que, já no terceiro mês de vida, já começam a cair as reservas de vitaminas.

Bem se vê, no entanto, que, quer os depósitos de ferro, quer o de vitaminas só existirão nas condições apontadas se, durante a gravidez, a mulher cuidou de uma alimentação adequada que lhe permitisse passar ao feto, na fase da gestação, um e outros.

O alimento correto da criança deverá levar em consideração esses conhecimentos, pois não poderá prescindir da presença das mencionadas substâncias nas várias refeições do regimen.

E' sabido por outro lado, que o leite é um alimento completo, contendo, como contém, albuminas, hidratos de carbono, gorduras, sais minerais e vitaminas. Mas disso não se segue que êle convenha à criança, só e exclusivo, como seu único alimento. Só nos seis primeiros meses assim é, quando o leite é o materno, suficiente, de molde a permitir o desenvolvimento sempre satisfatório da criança, o que pode ser verificado pelo peso. O leite de vaca já não é assim, pois, embora contendo as mesmas substâncias, estas nem só entram em proporções diferentes como em si mesmas têm uma composição química diversa.

Daí um preparo prévio que lhe assegure a necessária correção, mormente das gorduras e das albuminas, aquelas por meio das farinhas, estas pela diluição de leite.

Por que a necessidade de albuminas hidratos de carbono, sais e vitaminas que fazem o alimento correto?

— Porque somente com o consumo de tais substâncias o alimento pode ser considerado completo. Com efeito todos têm uma função especial a desempenhar no desenvolvimento e funcionamento do organismo infantil, uns servindo ao crescimento e conservação dos tecidos (albuminas), outras à manutenção da temperatura (hidratos de carbono), ou à solidez e estrutura das células (gorduras), outras enfim desempenhando função trófica dos tecidos (ação vitalizante das vitaminas) ou no mecanismo regulador da água no organismo (sais minerais).

E' a coexistência equilibrada dessas substâncias distribuídas no regimen infantil, em justa proporção, que constitui na essência, o "princípio da correlação básica".

Na prática, leves excessos de umas ou outras — um pouco mais de albuminas, um pouco menos de carbo-hidratos, etc. — corrige-os a própria capacidade de adaptação fisiológica da criança normal.

Todavia é o peso, o turgor dos tecidos, a coloração da pele, e sem demasia o aspecto das fezes, os principais índices da boa alimentação em uso, e o que indica a carência acaso existente na alimentação.

De fato não existem equações algébricas na determinação da quota parte de cada um daqueles elementos. O "princípio de correlação básica" é tão só uma norma que se terá sempre em vista, aliás, norma da mais alta importância para seu estado de saúde.



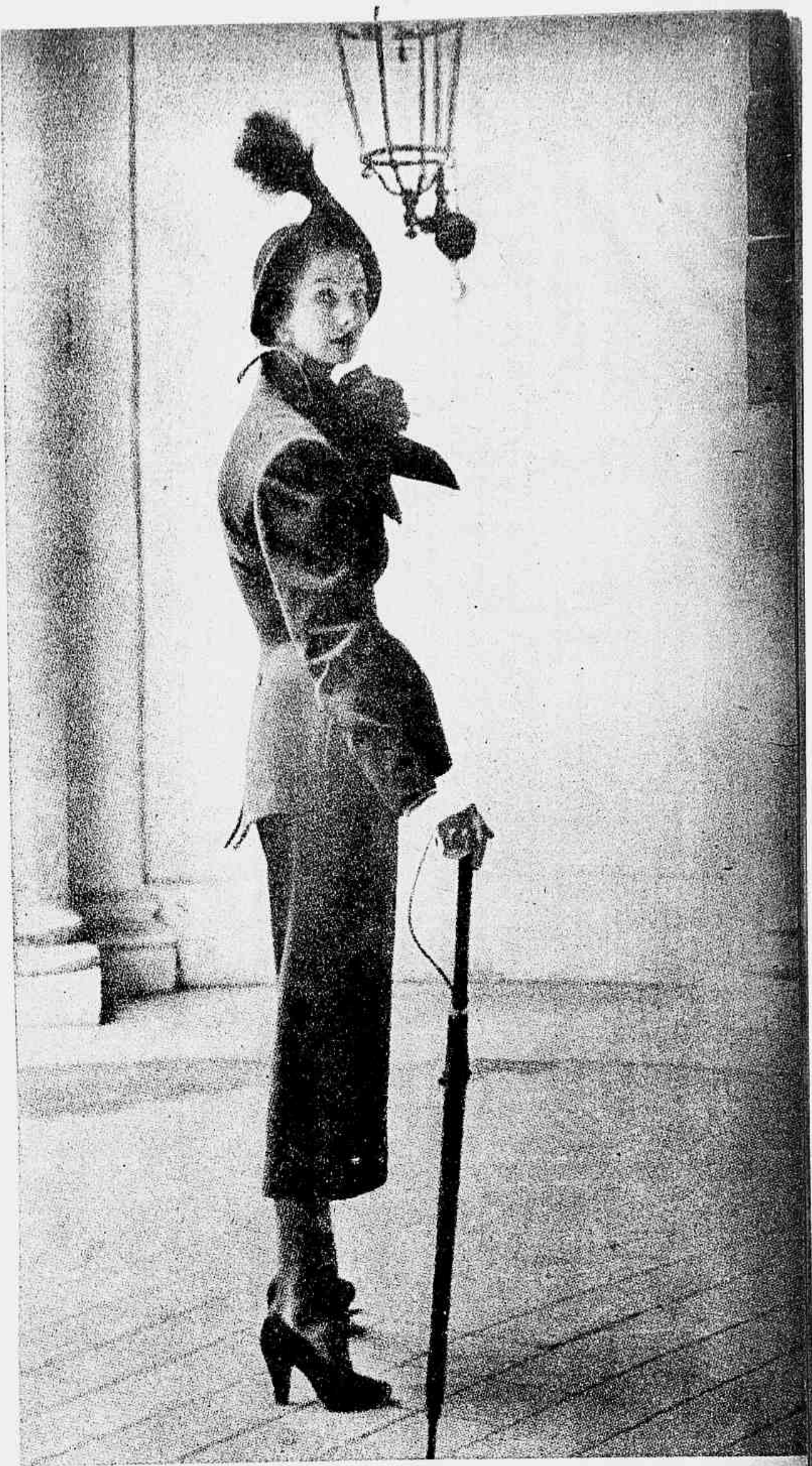
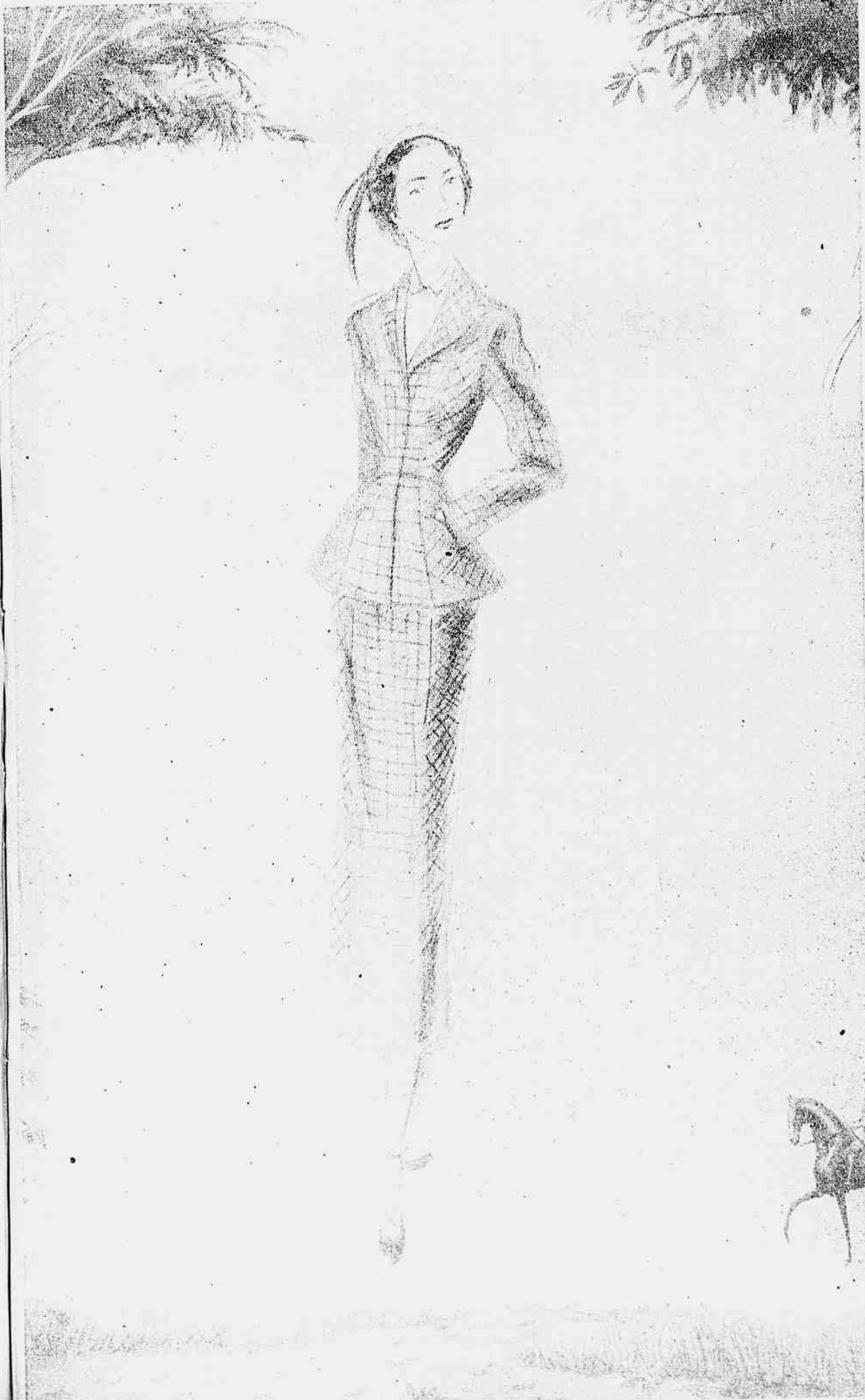
DEPOIS de haver sido banido do guarda-roupa feminino como anti-feminino e deselegante, o "tailleur" volta a ocupar, com glórias ainda maiores o seu antigo lugar.

Ele agora não é apenas o traje esportivo próprio para "bater" durante o dia, mas o traje elegante que tanto veste bem pela manhã como à noite ou em qualquer reunião. Assim são, por exemplo, os modelos de Jacques Fath e de Marcelle Chaumont, aqui apresentados. Quanto aos outros, são menos "habillés" porém não menos elegantes.



Regency

VITTORIOSO



Noiva



E para aquelas que ainda não escolheram o seu vestido de noiva, eis mais algumas encantadoras sugestões. O modelo de saia ampla que se vê aqui desenhado, com guirlandas de cetim sobre uma ampla saia de "tulle", com incrustações de rendas verdadeiras, foi usado pela Princesa Anna que recentemente se casou com o Rei da Rumania.



MÃES E FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA



Para crianças até três anos aqui estão duas sugestões encantadoras

O HÁBITO DE FALAR BEM... — Em geral, as mães acham "engraçadinho" que os filhos pronunciem mal as palavras e até passam também a falar errado para assim serem melhor "entendidas" pelos filhos. E' claro que não se pode exigir que uma criança comece logo a falar corretamente; sabemos que o falar é difícil e que só com o

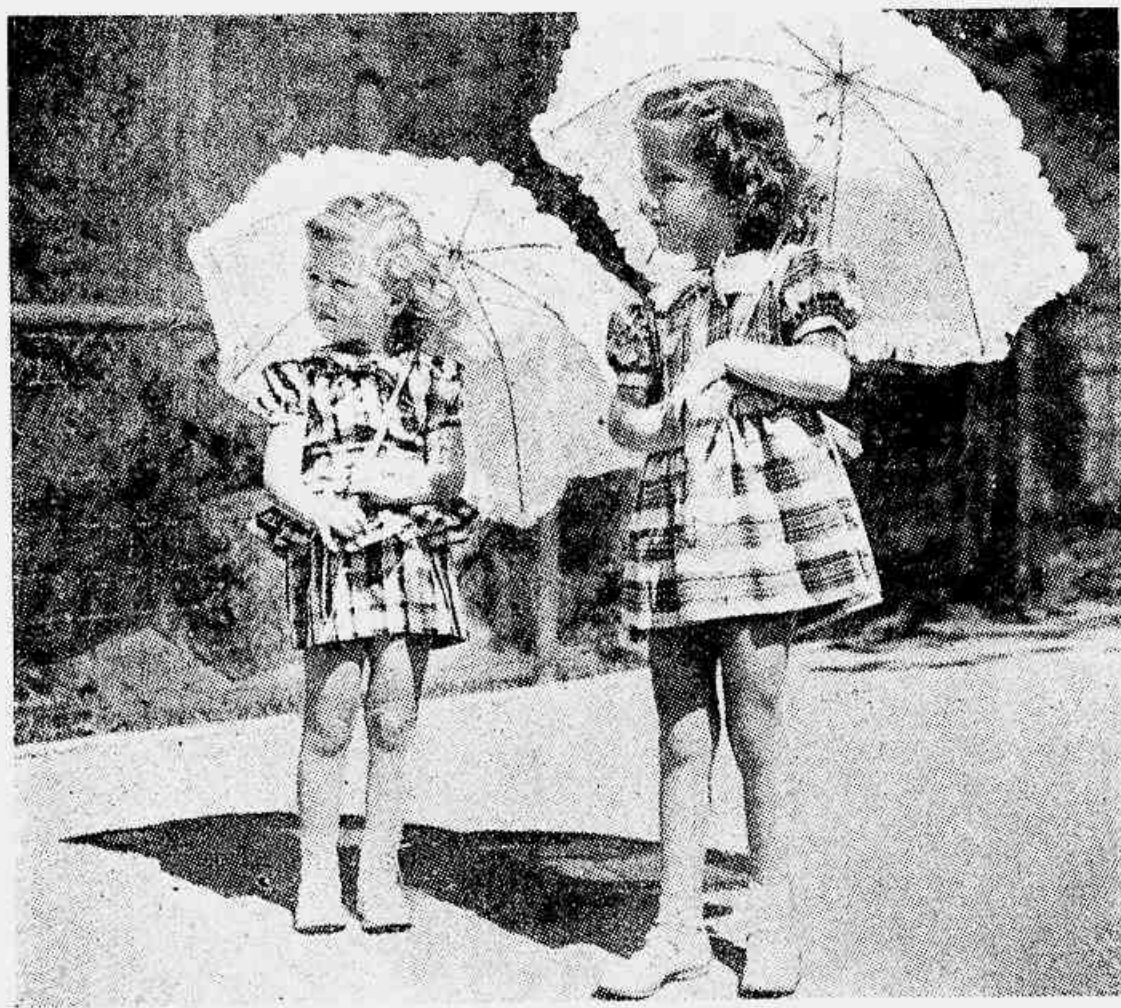
tempo aprenderá a falar certo. Primeiro balbuciará palavras incompletas, mais tarde irá juntando duas ou três palavras, e finalmente aprenderá a formar frases curtas.

A sua pronúncia não poderá ser perfeita, mas cabe à mãe, desde o primeiro instante, falar com o filho na sua linguagem comum sem recorrer à essas "gracinhas" como por exemplo o "té papá, té", em vez de "quer comer", e outras parecidas que se ouvem a cada instante.

Acontece com isso, que a criança se habitua a ouvir falar assim e, imitadora como é, procurará falar tal e qual a sua adorável mãezinha...

Esse hábito prejudica enormemente o desenvolvimento natural da criança nesse setor, e além disso torna ridículo o adulto que assim age. Imagine-se uma senhora grande, forte, conversando com o seu filhinho "té naná, té?", sem dúvida é grande o ridículo em que cai.

Não vamos ao exagero de aconselhar aos pais que exijam que os seus filhos falem como adultos, mas podemos aconselhá-los



A criança precisa de companheiros para brincar

a que falem naturalmente e que deixem que as crianças falem naturalmente, desenvolvendo as suas aptidões tanto quanto a idade lhes permita.

Corrigir uma criança, não insistir demasiadamente a que repita uma palavra que pronunciou errada. Basta chamar-lhe a atenção com brandura, pois do contrário com isso somente se conseguirá o retraimento e a timidez por parte da criança.

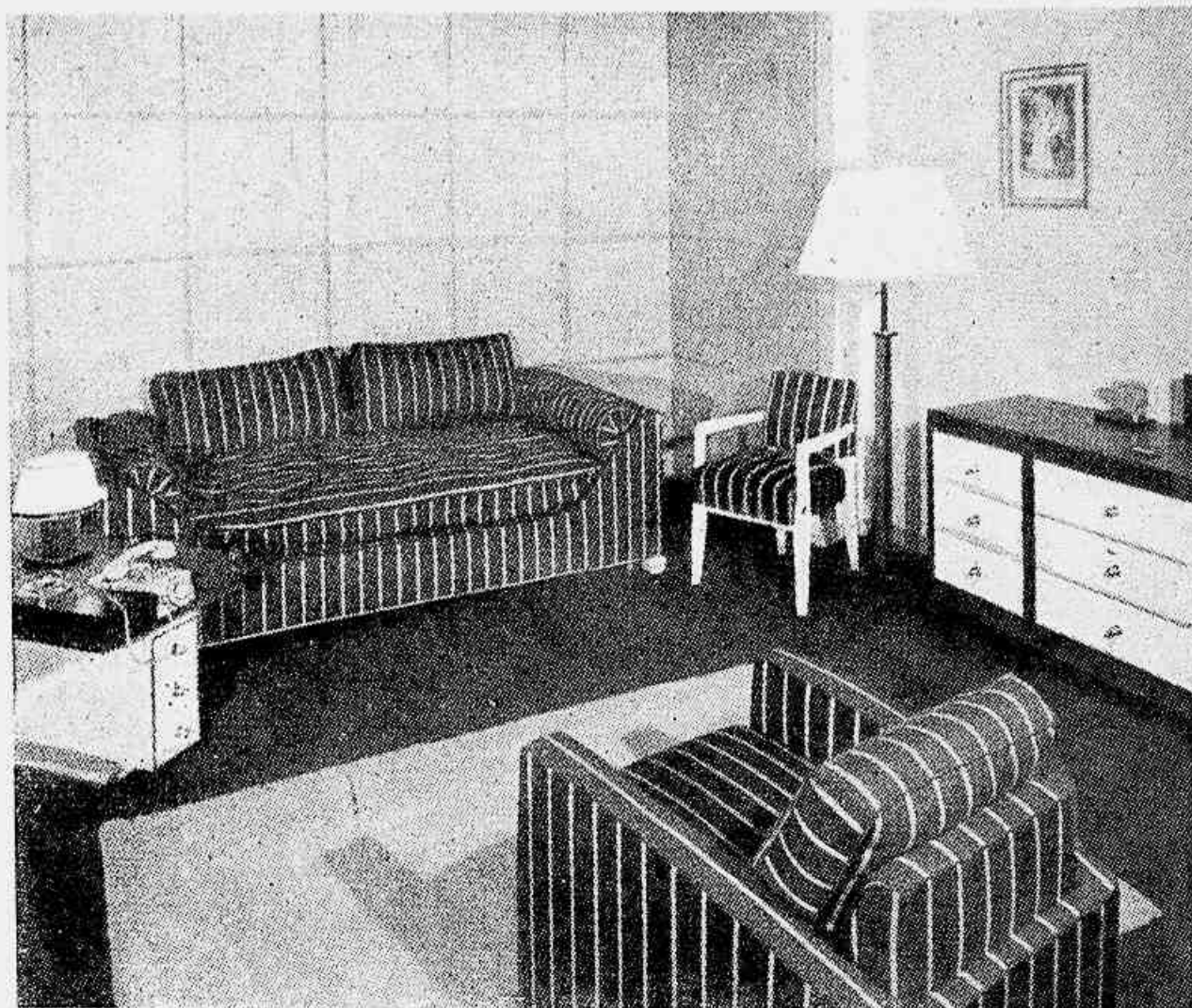
Os excessos, partam de que lado partirem, são sempre prejudiciais.



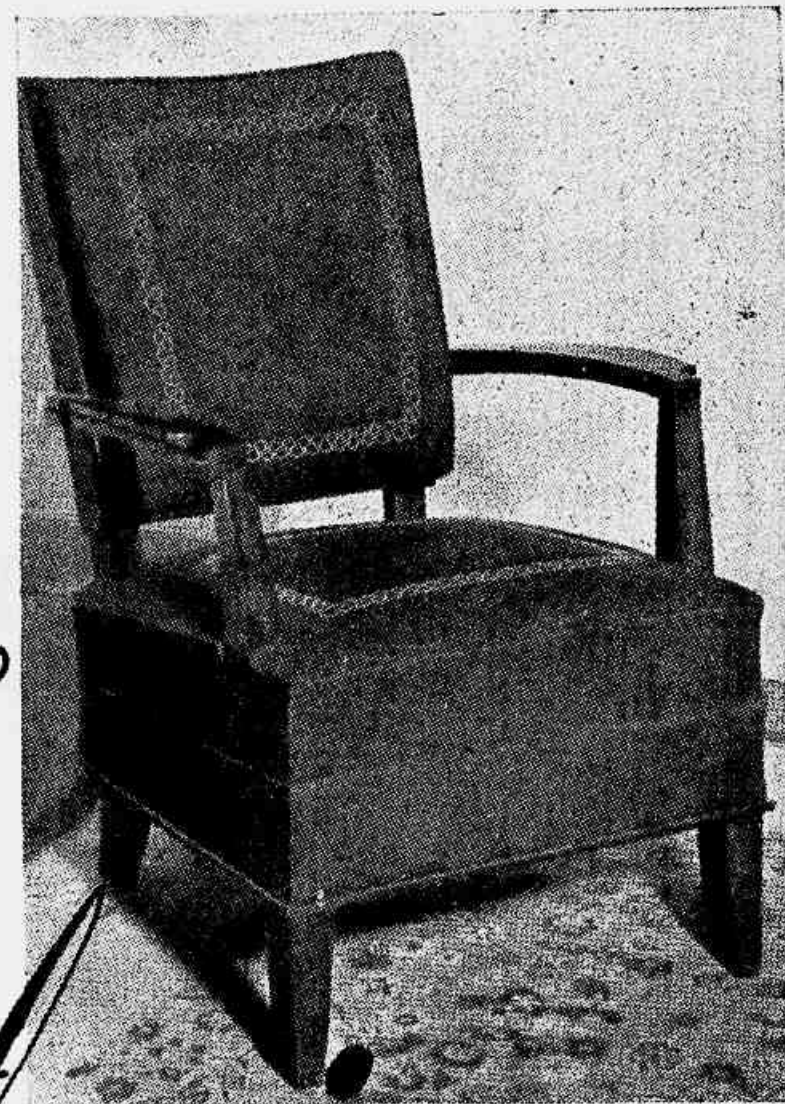
CONSELHOS

Se não tem em casa irmãos ou irmãs que lhe façam companhia, melhor será colocá-la num desses "jardins de infância", onde se distrairá com pessoas da sua mentalidade.

O perigo do filho único está justamente no isolamento e no fato de os pais satisfazerem-lhe tôdas as vontades, a fim de evitar que se irrite.



O "LIVING" é, sem dúvida o ponto mais importante de uma casa ou apartamento. E' ali que passamos a maior parte do nosso tempo, ali que recebemos as nossas visitas, ali que lemos, ouvimos música, etc. E' por isso que o "living" deverá ser o mais confortável possível, o que nem sempre importa em grandes despesas. E' mais uma questão de gosto e de saber escolher aquilo que melhor se adapta à nossa própria personalidade. O nosso primeiro "living" é de linhas modernas com o seu divã e poltronas em tecido listrado vermelho e branco. Mesinha muito original e um móvel prático ao fundo. Já o segundo, mais rebuscado, tem o divã e poltronas recobertos de "tapisserie".



Interiores

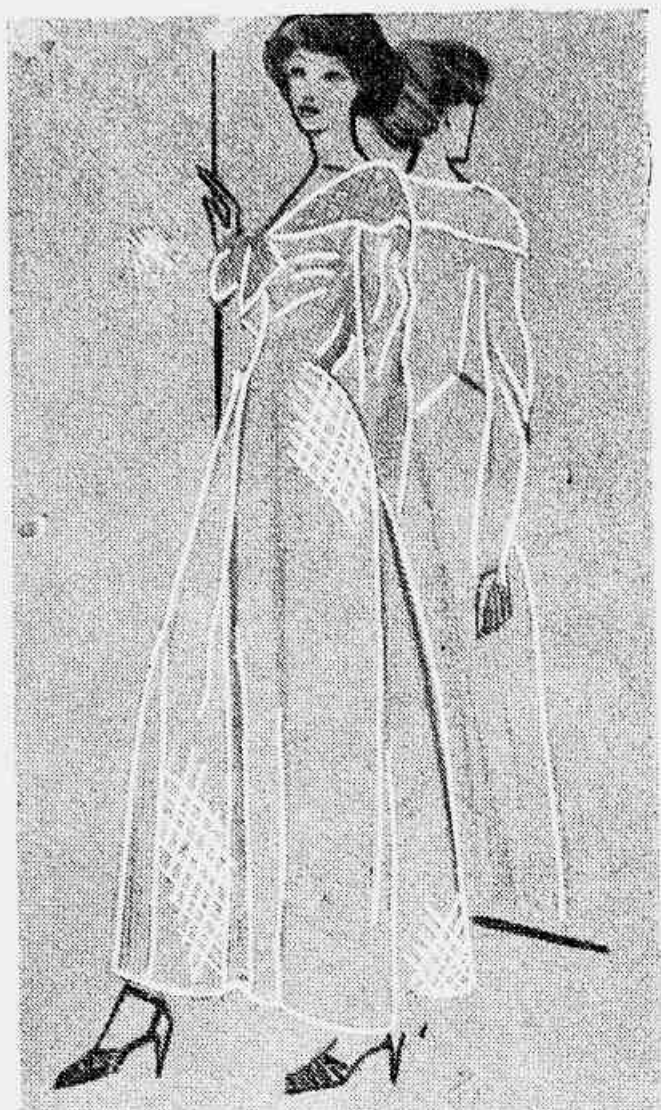


O PRIMEIRO BAILE

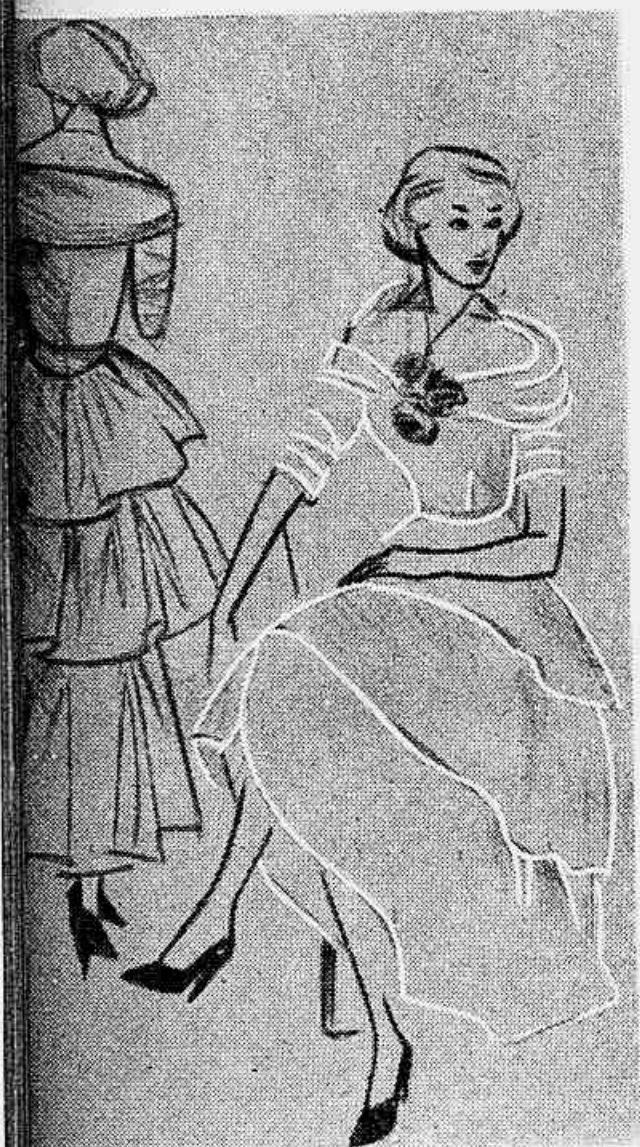
Foi pensando nas "jeune-filles" que os costureiros franceses lançaram estes modelos para baile ou festas mais simples e, não deixaram também de pensar nos acessórios necessários. JEAN LANVIN, tafetá quadriculado. JACQUES FATH, musseline branca e vison. PIERRE BALMAIN, "tulle" branca, setim preto. JACQUES HEIM, tafetá dourado. JEANNE LAFAURIE, "tulle" cinzento sobre "tulle" rosa. CHRISTIAN DIOR, veludo azul pervenche.



JACQUES FATH



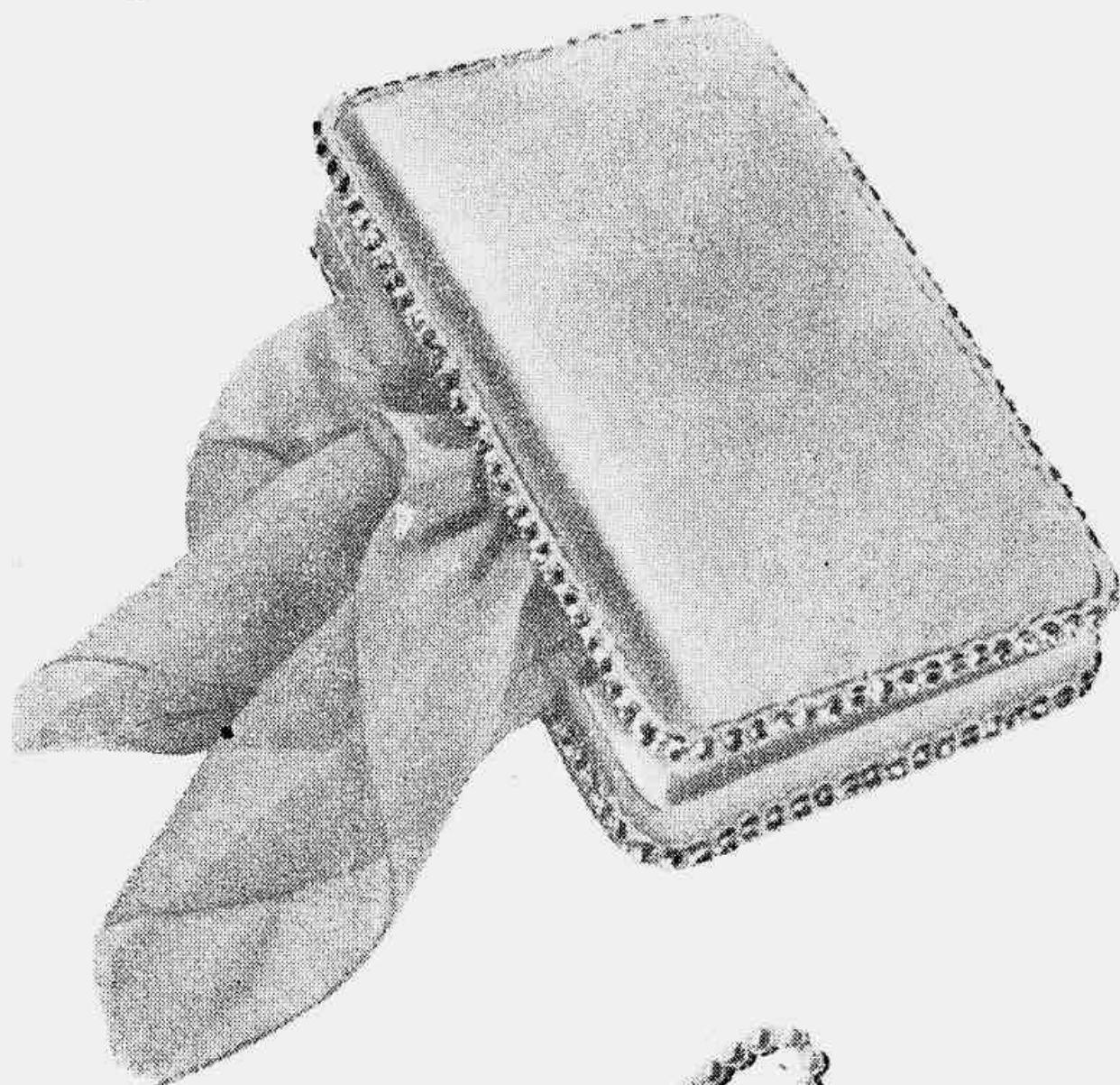
JEAN LANVIN



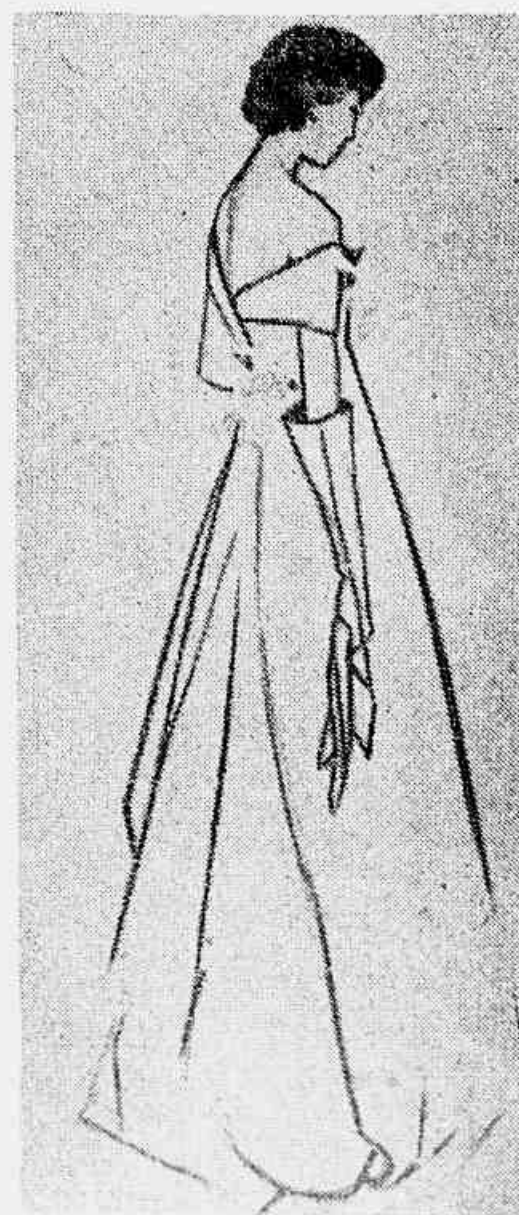
JACQUES HEIM



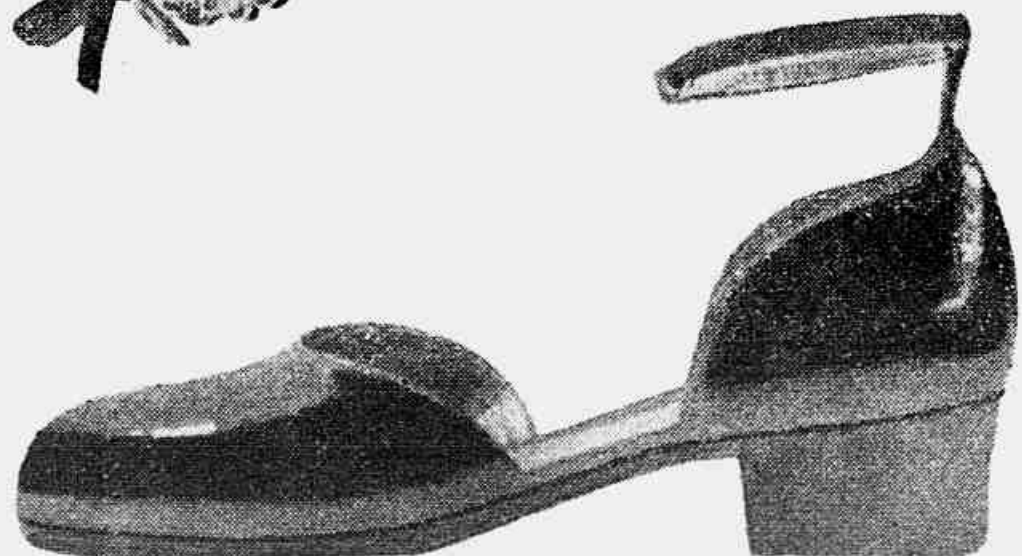
PIERRE BALMAIN



CRISTIAN DIOR



JEANNE LAFAURIE





"LINGERIE"

PARA você que adora essas peças delicadas e finas, eis algumas novas sugestões. O tecido será de preferência o cetim **lingerie** ou a **mousseline**. Rendas, bordados e fitas são os complementos que fazem destes modelos algo de novo em matéria de **lingerie**.

A JOVEM E O "MAL-ME-QUER"...

M. MERCEDES SANTOS

NA beleza daquela tarde clara de abril, sob um céu azul e sem nuvens, o movimento era intenso na Esplanada do Castelo; de todos os lados afluíam seres humanos, trazendo cada um deles, no cérebro ou coração um problema. Muitos andavam rápidos e sisudos, como se quizessem mostrar ao resto da humanidade que não havia um só minuto a perder. Uns, — os mais felizes, sem preocupações — caminhavam a passos lentos, paravam aqui, para filar as notícias mais recentes das bancas dos jornais; mais adiante, para admirar uma vitrine, escutar despreocupadamente a lábia convincente dos vendedores ambulantes, tomar despreocupadamente um cafézinho em pé ou simplesmente regular os relógios pela hora certa. Outros, no entanto... infelizes criaturas! Amargurados da vida, vazios de alma, trazendo nas fisionomias o azelume de sonhos não realizados, andavam ombro a ombro com os homens agrilhoados a graves preocupações, a grandes lucros, tendo talvez como base um negócio ilícito; e, sem resistência física ou moral, deixavam-se arrastar ao sabor das ondas humanas. Sim, eu também andava entre aquela multidão composta de homens e mulheres das mais variadas camadas sociais; tinha, porém, um destino, e procurava a maneira de atingir o mais cedo possível o fim do caminho que devia percorrer.

Entretanto, na vertigem das grandes cidades — embora passe despercebido aos olhos dos egoístas e dos mutilados sentimentais — ainda existe um pouco de encantamento e sonho. Foi naquela tarde de abril que pude compreender o quanto é maravilhoso e confortador um pedacinho de romance ou um pequenino e ingenuo fragmento de ilusão, no meio de tanta agitação e desespero, ao observar uma jovem que, à minha frente, caminhava em direção ao Ministério da Fazenda.

A mocinha, aparentando uns 17 anos, fisionomia com a frescura de botão entreaberto, era uma nota de agradável sonoridade entre tanta correria e preocupação. Por onde passava — apesar de ser tão graciosa — não despertava aquele sensacionalismo tão peculiar nas jovens de sua idade. Isto evidentemente, me teria passado despercebido se aquela criaturinha, num gesto demasiado infantil, não tivesse ficado acocorada em plena via pública. Confesso que fiquei perplexa, não diante da atitude da jovem, pois isto é tão comum acontecer, quando encontramos qualquer coisa no meio da rua que nos chame a atenção! Contudo, ela demorava tanto, naquela posição excêntrica que eu resolvi acercar-me do local onde se encontrava. Exatamente à frente do edifício do Ministério de Educação fui encontrá-la no meio da relva verde e bem cuidada de um dos canteiros. E, custou-me a crêr no que os meus olhos viam. Não, não era possível, que uma coisa daquela acontecesse em pleno Rio de Janeiro e, por cima num local tão movimentado. Muda de espanto, fiquei a observar aquele quadro maravilhoso, que, na sua simplicidade comovente, ofereceu-me uma grande lição: — olhar a vida com mais doçura e menos desencanto.

Aquela jovem, indiferente aos transeuntes e aos curiosos de minha espécie, calmamente despetalava um "mal-me-quer". Curiosos! Não ficou satisfeita com o resultado da primeira florzinha amarela e despetalou outra, mais outra e sempre naquela posição em plena via pública. Fez um gesto de impaciência, como se quizesse dizer: — que diabo, por que não dá certo? Colheu mais outra. Finalmente um belo e cristalino sorriso aflorou-lhe os lábios e tranquilamente numa entonação de vitória exclamou: — agora sim.

Levantou-se, passou a palma da mão várias vezes nas rugas formadas na saia do vestido e retornou o caminho que interrompera. Olhou com um olhar de piedade para todos que a observavam. Pobres bobos! Criaturas recalçadas, incapazes de satisfazerem um capricho por mais simples que seja! Passou triunfante entre os curiosos. Na sua fisionomia jovial e fresca estavam estampados os mais nítidos sinais de felicidade e encantamento que as pétalas do "mal-me-quer" resolveram finalmente assegurar-lhe.

Esqueci-me até do que ia fazer e só dei conta de mim quando a jovem já havia desaparecido. E até hoje, sob a influência daquela cena — que julgo jamais esquecer — faço a mim mesma esta série de perguntas: Por que? Por que, meu Deus, o resto da humanidade não encontrava na vida a simplicidade e o encanto revelados por aquela adorável criaturinha da Esplanada do Castelo? Por que todos os demais, ao invés de tanto desespero ódio e egoísmo, que inutilmente acumulam, não fazem da vida algo mais suave e fácil de ser vivida? Por que reina tanta desilusão e infelicidade sobre a terra, se existem nos campos e cidades tanto "mal-me-quer"? Por que não imitamos o exemplo daquela felizarda e não depositamos os nossos sonhos, esperanças e incertezas nas pétalas de uma simples florzinha amarela? Seria tão fácil, vocês não acham? Se conseguíssemos fazer isto, que mundo maravilhoso não se descortinaria diante de nós! Quantas lágrimas transformar-se-iam em sorriso! E' tão fácil encontrarmos a felicidade!... Sim, fácil e até demais, porque ela está nas coisas mais simples que no nosso egoísmo desenfreado estupidamente desprezamos. O exemplo disso, eu encontrei ao observar aquela jovem que despetalava humilde e raquítico "mal-me-quer", que existe, tão profusamente nas terras verdejantes do Sul, como nas despovoadas caatingas do Norte.

A ÚLTIMA AVENTURA

CONTO DE PÉRICLES LEAL

ALMIRO viu quando o guarda veio vindo pelo meio da rua, no seu passo gingado. Parou debaixo do poste de iluminação elétrica e acendeu um cigarro. E continuou a caminhada rua a cima, desta vez cantarolando um samba de morro. Nem o viu encostado na parede, o chapéu desabado sobre os olhos, as mãos crispadas mergulhadas nos bolsos do sobretudo. Nem o viu, por certo ia pensando nas contas que tinha a pagar, nas despesas com um filho doente ou — quem sabe? — com a mulher que estaria esperando mais um garoto. Entretanto, o homem desconfiado que nascera dentro de Almiro há três meses aconselhava-o a acautelar-se. Tive medo de que o guarda estivesse apenas fingindo que não o vira, de que desconfiasse de algo. Estaria apenas fingindo, sim, esta era a verdade. Quando Almiro menos esperasse, o polícia estaria em cima dele e não haveria nem ao menos um segundo para a resistência. Um suor frio empapou-lhe a camisa. Suava em bicas, malgrado o tempo que era frio e ao vento que corria pelas ruas levantando pedaços de papel como bilhetes de namorados invisíveis a invisíveis namoradas.

Alguma coisa dentro de si mesmo dizia-lhe que aquela noite marcaria o fim de sua carreira, sua curta e perigosa carreira que não tinha mais de três meses. Naquela noite seria enfim agarrado e metido na cadeia para apodrecer de vergonha e de dor, renegado pela esposa e pelos dois filhos que, ainda por cima de tudo, ficariam no abandono, atolados na mais negra e irremediável miséria.

Almiro sentia com desespero a sua situação. Daria tudo para sair daquilo sem maiores transtornos. Mas o diabo é que só poderia pensar em algo semelhante, depois daquela noite... E era justamente aquela noite que o atemorizava, que parecia ser uma certeza do fim, da prisão, da vergonha, do abandono dos seus entes mais caros. Pensando com seus botões, chegou à conclusão de que daria dez anos de sua vida para sair daquela aventura sem novidades.

Lembrou-se de como viera a idóia e, logo, a necessidade do assalto daquela noite. Estava avaliando o punhado de jóias que tinha guardado numa pequena maleta, quando Flora viera lhe dizer que as contas estavam atrasadas e que suspeitava de que ninguém fiaria mais um centavo em parte alguma. Ademais, Augustinho estava doente... Tinha a conta do armazem, do leiteiro, do açougueiro, do médico. Almiro ouviu de cabeça baixa. Não fitava a mulher. Flora estava a par de suas atividades e não lhe dirigia a palavra a não ser quando era absolutamente necessário. Não aprovava o modo de conseguir dinheiro do marido, mesmo sabendo que ele fora arrastado ao crime pelas circunstâncias. Dizia, entretanto, que era questão sua, ponto de vista e acabou-se. Não aprovava de maneira alguma o crime,

nem que o criminoso fosse o seu próprio marido, aquele a quem amava, com quem vivia há mais de cinco anos.

— De quanto precisa?

Flora ficou um minuto em silêncio. Almiro olhou com o rabo dos olhos para o espelho e viu que Flora parecia fazer contas de cabeça.

— Uns quinhentos cruzeiros, nem sei.

O homem tamborilhou na mesinha e olhou para o monte de jóias valiosas que, naquele instante, lhe pareciam inúteis. Não poderia vendê-las tão cedo, a não ser que quizesse ser pilhado pela polícia.

— Está certo — arguiu. Mais tarde eu trago o dinheiro.

As onze horas, com a noite fria, ameaçando desabar um aguaceiro de um momento para outro, vestiu o sobretudo, atolou o chapéu na cabeça e saiu para o grande golpe. Tinha decidido que aquela noite seria a última em que roubaria. Tinha em cama mais de 100 mil cruzeiros em jóias. Com o fruto do trabalho daquela noite, faria as despesas mais urgentes e sairia do país. Ou iria morar no Norte, num estado pequeno, onde montaria um negócio qualquer e viveria honestamente até o fim da sua vida. Possuía tino comercial e qualquer negócio que dirigisse, logo prosperaria e teria o suficiente para educar os três filhos. As aventuras do passado nada mais seriam que páginas de um livro velho que ninguém mais teria o trabalho de ler.

Sentiu-se quase feliz ao pensar nisto tudo. Seria ótimo comprar uma fazendola num estado distante, lá no norte — a Paraíba, por exemplo — e viver uma vida pacata de fazendeiro, trabalhando a terra, vivendo dela e para ela, dormindo às sete da noite e acordando às cinco da manhã. E' verdade que talvez demorasse a se acostumar com tal regime, mas logo estaria tão habituado quanto qualquer vizinho seu. Para não perder de vista o Rio, faria assinaturas de alguns jornais maiores. E haveria de gosar o Rio de muito longe, tudo como num sonho.

Mas, súbito, o sonho se desfez. E aquela noite? Conseguiria sair dela com liberdade? Ou talvez até fosse morto no instante em que estivesse executando o roubo.

Tinha que arriscar, entretanto. Subiu a gola do sobretudo (como no cinema vira Bogart fazer) e saiu a caminhar, encostado às casas. Parou diante de um palacete. Era ali que morava o milionário. Lera num jornal que ele estava em viagem para S. Paulo, aonde fôra acompanhado da esposa. Ficara apenas a filha e os criados. Esta estaria numa "boite" qualquer, que essa gente nunca chega em casa antes das três da manhã. Quanto aos criados, estariam dormindo descansadamente e nem pensariam em guardar a casa do senhor. Fôra informado que o

milionário tinha horror a cachorros. Por isso, nada havia a temer. Almiro passou adiante, caminhou ainda mais vinte metros e parou. Sempre encostado à parede, parou e ficou atento. Ninguém. A rua estava completamente adormecida. Logo uma chuvinha fria começou a cair. Ótimo, pensou ele. E voltou sobre os seus passos. Nova parada, nova vista d'olhos em todas as direções. E sorriu, contente. Ia ser sopa.

A casa vizinha ao palacete tinha um muro de pequena altura e foi por aí que Almiro entrou. Caminhou pelo oitavo da casa até uma parte mais baixa dos muros imponentes da rica casa escolhida para o assalto. No final, o muro descia de altura e um simples impulso permitiu a Almiro alçar-se até o cimo. Com agilidade, sem fazer ruído, deixou-se encorregar para dentro do quintal do palacete. O coração parecia querer sair-lhe pela boca. O homem apertou os lábios, parado, tentando dominar os próprios nervos. Naquêle instante, sentiu vontade de desistir. Os credores, depois de algumas palavras convincentes, poderiam fiar mais por algum tempo. Era melhor desistir. Mas Almiro pensou que aquela situação não poderia demorar muito. Sim, eles esperariam mais uma semana, duas, um mês. E depois?... Nem as jóias poderia vender. Tinha que deixar passar uns tempos, talvez anos, a não ser que as vendesse bem longe do Rio. Não, decididamente era impossível desistir. Aquela noite seria a última. O produto daquele trabalho daria para pagar as suas contas e comprar as passagens afim de sair do Rio. Iria para qualquer outro país da América do Sul, ou para o Norte. Era a perspectiva de uma nova vida que surgia. Encorajado, Almiro fez um pequeno esforço e jogou-se no espaço que separava o muro da bela e imponente construção que brilhava na chuva.

Um cão ulvou na casa fronteira. Almiro teve um estremecimento. Apalpou os bolsos e só então percebeu que não trouxera nenhuma arma consigo. Nem um canivete. Estremeceu. Mais uma vez teve o pressentimento de que aquela noite seria a sua última noite. Trincou os dentes e remeceu um palavrão dirigido a si mesmo. Sempre colado à parede, encaminhou-se para os fundos da casa. A porta deveria estar aberta. Essa gente é muito relaxada e não pensa jamais que pode correr perigo. Pensa que o dinheiro é a maior couraça que se pode ter.

Como pensara, a porta estava apenas fechada com o trinco. Um simples grito da maçaneta fez a porta deixar passar o homem molhado. Almiro já agora não tremia, nem sentia o coração aos pulos. Estava perfeitamente calmo e agia com a precisão de um verdadeiro profissional. Deixou-se ficar um instante, encostado na

porta, do lado de dentro, para acostumar-se com a escuridão. Logo distinguia todos os objetos em sua volta. Cautelosamente locomovia-se pelos aposentos até chegar a uma vasta sala onde um enorme piano ocupava quase tudo. Devia ser da tal filha do casal. Seria bonita? Almiro não pôde deixar de rir de tal preocupação sua numa hora daquelas. Que lhe interessava se aquela sirigaita fosse bonita ou feia? Queria, isto sim, conseguir dinheiro para encerrar, naquela noite, sua carreira de ladrão.

Neste instante, ouviu-se a zozada de um automóvel que parava diante da casa. Almiro sentiu que desfalecia. A cabeça estalava de dor e ele não poderia conceber o que aguardava. Devia ser a filha do milionário que chegava da "boite". Ou o próprio milionário que regressava de S. Paulo. Almiro pulou para trás de um vasto sofá e ficou à escuta. Ouviu a porta do carro que se fechava com estrondo e, instantes depois, a porta da casa que era jogada com toda a força. "Por certo ela vem de pileque", pensou com seus botões. Um arrastar de fazenda, passos incertos de embriagado e a luz que iluminou a sala como se fosse dia.

— Bolas!

A mulher tropeçara em alguma coisa. Do seu esconderijo, Almiro não podia vê-la, mas não devia ser bonita. A voz era meio rouca e desagradável.

— Eando de canalhas, hipócritas. Pensam que me enganam...

Ouviu que ela se encaminhava para o piano. Logo notas soltas começaram a sair de entre os seus dedos de embriagada. De repente o piano emudeceu. Foi quando Almiro ouviu que a mulher dizia:

— Pode sair daí, mocinho. E tenha cuidado porque eu tenho boa pontaria.

Viu, antes de mais nada, o bôca negra da pistola que apontava bem para o seu rosto. Depois, o braço branco e bem torneado da mulher loura que tinha os cabelos desalinhados. A pintura do rosto estava desarranjado, o que lhe dava um ar de dançarina de "cabaret" depois do "show" e de três chopes duplos.

Transido, Almiro nada mais pôde fazer que resmungar:

— Eu bem sabia disto...

A mulher olhou para ele e deu de ombros, sem compreender. Em seguida, apanhou o telefone e começou a discar um número.

— Está chamando a polícia? — perguntou o homem.

— Sim.

— A senhora podia me deixar ir embora. Afinal, eu ainda não começara a trabalhar... Pode ver. Eu não roubei nada.

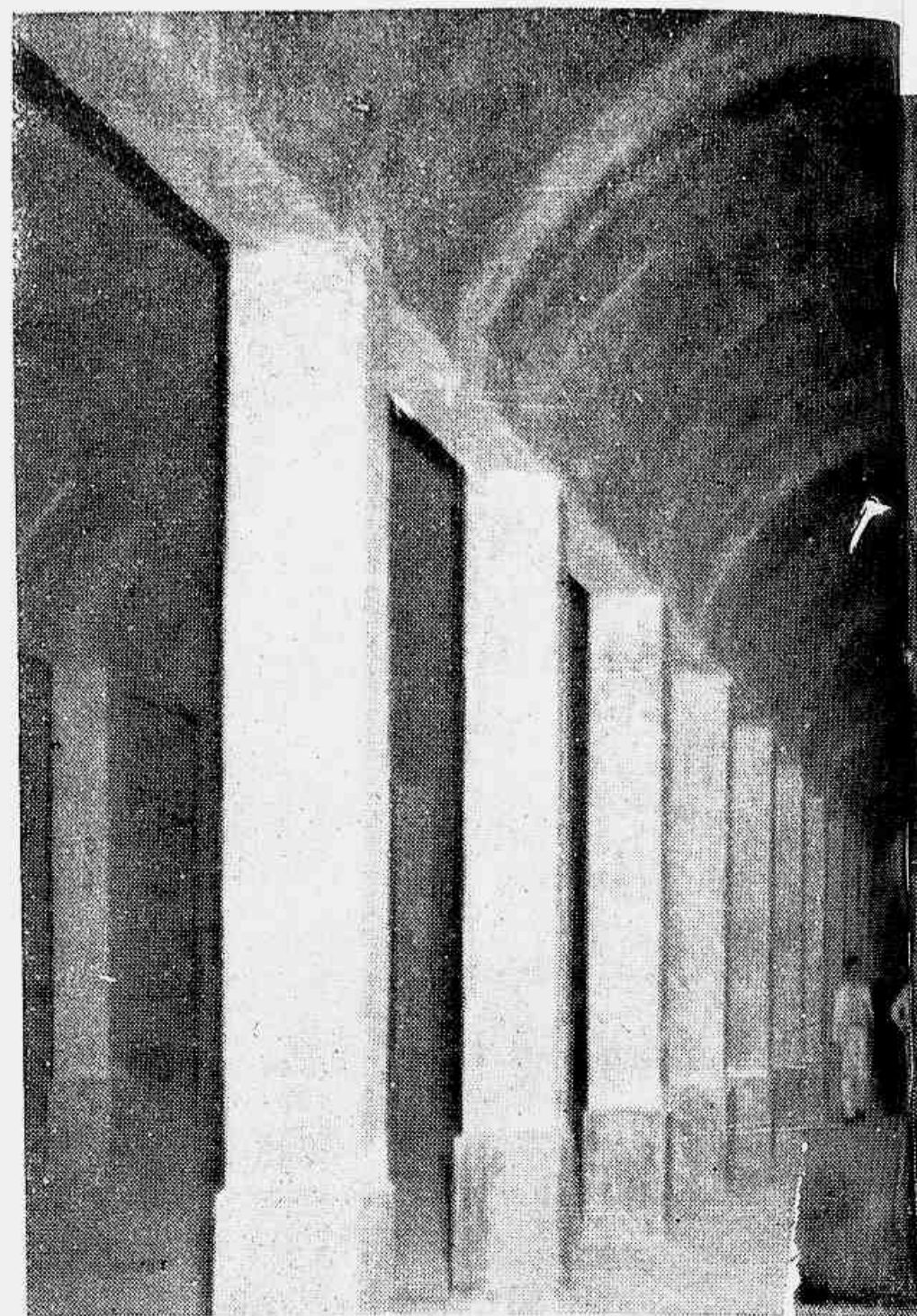
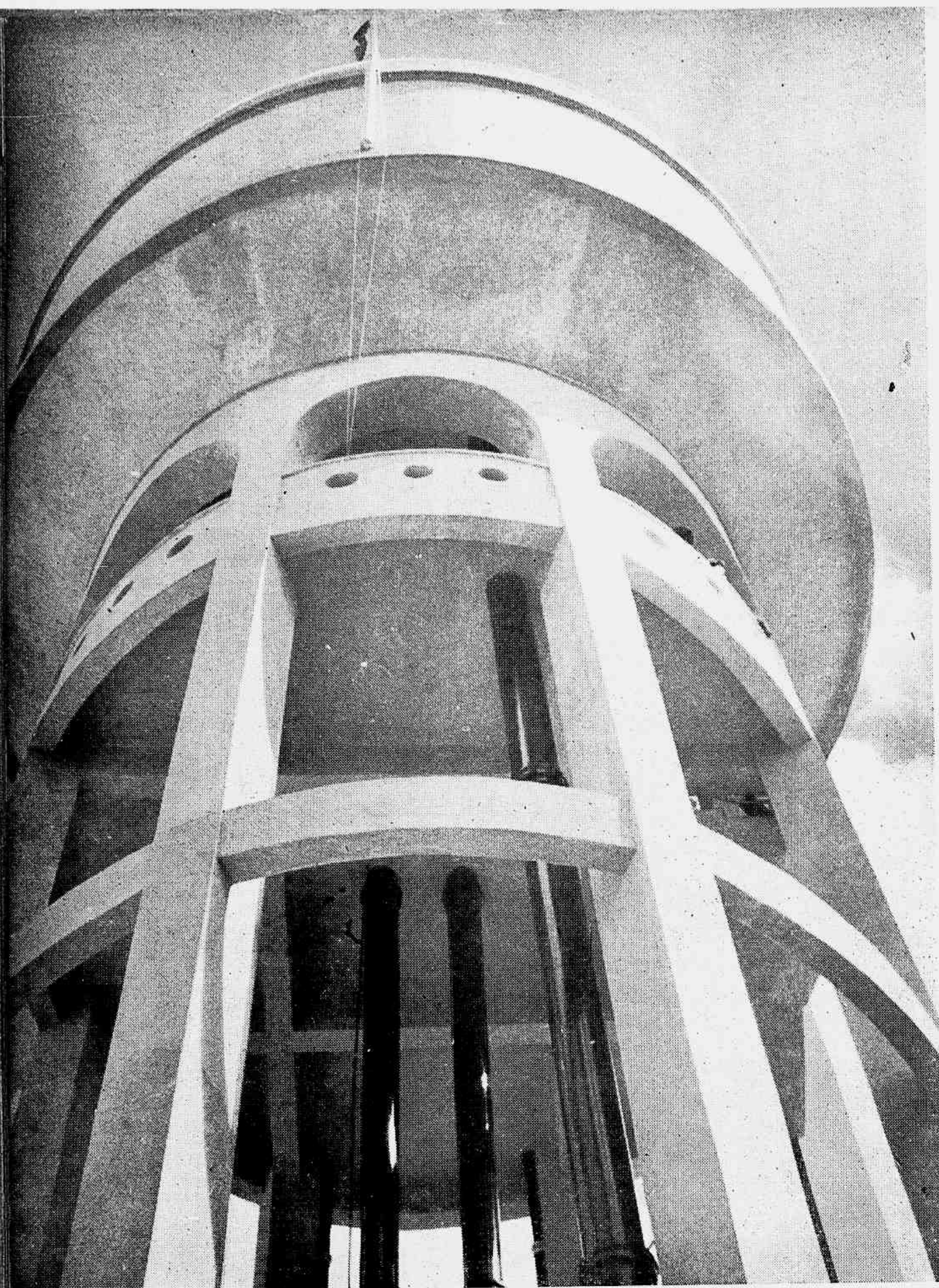
Almiro tinha a voz suplicante. Enquanto dizia isto, ia pensando como poderia ganhar tempo para cair fora.

Inesperadamente, a mulher depôs o telefone no gancho e mandou que ele

(Continua na pág. 47)



Fernando P

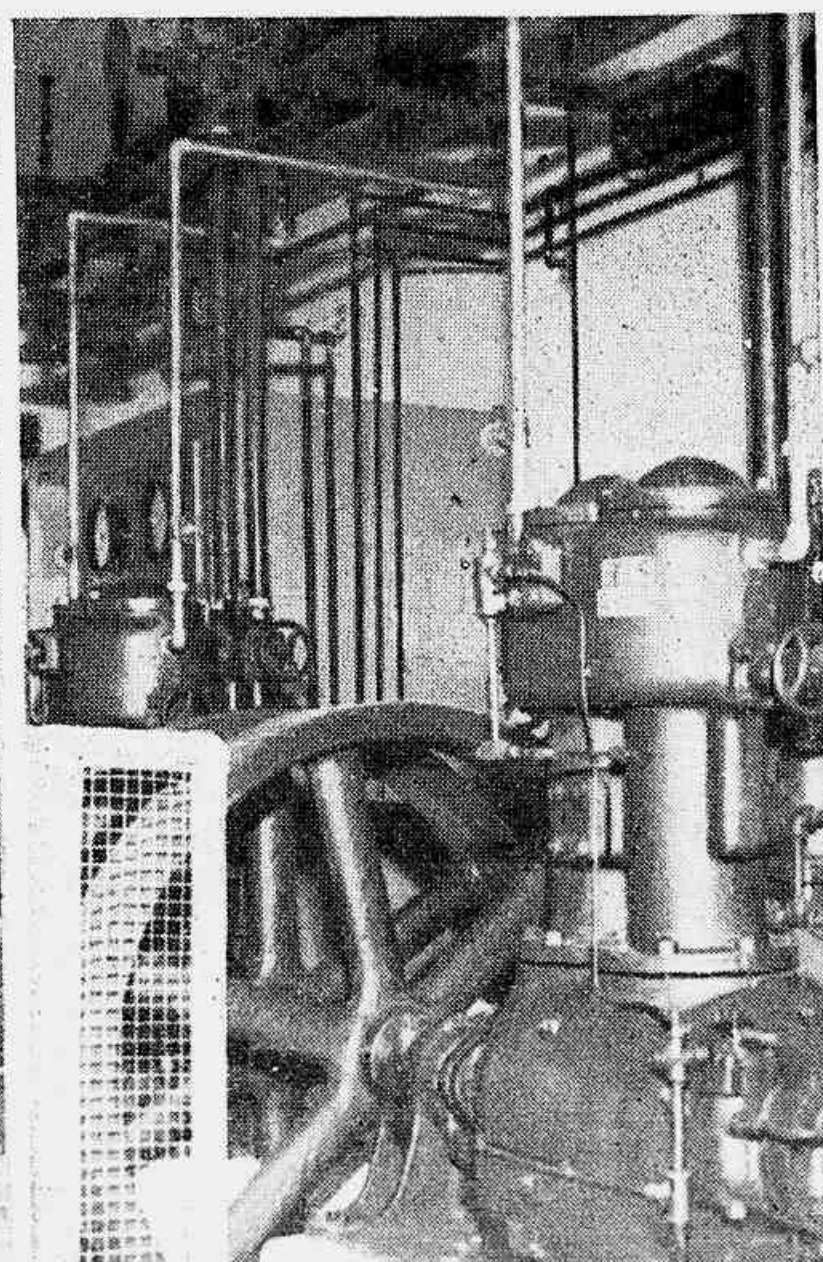


Dois enormes depósitos subterrâneos, como este que se vê parcialmente na gravura acima, com capacidade para

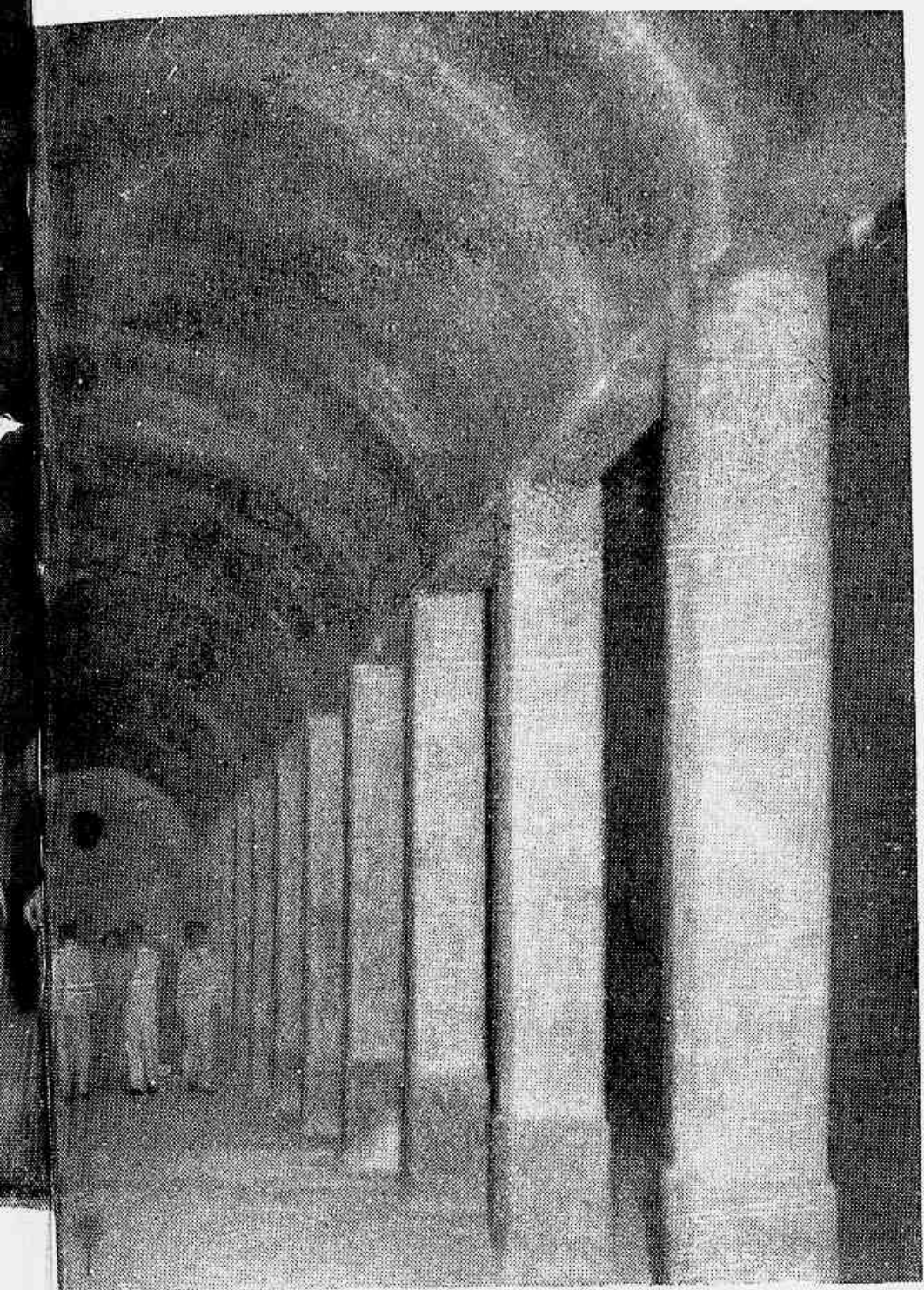
MARCOS DE TRABALHO NAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS DE SALVADOR

GRANDES OBRAS PÚBLICAS INAUGURADAS NA BAHIA

Torre de concreto armado dos novos reservatórios do Garcia, que, juntamente com os depósitos subterrâneos de Cruz do Cosme, formaram o conjunto das obras de reforço do abastecimento d'água à Capital bahiana, inauguradas nos dias festivos do quarto centenário de Salvador



A esquerda: Outro detalhe dos novos reservatórios d'água do Garcia, entregues ao uso público por ocasião das comemorações centenárias. A direita: Parte das instalações de frio do grande frigorífico construído pelo governo do Estado à Avenida Luiz Tarquínio (Água de Meninos)



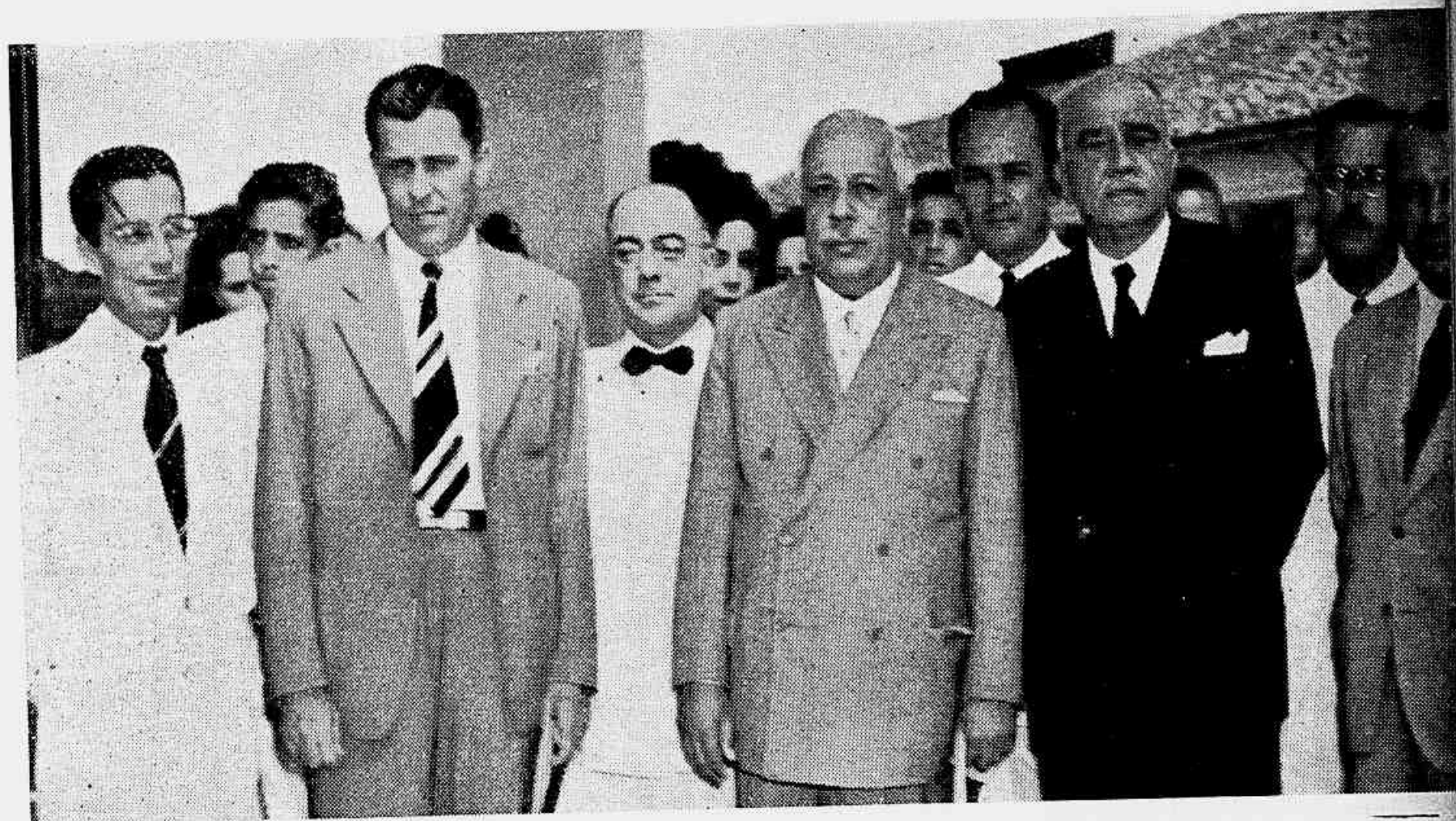
10.000 metros cúbicos de água, foram construídos em Cruz do Cosme. Hoje reforçam consideravelmente o abastecimento da populosa Cidade do Salvador

UM CAPÍTULO DE ALTO MERECIMENTO NO SETOR DA ASSISTÊNCIA SOCIAL ★ MAIS ÁGUA E ALIMENTOS SADIOS PARA OS BAHIANOS ★ ALÍVIO E CONFORTO PARA OS DESERDADOS DA SORTE ★ O EXEMPLO DO PASSADO E A REALIDADE DO PRESENTE

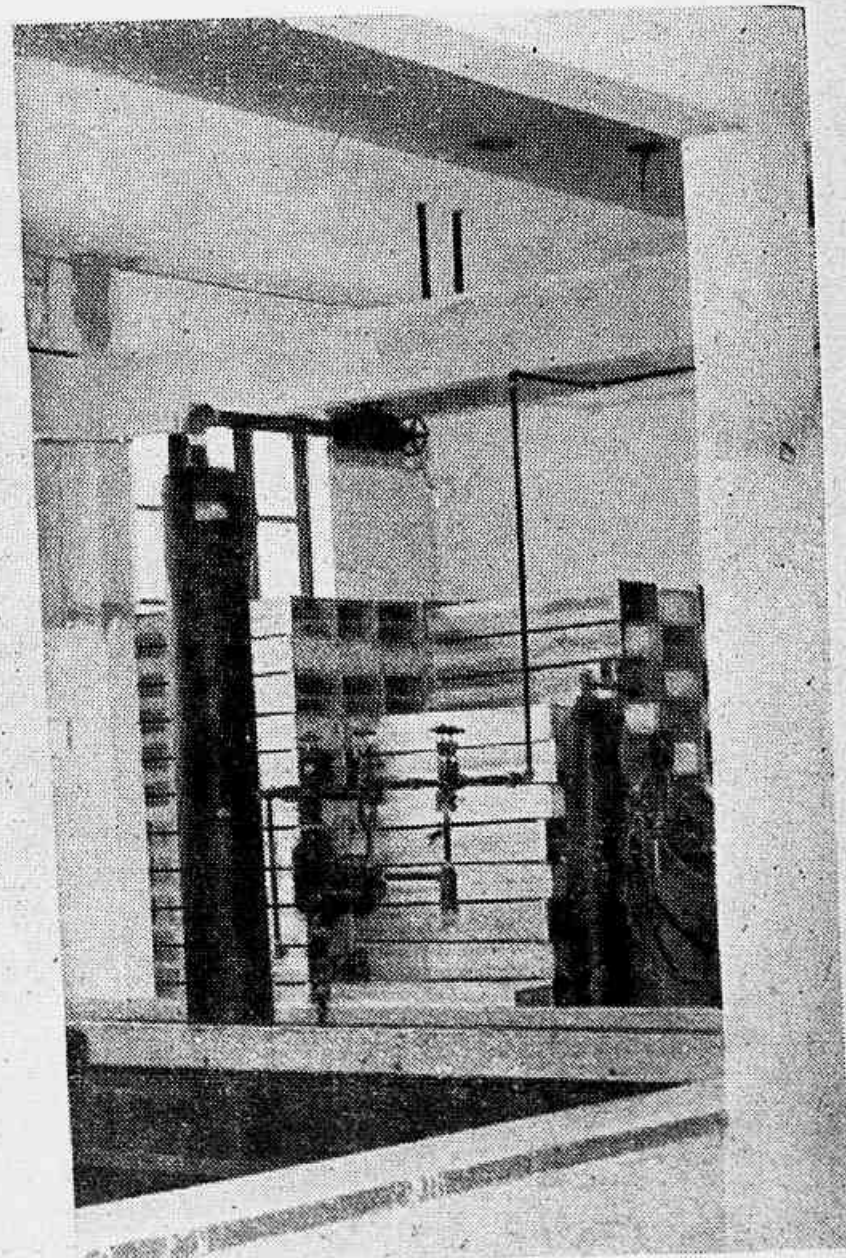
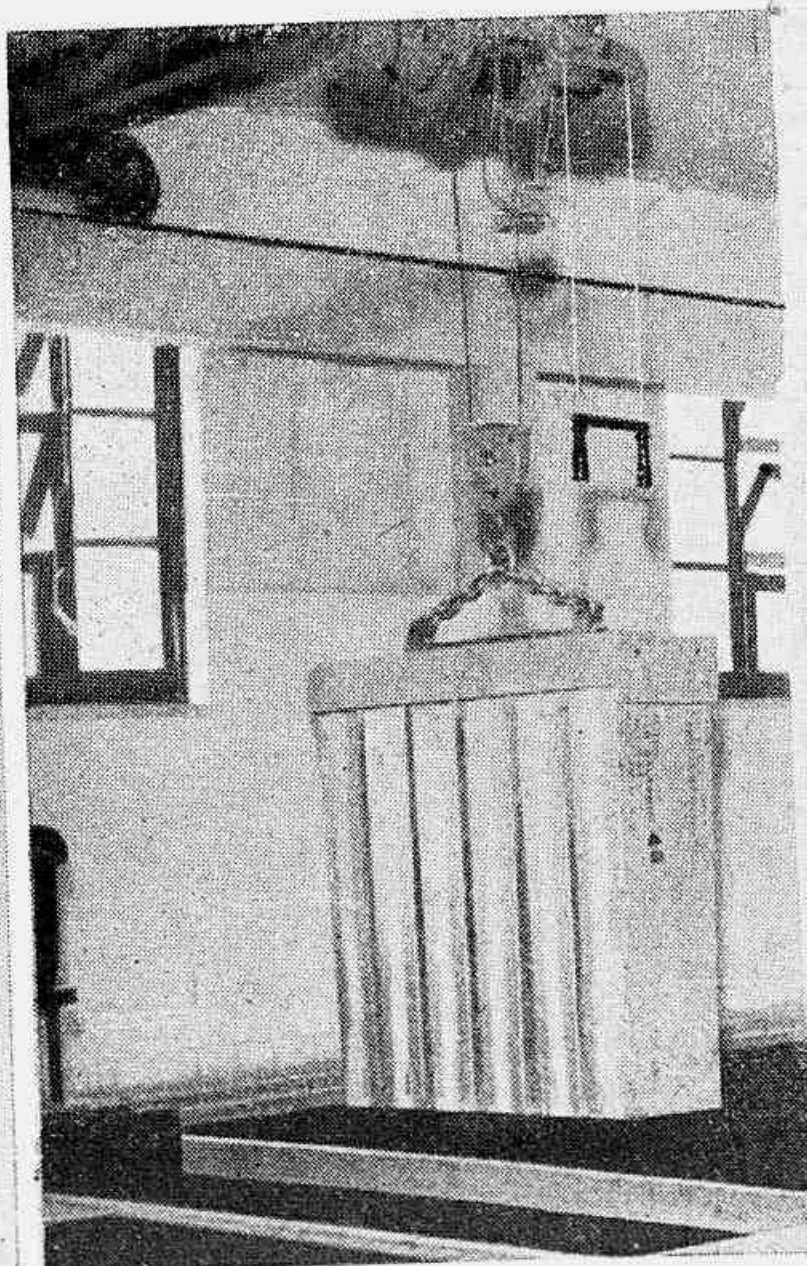
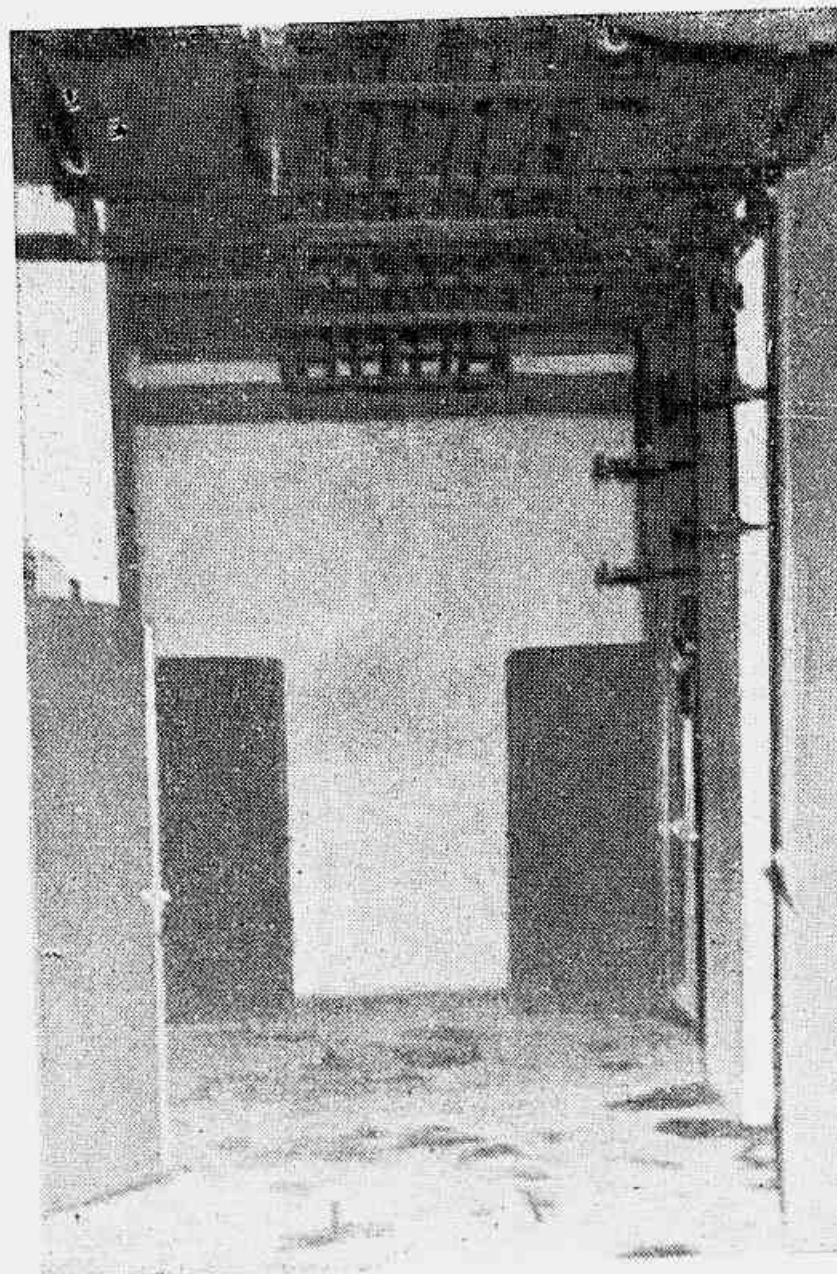
Reportagem de
ADALBERTO MENDES



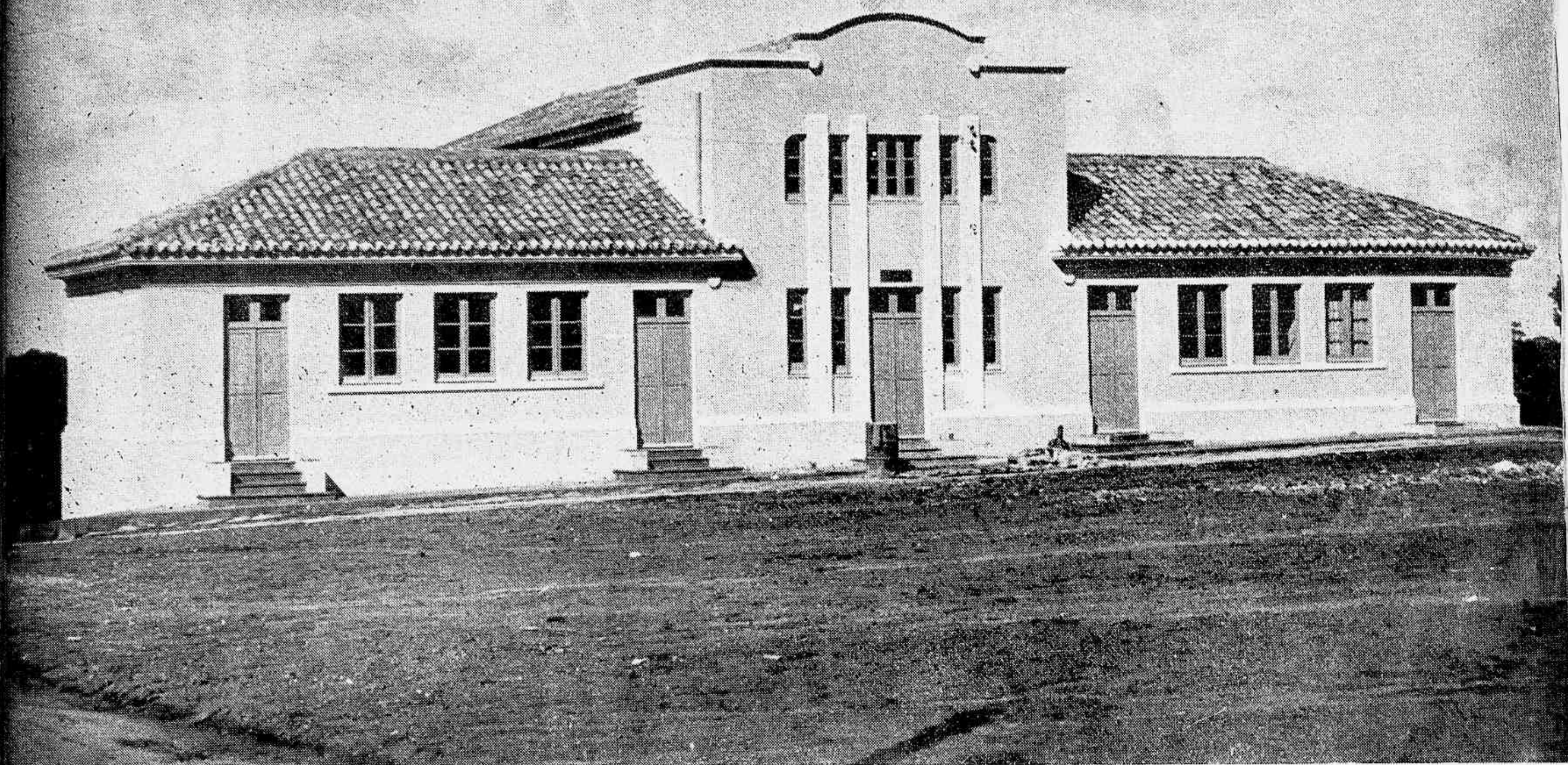
Trecho inicial da avenida Amaralina, no bairro do Rio Vermelho. Essa notável obra ligará, muito em breve, a cidade aos aprazíveis arrabaldes de Pituba e Itapuan, e ao aeroporto de Sto. Amaro de Ipitanga. Será uma das mais belas estradas do País



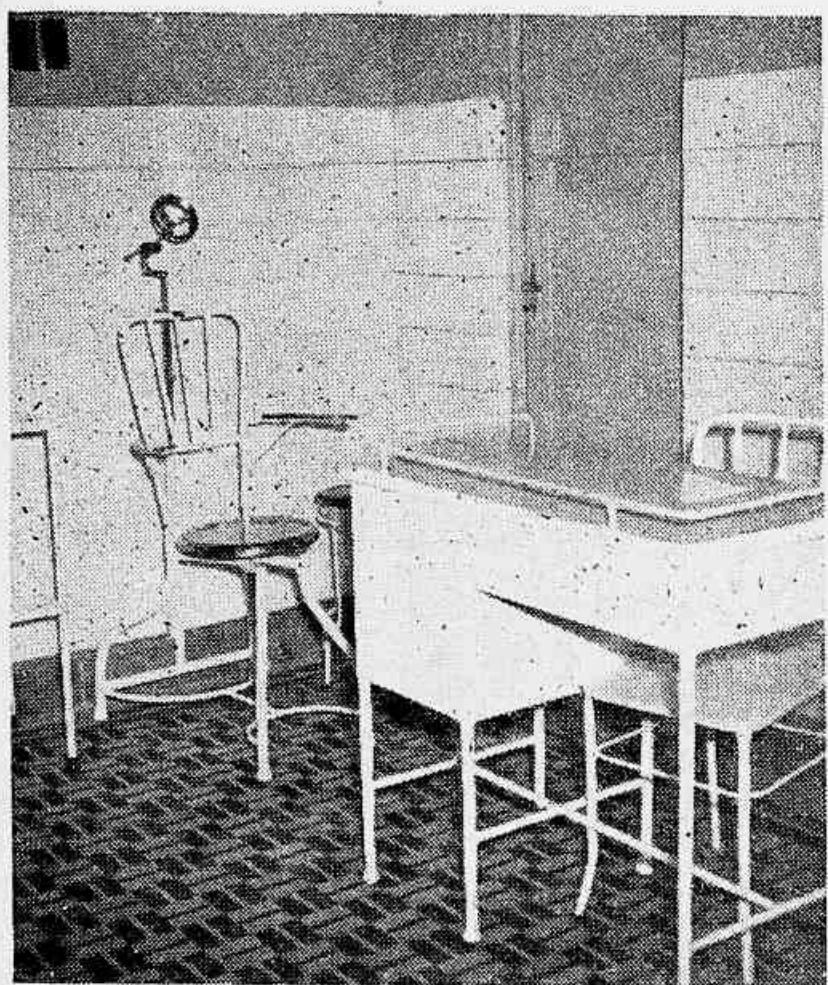
Figuras do governo bahiano, de cuja operosidade o povo da Bahia teve boa demonstração nas festas centenárias. Vê-se, entre outras pessoas, o governador, sr. Octavio Mangabeira, os secretários de Estado, srs. Anísio Teixeira, Pimenta da Cunha, Alberico Fraga e Epaminondas Berbert de Castro



A esquerda: Diversas câmaras funcionam de um e outro lado desta sala. O Frigorífico de Água de Meninos foi construído em obediência à melhor técnica de frio atualmente em uso. A direita: Parte destinada à fabricação de gelo para abastecimento da cidade



Fachada do pavilhão de diversões da Colônia D. Rodrigo de Menezes. Nele encontrarão os internados numerosos motivos de distrações, inclusive cinema sonoro, bar, restaurante e barbearia.



NESTA terceira e última reportagem sobre as comemorações do quarto centenário da Cidade do Salvador, levadas a efeito nos últimos dias de março, vamos ferir um dos pontos mais importantes daquelas festividades, isto é, a entrega ao serviço público de vários grandes empreendimentos do governo da Bahia, e dêste em colaboração com o governo federal. Do vasto programa comemorativo, que encheu a Capital bahiana de intenso júbilo, fazia parte a inauguração de obras e melhoramentos de interesse coletivo, e de nenhuma maneira mais adequada a administração pública poderia colaborar nos festejos que marcaram a passagem dos 400 anos de existência da civilização bahiana. Aos governos federal e estadual, presentes àquelas solenidades nas pessoas de Octavio Mangabeira e Clemente Mariani, devem os baianos a estas horas uma soma considerável de realizações, em tão auspicioso momento entregues ao seu uso. O extenso programa, que culminaria com o cortejo de intraduzível beleza, já

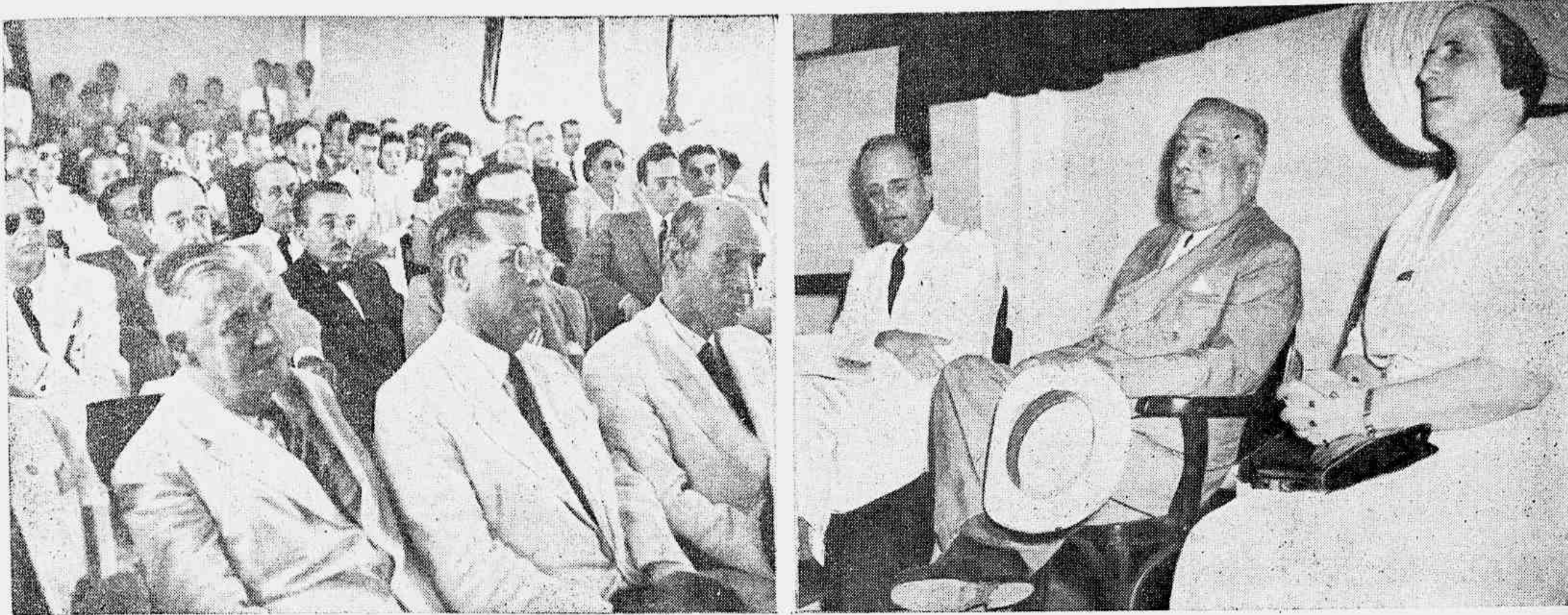
agora lanoso, não foi, assim, apenas um rosário de festas que de todo se justificavam: foi também uma prestação de contas dos governantes para com os governados, e uma larta prestação de contas, em que as parcelas estavam inteligentemente aplicadas para o bem comum.

★

As inaugurações de serviços públicos, que se estenderam pelos quatro dias do referido programa, tiveram início com a dos grandes reservatórios para reforço do abastecimento d'água à cidade do Salvador, representando uma adição de treze mil metros cúbicos de capacidade às obras já existentes. Quatro reservatórios e uma monumental torre de elevação formavam o conjunto de ferro e cimento armado do utilíssimo melhoramento. E se a imponência dessa construção a todos tão bem impressionou, logo a seguir veio a inauguração da Colônia D. Rodrigo de Menezes, notável empreendimento do governo federal, através do Ministério da Educação e Saúde,

Em cima, à esquerda: Gabinete de oto-rino-laringologia do pavilhão das clínicas da Colônia D. Rodrigo de Menezes. Em baixo, à esquerda, o amplo refeitório dos doentes, e à direita, parte das instalações culinárias que servirão aos internados da Colônia.

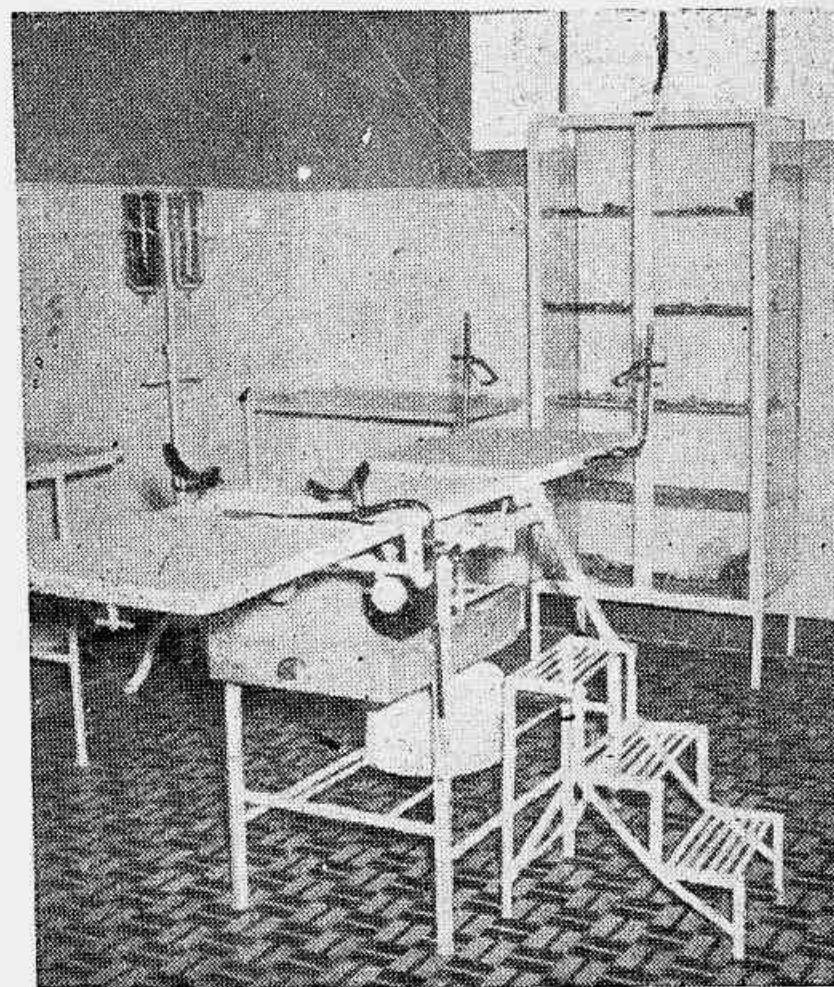




As fotografias acima foram fixadas no ato inaugural da Colônia D. Rodrigo de Menezes. Na da direita estão o ministro Clemente Mariani, o governador Octavio Mangabeira e a sra. Eunice Weaver

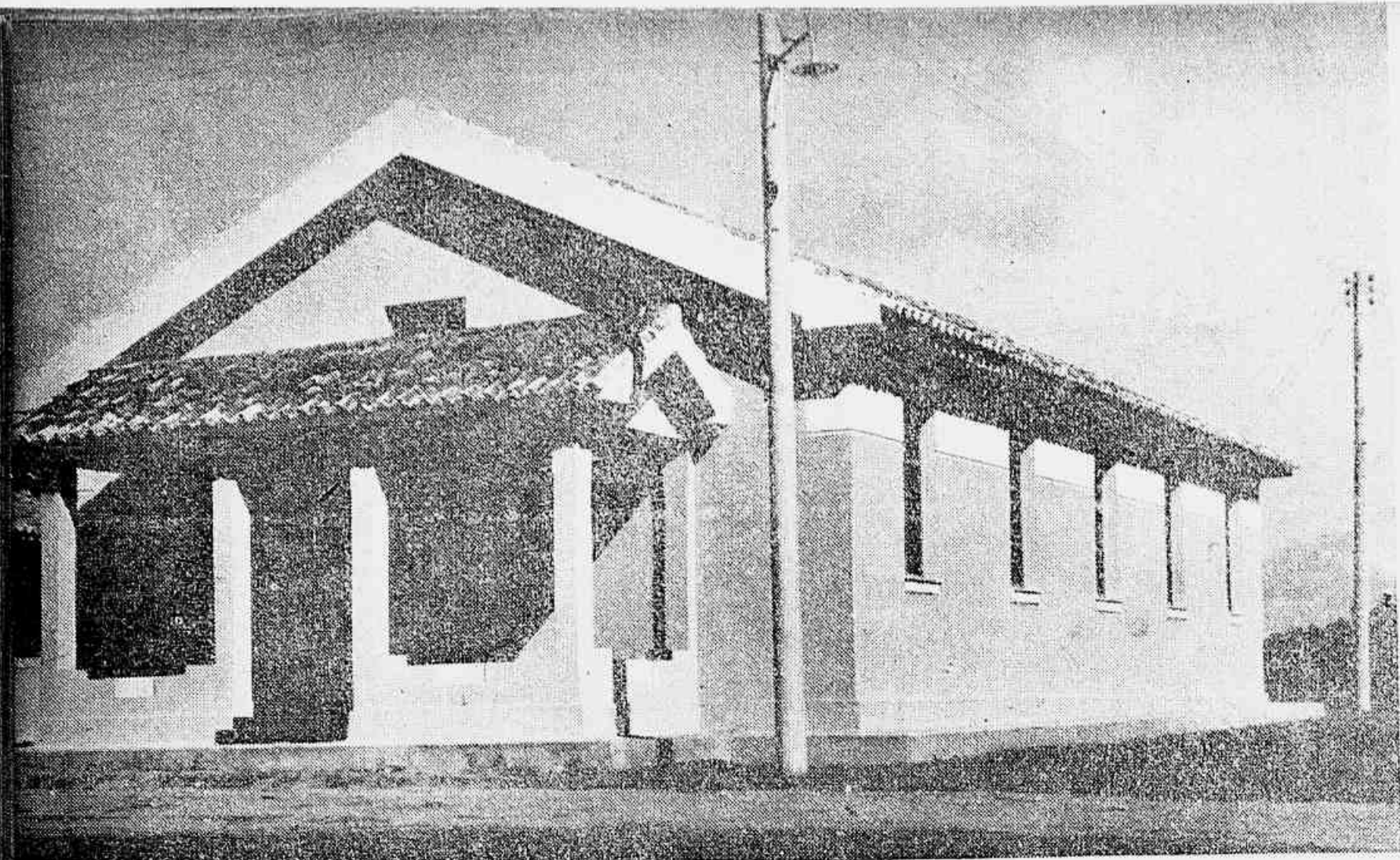
em colaboração com o governo da Bahia. Uma pequena cidade, destinada aos infelizes portadores do mal de Hansen, foi edificada em Águas Claras, aprazível logradouro do Salvador. Ali tudo foi previsto, tudo foi feito em obediência às exigências dos modernos métodos terapêuticos adotados no combate à lepra, e no humaníssimo propósito de proporcionar aos seus portadores uma existência confortável, suavizando-lhes os padecimentos e as durezas do isolamento a que estão condenados viver. A Colônia D. Rodrigo de Menezes é um vasto agrupamento de casas e pavilhões diversos, situado a 13 quilômetros da cidade, servido por ótima estrada de rodagem, o que permite uma assistência médica e administrativa constante e eficiente. De acordo com os preceitos exigidos, a Colônia está dividida em três zonas, sadia (A), intermediária (B) e doente (C). A primeira é reservada para o uso exclusivo dos funcionários, constando de seis edificações destinadas às residências do diretor, do administrador, do porteiro e dos

empregados; a segunda, ou zona B, consta de um pavilhão, no qual se acham instalados os serviços de direção, administração, secretaria, almoxarifado, farmácia, laboratório, copa e cozinha para o pessoal sadio, portaria e vestiário, existindo ainda dois prédios para residência de funcionários; finalmente a zona C, para uso único dos doentes, compreende o maior agrupamento, composto de dezessete prédios assim distribuídos: um hospital, com salas de cirurgia e esterilização e enfermarias para 25 pessoas; um pavilhão de clínicas, aí funcionando os serviços de clínica médica, leprologia, oto-rino-laringologia, fisioterapia, odontologia, além de salas para injeções e de curativos para homens e mulheres, comportando o mesmo pavilhão salas para médicos, enfermeiros, arquivo e fichário; seis pavilhões tipo Carville para doentes solteiros, tendo cada um 9 quartos, com capacidade para 162 enfermos, sendo providos de instalações sanitárias duplas e completas; seis casas geminadas para casais doentes, com capaci-



Em cima, à direita: O gabinete de cirurgia hospitalar das clínicas da Colônia D. Rodrigo de Menezes. Em baixo: Grupo de casas geminadas, destinadas a abrigar, cada uma, um casal doente. Estão mobiliadas e instaladas com conforto





dade para 12 casais; um pavilhão refeitório, com salão de refeições, cozinha, despensa, copas para sadios e doentes e lavatórios; um pavilhão de diversões com auditório para 100 pessoas, equipado com cinema sonoro, bar, restaurante, barbearia, escola, biblioteca, sala de jogos, prefeitura e delegacia dos doentes; e, afinal, o prédio da lavanderia.

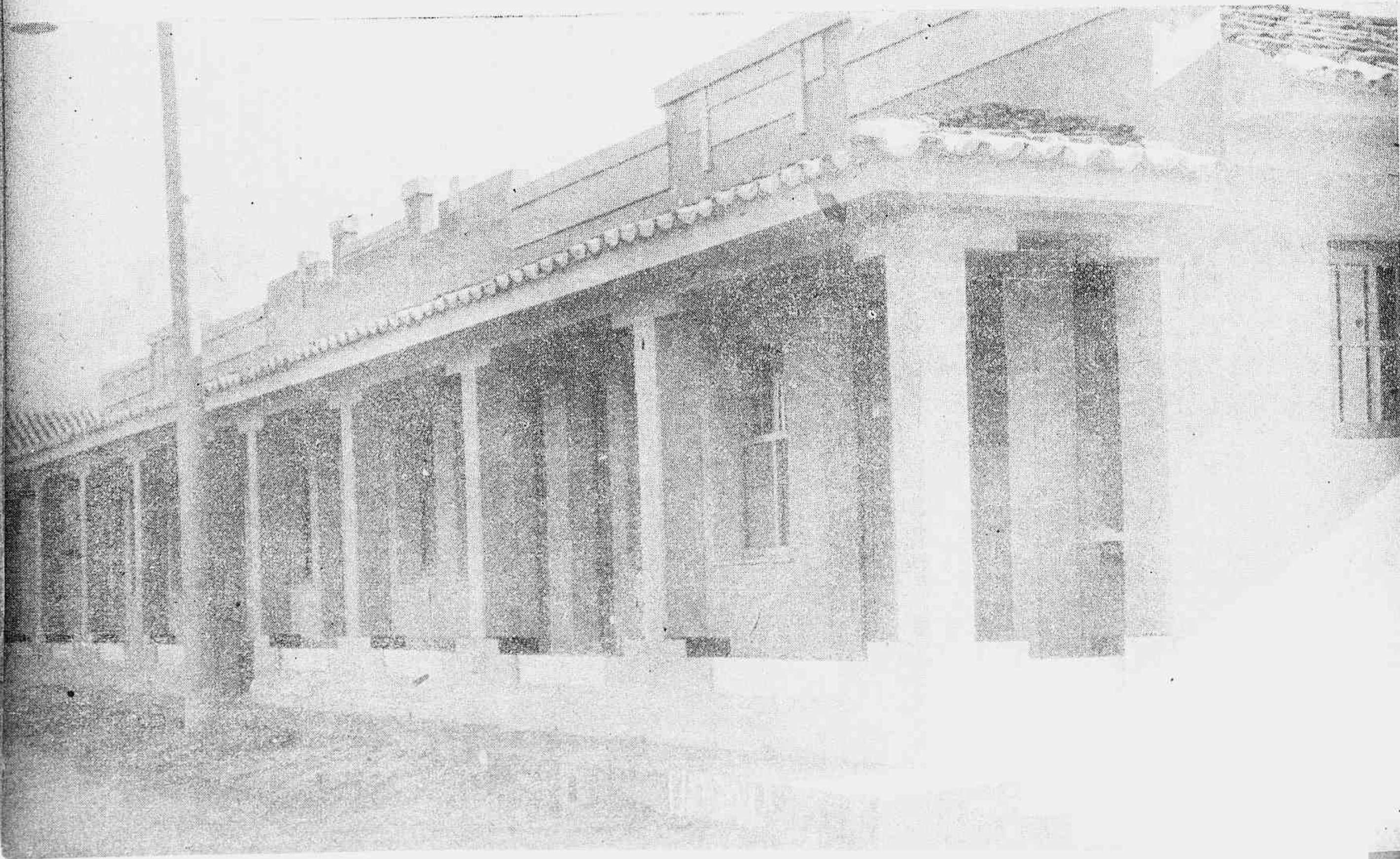
Aí fica uma resumida descrição dessa esplêndida obra de assistência que é a Colônia D. Rodrigo de Menezes, inaugurada durante as celebrações do quarto centenário baiano, e que, no dizer do ministro Clemente Mariani, "é uma magnífica realidade, que merece ser visitada e conhecida pelos baianos", ao que aduzimos por todos os brasileiros que por lá passaram.

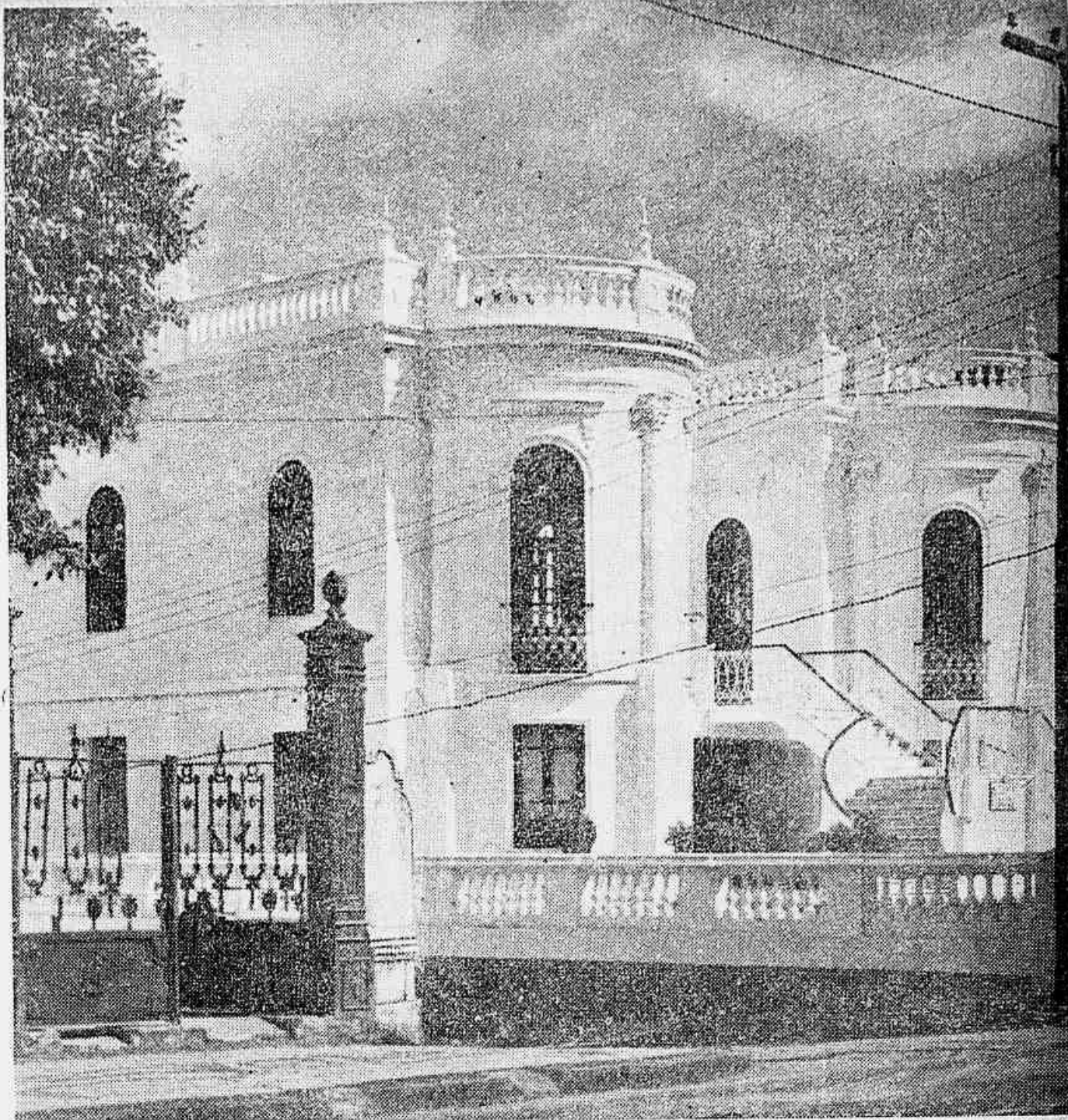
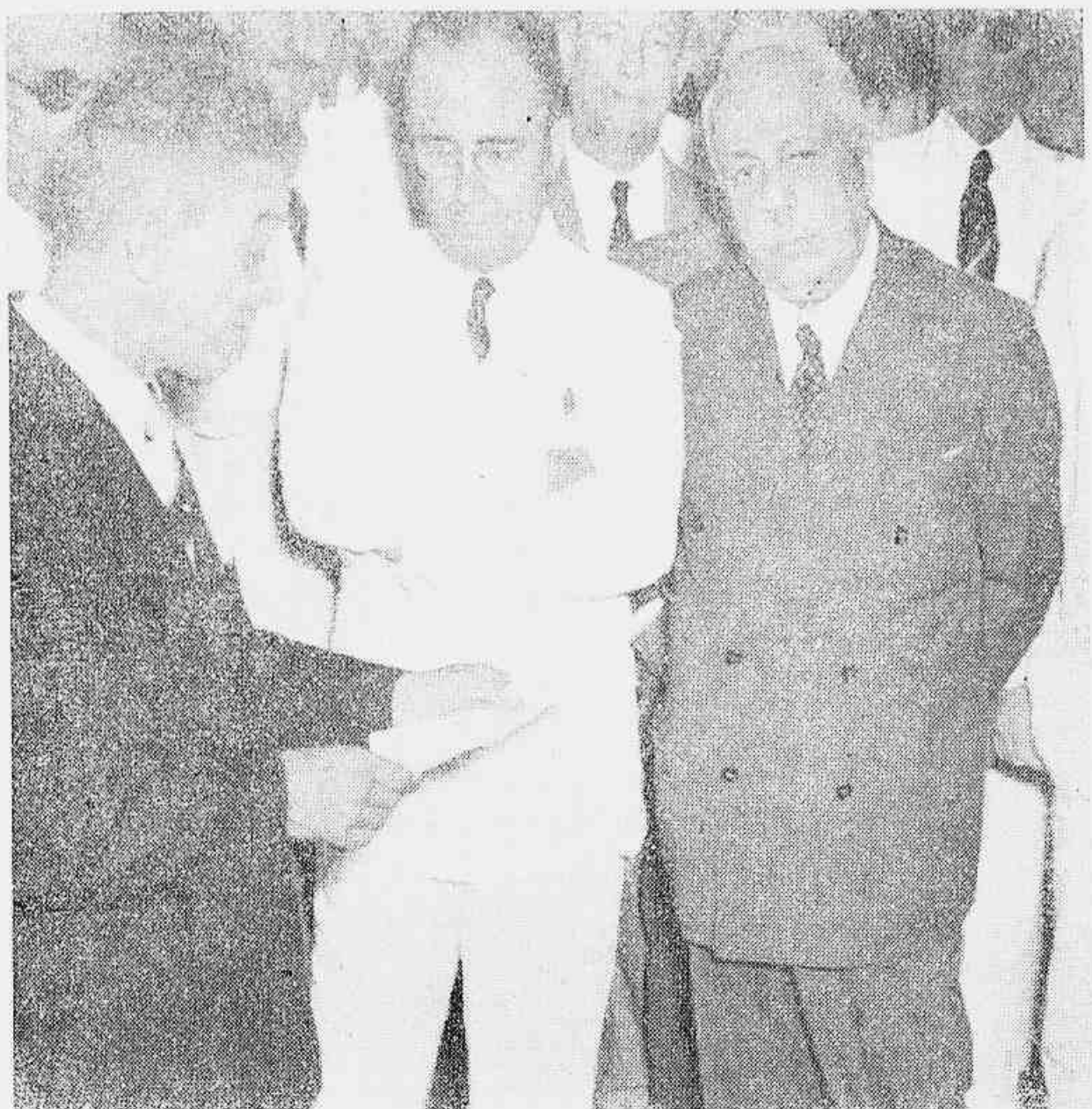
★

Em amplo prédio convenientemente adaptado, abriu suas portas o Centro de Saúde nº 1, situado à avenida Sete. Este empreendimento do governo baiano constituiu outro ponto de inequívoco destaque entre as inaugurações do quarto centenário. Ali fomos encontrar um perfeito serviço de assistência à população menos favorecida, desde os curativos ligeiros às mais diversas clínicas especializadas. Como serviço de ambulatório, o Centro de Saúde nº 1 é completo. A Secretaria de Educação e Saúde da Bahia, a cuja frente se encontra o conhecido educador Anísio Teixeira, primou em dar aos festejos seculares da Bahia uma colaboração de primeira ordem, representada nesse centro de saúde instalado como os melhores do País. Basta referir os serviços de higiene infantil, higiene escolar, higiene pre-natal, tuberculose, sífilis, para se aquilatar da sua alta eficiência. A abertura dos postos de puericultura do Chame-Chame e da avenida Tiradentes, para os quais mais uma vez se lêz sentir a cooperação entre os governos federal e estadual, deu ainda maior relêvo à obra de assistência social entregue aos baianos naquela ocasião, como também o pavilhão de enfermaria construído pelo Estado no Abrigo do Salvador.

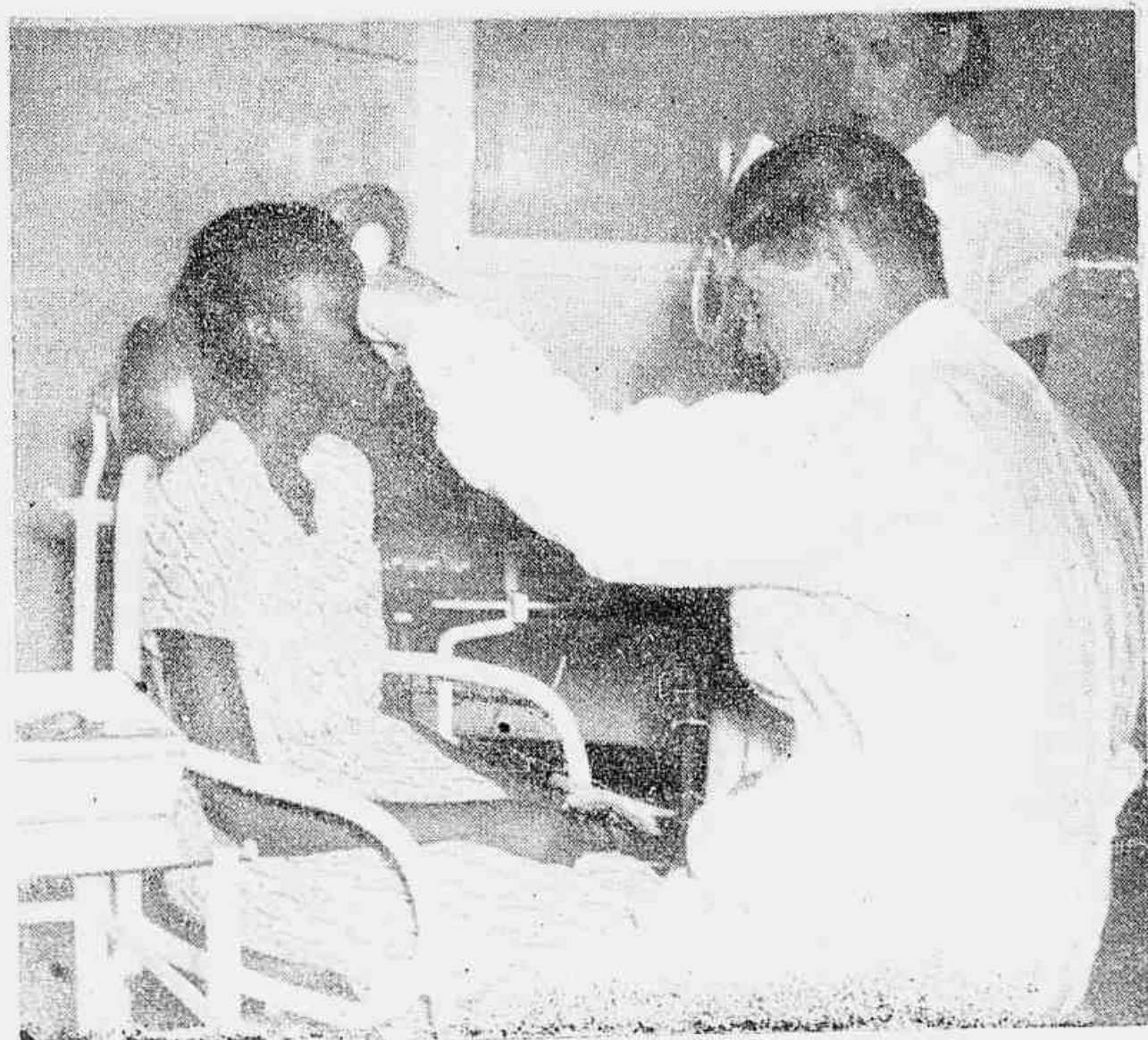
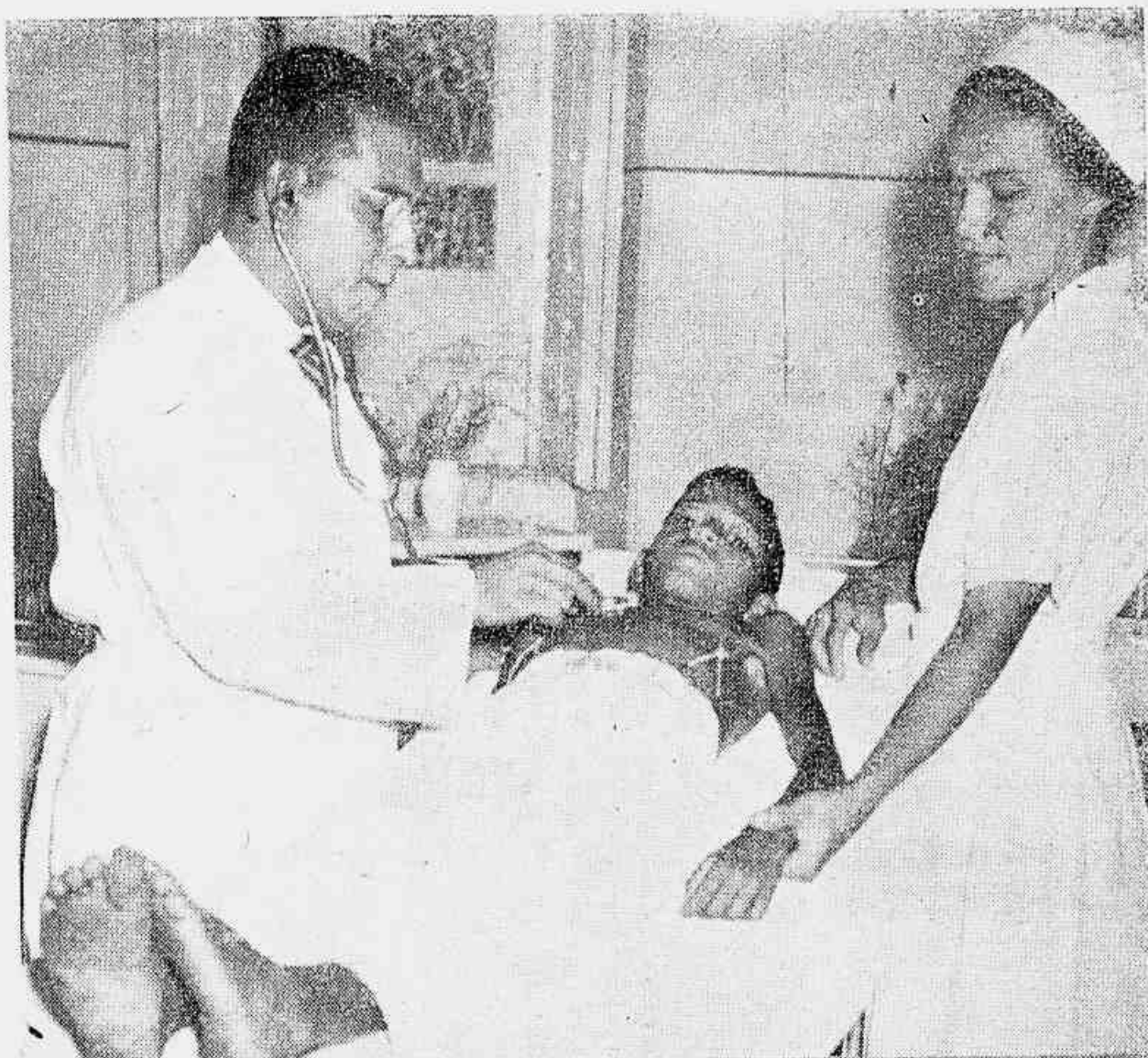
No tocante à assistência social, deu a Bahia um belo exemplo de trabalho útil e bem orientado, quer nas realizações do Estado isoladamente, quer nas em cooperação com o Minis-

Ao alto, de cima para baixo: Um dos pavilhões tipo Carville, para doentes solteiros, e o prédio do hospital da zona destinada aos doentes. Em baixo: O pavilhão das clínicas. Todas essas dependências são da Colônia D. Rodrigo de Menezes

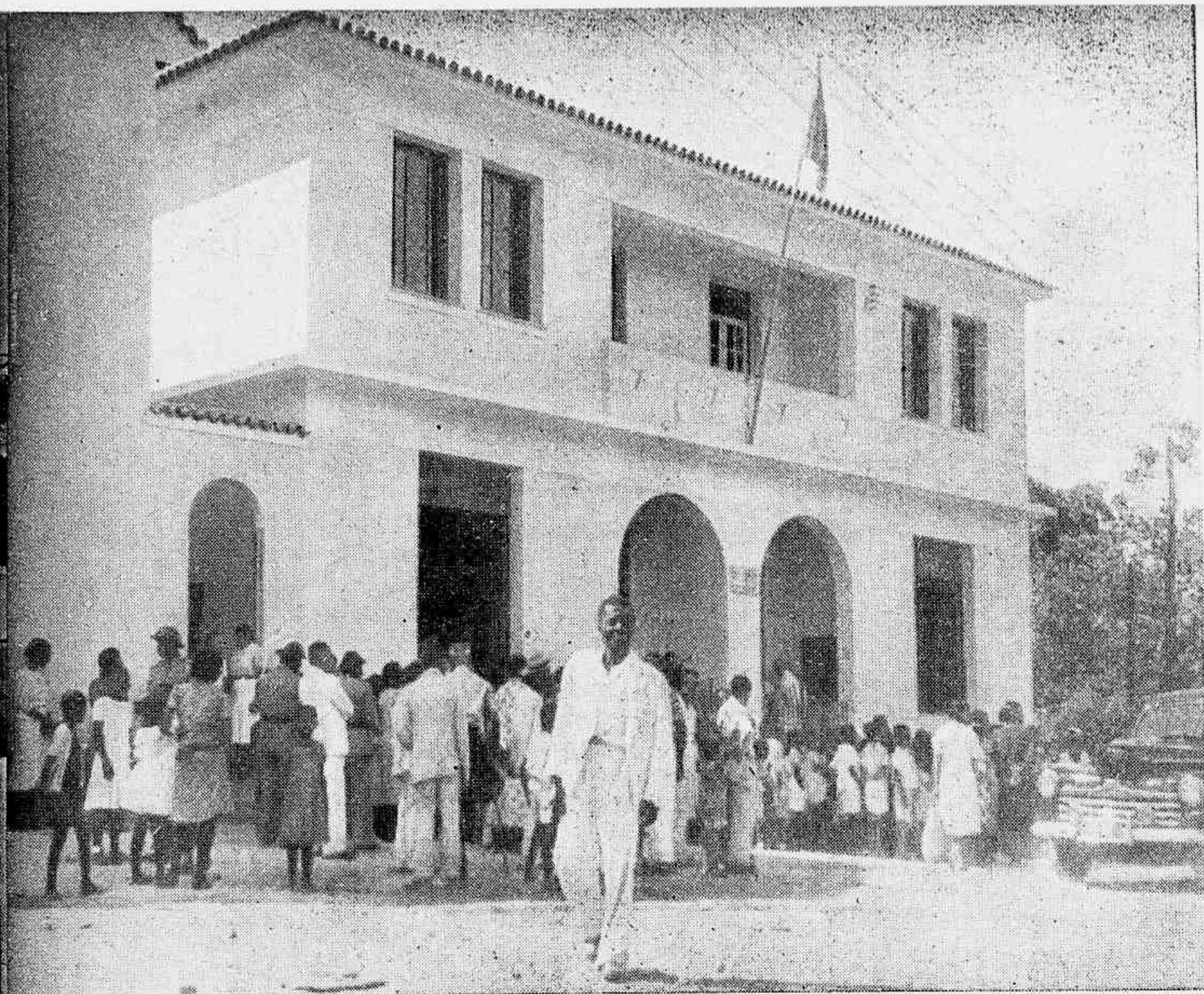




A esquerda: Na inauguração do Centro de Saúde n.º 1, os srs. Clemente Mariani e Octavio Mangabeira ouvem o discurso do médico Antônio Simões. A direita: O prédio onde funciona o moderno centro



No Centro de Saúde n.º 1 o povo encontra completa assistência médica. Nos quatro flagrantes acima vemos em funcionamento os serviços de higiene infantil e escolar, de otorrino-laringologia e dentário



tério da Educação e Saúde, frutos de sucessivos acordos entre o governo da Bahia e o da República.

★

A inauguração da avenida de Amaralina foi outro acontecimento de grande significação. Essa esplêndida via pública, a qual se juntará brevemente à estrada de Amaralina a Santo Amaro de Ipitanga, ligando o aeroporto à Cidade pela zona mais bonita do Salvador, veio dar nova vida àquele encantador bairro de veraneio, hoje em vésperas de se tornar num reduto residencial em virtude das facilidades de comunicação agora proporcionadas pela nova avenida. É a permanente expansão da velha e pitoresca Salvador, crescendo e se transformando a cada passo sem perder as características tradicionais, aquela perfume do passado a se derramar pelas modernas avenidas e pelos elegantes bairros ensolarados, fazendo da metrópole bahiana a

cidade dos mais bizarros contrastes. A avenida do Centenário, cujo início teve lugar no dia mesmo da fundação, e que atravessará larga faixa da zona urbana, será outro pulo agigantado no desenvolvimento constante do Salvador.

★

Ainda queremos aludir a outra importante obra inaugurada nos dias festivos dos centenários. O Frigorífico do Estado foi outro marco de progresso lançado em homenagem à grande data, preenchendo enorme lacuna no sistema de abastecimento de víveres à numerosa população do Salvador. Equipado com os mais modernos aparelhamentos introduzidos na atual técnica de frio industrial, o citado frigorífico possui câmaras destinadas a todos os alimentos perecíveis, além de fabricação de gelo, visando solucionar um dos mais aflitivos problemas com que se debatem os administradores. Nessa cidade de tempe-

ratura permanentemente oscilável entre 28° e 32°, uma instalação dessa natureza corresponde a fundamental necessidade dos centros populosos. Outro melhoramento de vulto, portanto, que a administração pública da Bahia entregou ao povo da boa terra em ocasião tão propícia.

★

Na data memorável dos quatro séculos, não se deixaram ficar os bahianos na contemplação do passado. A semelhança dos vullos legendários que compuseram as páginas da sua história imortal, e que fizeram do trabalho a razão única de suas existências predestinadas, quiseram eles reverenciar essa história e seus personagens magníficos com o produto também do seu labor quotidiano, mostrando às gerações atuais como se fixaram nos homens de hoje o exemplo de devotamento à terra, para cuja grandeza não se afastaram da trilha deixada através dos tempos pelas figuras másculas dos seus antepassados.

A esquerda: Fachada do belo prédio do Posto de Puericultura do Chame-Chame, que, devidamente aparelhado, acaba de ser inaugurado.

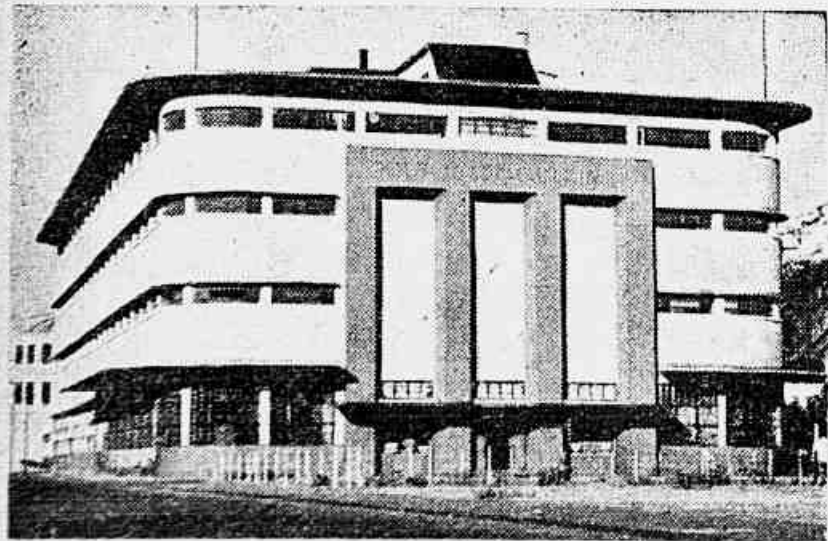
Em baixo: Autoridades presentes à inauguração do novo prédio do Posto de Puericultura do Chame-Chame. Entre outras pessoas, estão o governador Octavio Mangabeira, o ministro Clemente Mariani, o secretário de Educação e Saúde da Bahia, sr. Anísio Teixeira, o arcebispo Primaz D. Alvaro Augusto, o cel. Maurino Cezimbra e o jornalista Simões Filho.



ALGUNS ASPECTOS DOS INSTITUTOS DA ECONOMIA BAHIANA

INSTITUTO DE CACÁU DA BAHIA

Na análise do desenvolvimento da economia cacaueira do Estado da Bahia, devemos considerar que a ereção do Instituto de Cacáu identifica uma fase de surpreendente progresso, quer nos aspectos de ordem interna da produção, quer na fixação de um alto nível de civilização. De um modo geral, os fatos demonstram que a ação do Instituto de Cacáu da Bahia, no período que vai de seu início aos nossos dias, concorreu poderosamente para uma verdadeira transformação social-econômica na zona produtora.



Sede do Instituto de Cacáu da Bahia

O panorama econômico da lavoura tem que ser transmutado, com obediência aos novos imperativos de uma política econômica mais ampla e capaz de descer a moleres detalhes e a mais completa eficiência no servir a lavoura e, dentro dessa lavoura, à sua grande expressão

quantitativa no que se refere aos produtores individualmente.

O Plano de Ação Econômica para o Estado da Bahia traça novas orientações a esta instituição, uma das melhores organizações de defesa da economia nacional criadas em nosso país e que tão relevantes serviços tem prestado à coletividade bahiana. O Governo do Estado da Bahia deverá encaminhar brevemente à Câmara Estadual a mensagem focalizando a transformação em apreço.

INSTITUTO CENTRAL DE FOMENTO ECONÔMICO DA BAHIA

O I. C. F. E. B., como o seu nome indica, destina-se a incrementar o desenvolvimento da agricultura, da pecuária e da lavoura bahianas, por meio de financiamentos e outras operações de crédito indispensáveis ao progresso das fontes produtoras do grande Estado brasileiro. Possui o Instituto um capital realizado de mais de 27 milhões de cruzeiros e reservas de quase 8 milhões. Sua sede é em Salvador, tendo agências já instaladas em Juazeiro, Ruy Barbosa, Senhor do Bonfim e Ipiá, achando-se em estudos as de Ilhéos, Itabuna, Itambé e Vitória de Conquista.

O I. C. F. E. B. opera como banco, recebendo depósitos em várias modalidades, como sejam: populares com retirada livre até cem mil cruzeiros, ao juro de 6% capitalizado semestralmente; em conta corrente de movimento com limite de duzentos mil cruzeiros, aos mesmos juros; a prazo fixo, sem limite e com aviso prévio mediante condições a combinar. Para tôdas essas contas fornece cadernetas grátis. Esses depósitos têm a garantia do Governo do Estado da Bahia pelo decreto-lei n.º 513 de 20 de junho de 1945.

O Instituto do Fomento é uma força propulsora da riqueza bahiana, desenvolvendo, com esse objetivo, ação intensa e altamente proveitosa, amparando da melhor maneira possível a agricultores, comerciantes e industriais. E para isso não lhe falta o apoio popular, através dos depósitos da economia privada, o que, em suma, resulta em benefício geral.

INSTITUTO BAHIANO DO FUMO

Sendo do programa do Instituto Bahiano do Fumo, a organização de uma cadeia experimental, único meio seguro para orientação de qualquer cultura que se deseja melhorar, foram adquiridos, para isso, terrenos em Cruz das Almas, Feira de Santana e Inhambupe, onde serão instalados, respectivamente, a Estação Central de Experimentação e as Sub-Estações Experimentais do I. B. F., afim de que possam ter curso normal e definitivo os trabalhos e estudos técnicos experimentais relativos à seleção e melhoramento das variedades de fumo cultivadas na Bahia, aclimação e obtenção de outras, como a de fumo para capas, cigarros e, bem assim, de novos métodos ou processos de culturas, colheita, cura, fermentação, etc.

Quando da última visita do representante da REVISTA DA SEMANA à Bahia, no mês passado, tivemos ensejo de conversar com o sr. Antônio Nonato Marques, presidente do Instituto Bahiano do Fumo, que nos prestou interessantes informações sobre aquelas estação e sub-estações, cujos trabalhos de construção estão bastante adiantados, devendo as de Cruz das Almas e de Feira de Santana serem inauguradas em outubro próximo, ocasião em que este semanário, gentilmente convidado pelo presidente do I. B. F., fará uma interessante reportagem in-loco de mais esse grande serviço que a benemérita entidade presta ao desenvolvimento da lavoura fumageira bahiana.



ÊSTES modelos, recomendados pelos mais conhecidos chapeleiros de Paris, parecem ter ido buscar inspiração no passado. São pequenos, quase enterrados à cabeça, sobressaindo apenas o enfeite, em geral de penas ou fitas.



INTIMIDADE DO LAR



PARA os dias ou noites frias em que você queira sentir-se agasalhada e ao mesmo tempo elegante, existem trajes que em nada prejudicam a sua "classe" muito pelo contrário, a realçam muito mais. Os "robes", em geral, são em veludo, jersey ou lã muito fina; alguns em seda capitonné, quasi sempre, também a gola é formada por gracioso capuz. Molyneux, por exemplo, criou este modelo em lã cinza e "faillie" de listras pretas e brancas. Jeanne Lafaurie lançou este outro em dois tons de jersey. Este outro de Jean Patou, tem golas e punhos em cor contrastante e à cintura uma grossa corda. Para completar um pijama de jersey preto, ampla capa em dois tons, é a sugestão de Kostie de War. Uma saia de lã, uma "sweater" é uma "echarpe", sugere Pierre Balmain. Finalmente, Calixte criou este pijama em lã cuja calça se ajusta nos tornozelos.



O vestido preto é sempre elegante e sempre distinto. Em qualquer ocasião, ele sempre veste bem. Eis porque selecionamos estes modelos de Christian Dior, Grés, Robert Piguet e Marcelle Dormoy.

Nesses modelos se acentua mais a fantasia e o extraordinário bom gosto dos costureiros franceses, realizando verdadeiras obras de arte para o maior realce da beleza feminina.



DEFENDA SEU ESQUELETO

O Rio é a cidade dos desastres e do perigo. Quando o cidadão põe o chapéu a cabeça... Chapéu?! Ainda há quem use esse troço?!

...deve pensar sempre que está vivendo perigosamente e procurar defender o esqueleto!

Na rua, é o boeiro aberto como um alçapão à espera dos distraídos, ou o vaso de flores à beirada da janela ameaçando a cabeça dos transeuntes...

E os autos que querem matar mais que a tuberculose? Se o cidadão não leva muito a sério as faixas do asfalto, pode acabar com as ditas do Pronto Socorro... Por falar em socorro, não conte com ele na hora do assalto!



Modelos de Outono



Para os dias frios e chuvosos do outono, estampamos nesta página algumas encantadoras sugestões para você. São modelos elegantes que deverão ser executados em tecidos de lã ou casimira. Ao alto, elegante modelo em fina lã cinza, gola alta laço à altura do busto pendendo um ramo de flores. Ao centro em lã verde clara com "pois" branco poderá ser executado este gracioso modelo. Finalmente em baixo, um modelo que poderá ser confeccionado em tecido de camurça, azul-marinho.



SOPA DE MASSA VIENENSE

Quebre dois ovos, junte sal, e sempre mexendo vá incorporando farinha até formar massa lisa e mole; deite num pequeno funil e vá deixando cair em fio no caldo a ferver. Retire com a espumadeira e deite na sopeira. Despeje o caldo a ferver por cima, polvilhe de queijo e sirva.

CHUCHUS PASSADOS EM OVOS

Tome 6 chuchus bem verdes, descasque, parta em quatro, tire os centros e leve a cozinhar em água a ferver com sal e 1 colher de açúcar. Depois de escorridos, passe em ovos batidos com um pouco de farinha e frite na banha quente.

TIMBALE MILANESA

Deite numa fôrma untada de manteiga e polvilhada de pó de pão, 1/2 kg. de macarronete cozido e temperado com queijo ralado e manteiga. Encha o centro com pequenas almondegas de vitela do tamanho de nozes, azeitonas, pedacinhos de presunto e 2 ovos duros picados. Cubra com o molho das almondegas, deite por cima 3 ovos batidos, polvilhe com queijo e leve a tostar no forno.

ALMÔNDEGAS

Passe na maquina 1 kg. de carne sem peles, 1 cebola regular escaldada, 2 folhas de salsa e 2 tomates grandes sem caroços, misture, junte 1 ovo e 1 fatia de pão de 3 cm. amolecida no caldo. Enrole como ameixas e frite na banha bem dourada. Escorra toda a gordura, dissolva o tostado com xícara de água quente, torne a juntar as almôndegas e deixe cozinhar até amolecerem.

CARAMBOLAS EM CALDA

Corte 6 carambolas bem bonitas em rodela de 1 cm. de espessura. Tire os caroços e deite a cozinhar um pouco, retire as carambolas e tome o ponto de calda mais forte, para juntar novamente as frutas.

CRÈME CRU DE CHOCOLATE

Leve ao forno, ou em banho-maria, 3 paus de chocolate, apenas para amolecer. Esmague até ficar como uma pasta, junte 3 gemas, uma a uma e por último as claras em neve. Guarde na geladeira ou em lugar fresco até a hora de servir.

★

Os crêmes ficam melhores quando cozidos em fogo brando.

★

O sucesso de um bolo depende de diversos fatores: medida certa dos ingredientes, regulagem do forno, principalmente.

★

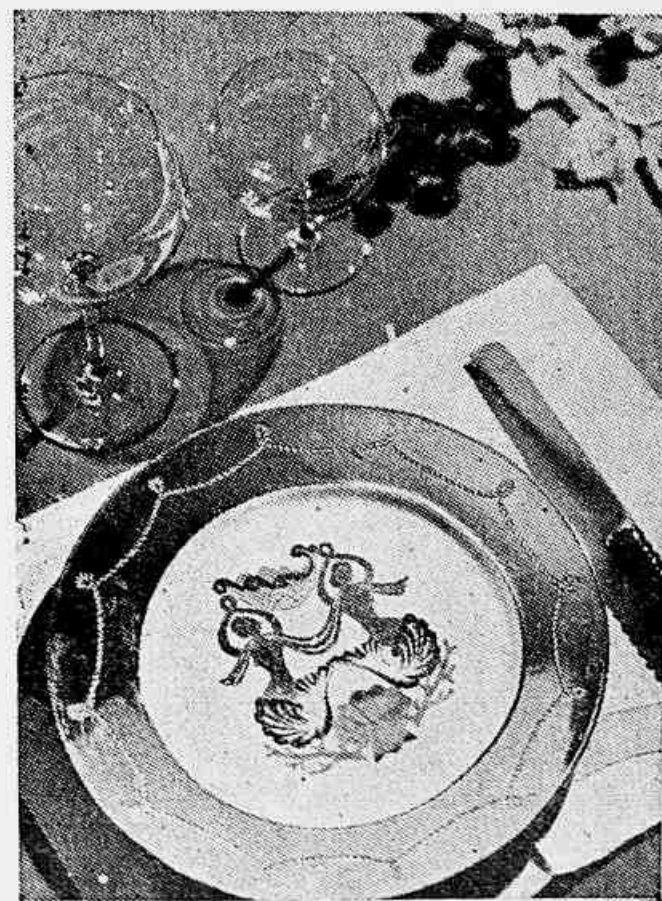
As sopas ficam mais gostosas se antes for feito um refogado com gordura, carne, tomate, cebola, etc., em seguida acrescentada a água para fazer o caldo. Só depois deste ferver é que devem ser colocados os demais ingredientes.

★

As saladas deverão ir para a geladeira sem o molho. Este só deverá ser acrescentado na hora de servir.

★

O caruru é um alimento rico que deve ser usado mesmo na alimentação infantil.



Sobre um serviço individual de linho, em dois tons, muito se destaca a louça em tons contrastantes

MÚSICA

UMA OPORTUNIDADE PARA OS JOVENS COMPOSITORES BRASILEIROS

SOB O PATROCÍNIO DA "REVISTA DA SEMANA", O MAESTRO ELEAZAR DE CARVALHO LANÇA UM IMPORTANTE CERTAME ★ SERGE KOUSSEVITSKI REGERÁ, EM PRIMEIRA AUDIÇÃO, A OBRA ESCOLHIDA ★ UMA BOLSA DE ESTUDOS NOS ESTADOS UNIDOS

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

QUANDO o maestro Eleazar de Carvalho se impôs, definitivamente, como regente, alcançando um sucesso excepcional, nos Estados Unidos, resolveu usar o prestígio que, pelo seu talento e pelo esforço persistente, conquistara, no sentido de facilitar a divulgação da música brasileira. Na composição de seus programas, inclui, sempre, obras nacionais que, na sua interpretação, recebem os aplausos de um público internacional e os louvores da crítica de mais de um país. Porém não são somente os nossos compositores já consagrados que, assim, adquirem projeção além das nossas fronteiras. O maestro Eleazar de Carvalho sabe como é árdua a carreira do artista jovem que ainda não conseguiu que se abram, diante de si, as portas da oportunidade esperada, para demonstrarem o seu valor. Não esquece, também, o ilustre regente a luta que precedeu a sua ascensão à fama e, assim, resolveu atender a uma sugestão nossa. Em crônica na qual divulgávamos alguns de seus mais recentes triunfos, havíamos sugerido que amparasse esses jovens compositores, facilitando-lhes o acesso ao meio musical americano, proporcionando-lhes ocasiões para que, pelo mérito de suas obras, se tornassem, também, conhecidos no estrangeiro; pedimos que dispensasse aos patricios de talento aquela mesma atenção solicita que merecera de um mestre como Koussevitski. Registramos, portanto, com satisfação a pronta resposta que Eleazar de Carvalho deu ao nosso apelo, divulgado pela REVISTA DA SEMANA, mostrando-se disposto a abrir caminho para os jovens compositores brasileiros.

Agora, revelamos o plano que o maestro Eleazar de Carvalho traçou para realizar essa obra de largo alcance artístico.

CERTAME DA JUVENTUDE

Dos Estados Unidos, onde se encontra, presentemente, enviou-nos o maestro Eleazar de Carvalho esclarecimentos sobre sua iniciativa.

— Como teve a idéia de organizar um certame para os jovens compositores?

— Ao receber, nos Estados Unidos, um recorte da REVISTA DA SEMANA, no qual Roberto Lyra Filho fazia um apelo para que eu me empenhasse, nas minhas execuções na América, em descobrir — no meu propósito de divulgação da música brasileira — os nossos compositores jovens e desconhecidos. Assim me nasceu a idéia que plasmeei no exemplo de Serge Koussevitski, inspirado nas diretrizes traçadas por este ilustre educador e regente, como diretor do Berkshire Music Center e da Orquestra Sinfônica de Boston e responsável pela manutenção da Fundação Musical Koussevitski, destinada a amparar o compositor em geral.

Referimo-nos às condições, prêmios e outros detalhes. Eis a resposta do Maestro:

— As condições do certame parecem ser as mais vantajosas, não só porque o vitorioso terá o ressarcimento das suas despesas, como ainda receberá direitos autorais da própria partitura, e também pela gravação de discos e repetidas execuções de seu trabalho por orquestras e rádio no Brasil e nos Estados Unidos. O certame visa, apenas, dar uma oportunidade aos moços, livrando-os da concorrência dos mais idosos que já são conhecidos. O que se tem em vista é amparar a juventude nos seus valores mais expressivos. Quanto à liberdade de escolha de gênero, isto tem em vista deixar que cada um se revele, dando livre expansão à sua inspiração, porque arte de encomenda raramente é perfeita.

APOIO DE KOUSSEVITSKI

— O dr. Serge Koussevitski tem dado exemplos de amor à juventude; para tudo dizer a este respeito, cito

meu próprio caso. Apresentei-me a ele e dele obtive o que até hoje não havia recebido de ninguém: a sua espontânea proteção, lançando-me no cenário musical norte-americano, no momento o maior do mundo, e sua paternal amizade, que são o orgulho da minha vida. E é em retribuição a isto que tomei essa iniciativa na certeza de que ele teria prazer em proteger outros jovens brasileiros de talento. Assim, foi que aquiesceu em presidir, por ocasião de sua ida ao Brasil, a escolha da obra que dirigirá em primeira audição.

BOLSA DE ESTUDOS

— A obra premiada, além da execução, sob a regência de Serge Koussevitski, em um dos concertos da O.S.B., durante o mês de outubro, no Rio de Janeiro, e, posteriormente, por mim dirigido no Rio e em São Paulo, será executada nos Estados Unidos da América do Norte, na Temporada de 1950. Além disso, o compositor premiado receberá uma bolsa de estudos oferecida pelo Berkshire Music Center, no verão de 1950 — de 2 de julho a 13 de agosto — sediado em Tanglewood, cidade de Lenox, Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, compreendendo passagem de ida e volta, do Rio de Janeiro a Lenox, estada (a mesma estipulada para os demais estudantes) e os estudos propriamente ditos.



CONDIÇÕES

CONDIÇÕES

- I — Ser brasileiro (nato ou naturalizado);
- II — Ter 35 anos incompletos de idade;
- III — Apresentar uma obra sinfônica, dentro do período de 15 de maio a 30 de setembro (inclusive), de 1949;
 - a) — Ouverture, poema sinfônico, sinfonia ou outra obra que representa uma contribuição equivalente àquelas;
 - b) — Não há necessidade de ser escrita dentro do período a que se refere o item III;
 - c) — Deve ser uma obra inédita;
- IV — Os compositores deverão apresentar, dentro do prazo estabelecido no item III, uma partitura de or-

questra, escrita em qualquer sistema (exceto a lápis), acompanhada do respectivo material de orquestra, escrito em caligrafia musical legível;

V — Os originais — a que se refere o item IV — não devem ter o nome do autor e, sim, apenas um pseudônimo. O verdadeiro nome deve ser escrito numa folha de papel branco, colocado dentro de um envelope (não transparente), lacrado e enviado juntamente com o respectivo material;

VI — Os originais — a que se refere o item IV, bem assim o envelope a que se refere o item V — devem ser enviados à sede da Orquestra Sinfônica Brasileira, sita à Av. Rio Branco, 137, 8.º andar, sala 820, dentro do prazo referido no item II e endereçados ao Maestro Eleazar de Carvalho ou à Comissão Organizadora

DIREITOS

I — A obra escolhida será executada em primeira audição, sob a regência do dr. Serge Koussevitski, em um dos concertos da O.S.B., durante o mês de outubro, no Rio de Janeiro. Posteriormente, sob a regência de Eleazar de Carvalho no Rio e em São Paulo, em 1949 e, nos Estados Unidos, na temporada de 1950;

II — O Maestro Eleazar de Carvalho indenizará ao autor da obra premiada da importância gasta com as cópias do material de orquestra e de uma partitura;

III — O autor receberá os "direitos de execução" todas as vezes que a sua obra for executada, abrindo mão, entretanto, no Brasil, do aluguel do respectivo material;

IV — Uma das casas editoras dos Estados Unidos tomará à sua guarda o material de orquestra da obra premiada, alugará às orquestras norte-americanas, cuja soma, descontada a percentagem comum, será creditada em conta especial num dos bancos dos Estados Unidos, no nome do autor;

a) — o material ficará sendo de propriedade do autor que o poderá requisitar quando julgar conveniente;

b) — o aluguel do material será fiscalizado pelo Maestro Eleazar de Carvalho;

c) — os direitos de execução serão arrecadados pela A.S.C.A.P. nos Estados Unidos e enviados à sociedade autorizada no Brasil;

d) — as despesas de transportes do material, serão descontadas nos aluguéis dos mesmos;

V — No Brasil e nos Estados Unidos serão negociadas as possibilidades de gravação em discos;

VI — O compositor escolhido receberá uma "Bolsa de estudos" oferecida pelo Berkshire Music Center, no verão de 1950 — de 2 de julho a 13 de agosto daquele ano — sediado em Tanglewood, cidade de Lenox, Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, compreendendo passagem de ida e volta, do Rio de Janeiro a Lenox, estadia (a estipulada para os demais estudantes) e os estudos propriamente ditos.

DISPOSIÇÕES

A) — Haverá um único prêmio que só será concedido a obra que merecer a qualificação do júri;

B) — Poderão participar candidatos de ambos os sexos e de todos os Estados do Brasil;

C) — As obras serão julgadas por um júri competente, tendo como presidente o dr. Serge Koussevitski;

D) — Os nomes dos componentes do júri serão oportunamente divulgados;

E) — Todas as "demarches" do concurso serão orientadas e resolvidas pelo sr. Roberto Lyra Filho que, no Rio de Janeiro, será o presidente da comissão organizadora;

F) — Os materiais e partituras das obras não escolhidas serão devolvidos ao autor, na sede da O.S.B. ou enviada aos respectivos autores, caso estes residam fora do Distrito Federal. — Eleazar de Carvalho.

VIDA LITERÁRIA

A vida agitada de Bertrand Russell

NO mundo conturbado de hoje, uma figura de renome mundial se sobressai. É a de Bertrand Russell.

Não queremos apoiar-lhe as concepções filosóficas, porquanto a Filosofia de Russell é ainda para os atuais pensadores e críticos, como é para os astrônomos a formação das nebulosas: — um problema.

Queremos, porém, citar esse grande pensador, como uma das maiores celebrações destes últimos tempos, homenagem que lhe prestamos, como uma das grandes figuras literárias do mundo de hoje, por ocasião da passagem de seu natalício.

Bertrand Arthur William Russell nasceu a 18 de maio de 1872. Orfão de pais com três anos apenas, foi educado por sua avó, a viúva de Lord John Russell, um dos Primeiros Ministros da Rainha Vitória, e famoso na história britânica pelos seus esforços nas lutas para aprovação das grandes reformas legais de 1832.

É descendente de troncos de aristocratas ingleses. Família de políticos, seus condos e duques têm tomado parte ativa nos movimentos revolucionários do país, em que se contam também seus martires, como Lord William Russell, que foi decapitado por motivo da rebelião contra o Rei Carlos II.

O nosso atual Bertrand Russell sucedeu ao seu irmão mais velho, como Duque Russell, em 1931, mas, por muitos anos se recusou a usar o título.

É um apaixonado estudioso das ciências matemáticas sociais e morais. Até antes do ressurgimento do militarismo alemão pela doutrina nazista, era Bertrand Russell um pacifista. Muito sofreu durante a primeira grande guerra por seus pontos de vista. Em 1916, ao publicar um panfleto denunciando certas cou-



Bertrand Russell, um dos mais discutidos filósofos e pensadores da atualidade

sas, foi processado e multado. Recusou-se a pagar a condenação e teve seus bens embargados.

Até agora tem ele escrito cerca de cinquenta obras, quase todas sobre sociologia e problemas de educação.

Depois da primeira guerra esteve ele na Rússia como membro de uma delegação de trabalhadores ingleses que visitava aquele país ainda convulsionado pela revolução.

De regresso lançou a público sua obra "Prática e Teoria do Bolchevismo", em cujas páginas descreve as impressões acerca daquele país.

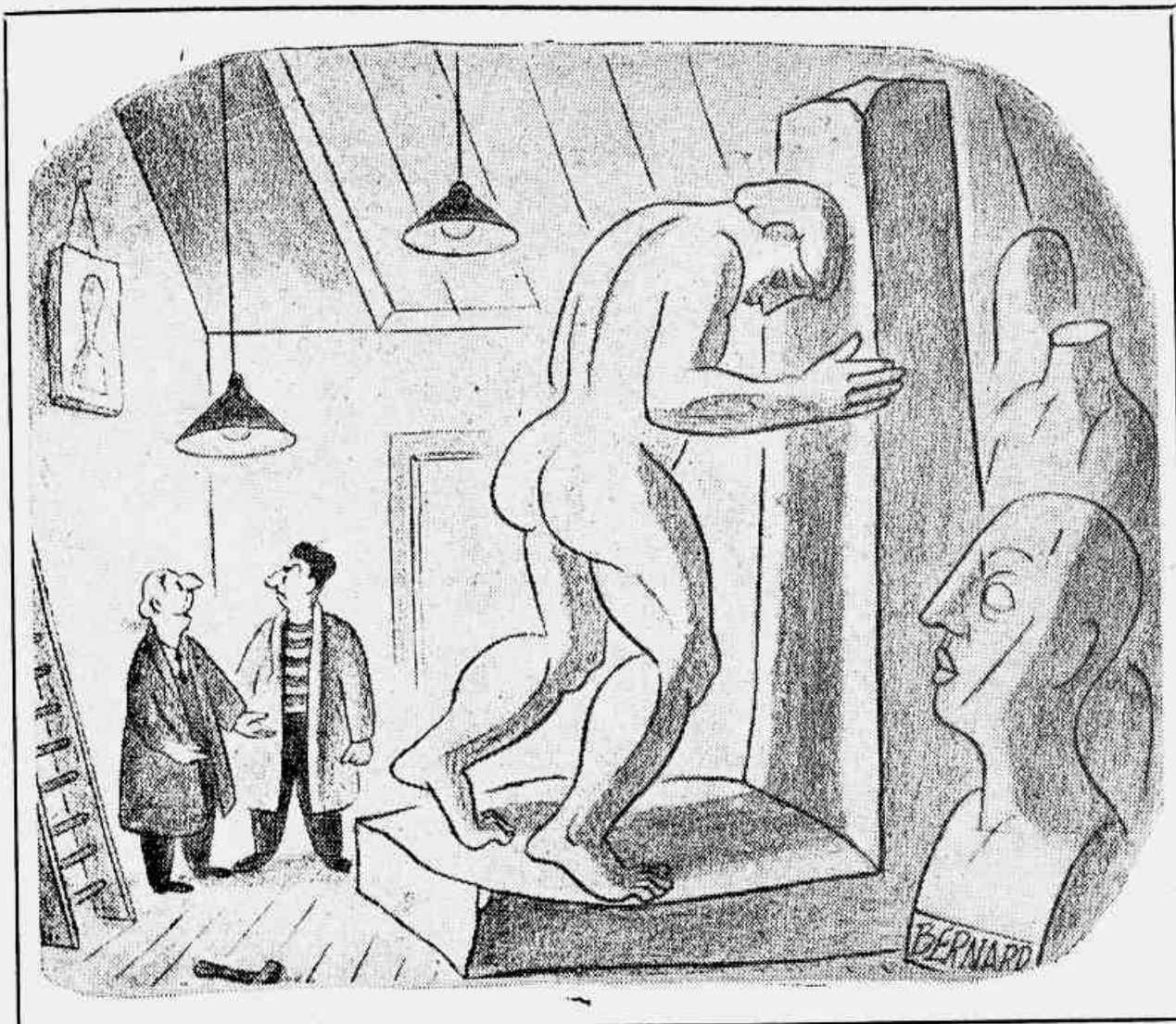
Em 1920 foi à China, onde fez uma série de conferências na Universidade de Pequim, sobre o "Behaviorismo". Aproveitando-se dessa oportunidade, fez demorado estudo da vida naquele país.

Logo que regressou à Inglaterra publicou o livro "Os problemas da China", no qual ele comenta e prevê o papel que teria a China na história do século XX.

Sua filosofia já agora retemperada por longos anos de observação em muitas partes do mundo, se inclina para mostrar ao homem que a desgraça desta pobre humanidade é viver intoxicada pela ambição do poder, o poder materializado entre os mais poderosos do mundo.

O que ele pensa está consubstanciado em sua grande obra "Uma História da Filosofia Ocidental".

Recentemente, sua filosofia tem sido irradiada com muito interesse por todos que o ouvem. Essas palestras acabam de ser expostas nas livrarias inglesas sob o título de "Authority and the Individual", em um volume.



Olhe aqui, Sr. escultor. Eu quero dois desses aí; mas um pouquinho menores, para suporte de livros

BERILO NEVES PROVOCA INTERESSE. SANTE ESCLARECIMENTO

A propósito da referência feita, em sua aula no Liceu Literário Português, sobre "A Língua Portuguesa no Brasil", ao exemplar de "Os Lusíadas" que pertenceu a D. Pedro II recebeu o Sr. Bero Neves a seguinte carta de D. Pedro de Orleans e Bragança:

"Prezado Sr. Bero Neves: Acabo de receber o recorte do "Jornal do Comércio" do dia 19, com o belo trabalho de sua au-

toria sobre a Língua Portuguesa no Brasil, que constituiu brilhante aula proferida no Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto, do Lireu Literário Português.

Confesso-lhe que li seu magnífico estudo com muito prazer, apreciando devidamente os conceitos emitidos. Lamento agora, mais que lamentei no momento, não ter podido comparecer a essa sessão.

Trazendo-lhe meus cumprimentos pela conferência, quero referir-me em particular sobre o trecho final relativo a Dom Pedro II e a obra de Camões. Efetivamente levou o Imperador para o exílio o exemplar dos Lusíadas; não um simples exemplar do Poema, mas o volume que pertencera ao próprio Autor.

E anos mais tarde, volvida a paz aos espíritos e a compreensão aos políticos — quando revogou o Governo a Lei de Bannimento, apressou-se meu Pai, o Príncipe do Grão-Pará, em tornar ao Brasil que o exilara tantos anos antes. Acompanhava-o a Família Imperial em seu afã de rever a Pátria, devolvendo ao Brasil o precioso cimélio, que ofereceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Lá está, sob a guarda dos nossos homens de estudo a "bíblia do idioma, o traslado de oito séculos de História", na sua feliz expressão.

Agradecendo-lhe os momentos de verdadeiro prazer espiritual que me proporcionou com seu trabalho peço que me creia, seu afeiçoado. — Dom Pedro"

CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ

Essa prestigiosa organização intelectual paranaense acaba de ampliar os seus programas de estímulos aos escritores daquele Estado ou ali residentes há mais de dois anos, aumentando o número de prêmios para outros gêneros literários como incentivo aos cultores das boas letras.

Até pouco somente entravam nos Concursos literários para estimular os intelectuais, os romancistas, os poetas e os teatrologos. Agora, porém, os contistas têm a sua oportunidade, com um prêmio ao autor dos melhores contos, sendo titular desse ramo, Santa Rita Junior, e doação da Imprensa Paranaense.

CEL. LIMA FIGUEIREDO

Foi eleito membro correspondente da Academia Matogrossense de Letras, o Cel. Lima Figueiredo, Diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, unanimemente eleito pelos "imortais" matogrossenses para a vaga de Monteiro Lobato. O Cel. Lima Figueiredo é autor de vários livros sobre as regiões do Mato Grosso, do Amazonas e do Planalto Central.

CONCURSO "JOAQUIM NABUCCO"

Conforme circular n.º 5 da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife, foi prorrogado para 31 de agosto do corrente ano, o prazo para recebimento de originais sobre a vida de Joaquim Nabuco, data do centenário de nascimento desse grande brasileiro, processando-se o julgamento, o mais tardar até 19 de setembro do mesmo ano. Ficou ainda decidido que o trabalho premiado será publicado até dezembro de 1949, a cargo da Municipalidade da capital de Pernambuco.

A ESPÓSA DE TOLSTOI

Para que o grande romance do escritor russo, "Guerra e Paz", chegasse à forma definitiva, sua esposa fez o ingente e sobre-humano trabalho de copiá-lo sete vezes!

HÁBITOS DE ESCRITORES

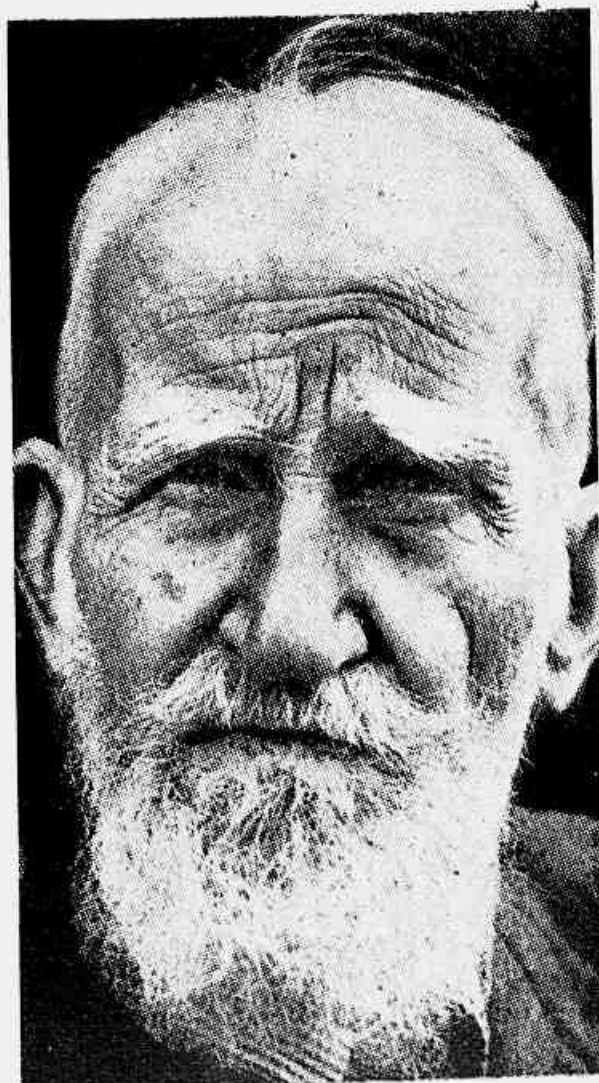
Segundo dizem, Buffon tinha o hábito de cobrir-se de ouropéis e pedrarias sempre que se sentava à mesa para escrever. Ao entrar na Academia Francêsa pronunciou aquela frase célebre: "O estilo é o homem".

ANATOLE E O CINEMA

Contam que o grande escritor francês Anatole France, era inimigo do cinema, jámais tendo ido a uma sessão. Quando lhe diziam que grandes obras literárias tinham sido transplantadas para o "écran", ele ficava duvidando dessa possibilidade. Um dia, sob insistentes pedidos de amigos, consentiu em permitir fosse filmado o seu "Le Lys Rouge". No dia da estréia foi convidado de honra. Ao terminar a exibição, o diretor lhe perguntou: "Então M. Anatole; que achou do filme". Ao que o escritor, desolado, respondeu com outra pergunta: "Ah! É isto que é o "Le Lys Rouge"? E saiu abanando com a cabeça...

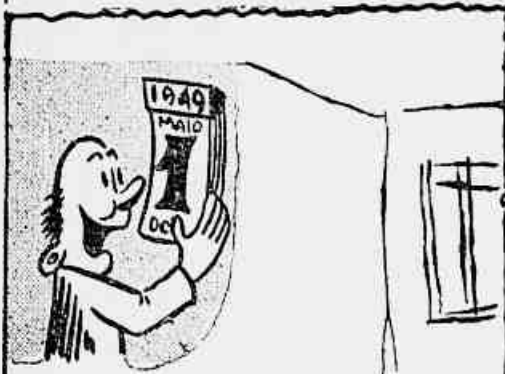
Assim como sucedeu com Anatole France, continua a suceder com muitos outros filmes extraídos de romances. Quase sempre as histórias são desfiguradas, conforme o interesse comercial dos produtores dessa grande mercadoria que se chama cinema...

Bernard Shaw e a televisão



Recentemente perguntaram a esse grande humorista inglês, o que pensava ele da televisão. Respondeu: "Não sei. Tenho medo de olhar..."

CONSELHOS DE UM PAI INCOGNITO



Neste memorável dia 1º de Maio que por infelicidade nossa só aparece na folhinha uma vez por ano, eu, o Conde de Salamaleques, quero dirigir minha palavra paternal a todos aqueles que me servem, tanto os trabalhadores como os vadios os negligentes e malandros Hoje é o dia da fraternidade operária. Por isso, é justo que



esqueçamos nossas diferenças e destraldemos todas as crianças e às mandemos para a rua dar Vivas ao Dia do Trabalho, dia agradabilíssimo, justamente porque todas as escolas estão fechadas, todas as fábricas paradas, todo o comércio de portas cerradas, fechadas a cadeado para não deixar que ne-



nhum amante do trabalho burle a Lei que manda ficar em casa de bucho para cima.

Qual a origem desse dia encantador? Dêsse dia que é um



alívio para os patrões sem número e que precisam descansar, ao menos, uma vez por ano dessa coisa intolerável que é a tal de folha de pagamento? Sabem lá o que é isto!

Sim, como ia dizendo, a origem desse grandioso dia, que devia transformar-se em semana, foi a luta entre operários de Chicago e a polícia local. E tudo por causa do Trabalho. Hoje, todos os governos festejam essa tragédia e elogiam o trabalhador, esquecendo-se daqueles que não trabalham, porque está demonstrado que um



homem que trabalha de sol a sol nasceu para ser trouxa.

Aproveitando o momento dirijo a todos os meus colaboradores, amigos, parentes e anexos, um apelo para que me deixem descansar durante o dia de hoje, não me incomodando com cobranças e queixas na polícia, pois que a verdade é esta: quem se preocupa com dinheiro, é inimigo da Humanidade, da Alma, do Espírito, da Felicidade. E quem vive a trabalhar noite e dia, de sol a sol, não tem tempo de ganhar dinheiro...

Conde de Salamaleques



MOSAICO GUINÊS

Na margem esquerda do Rio Amarelo estavam as tropas vermelhas. Subiam o rio os ingleses brancos de emoção, na belonave Ametista, que estava roxa para chegar ao porto. Havia tropas impedindo a navegação. O comandante foi ver de perto. Fogo! As balas atingiram o barco que azulou.



OCCORRÊNCIAS POLICIAIS

Assalto — Depois de ter empregado grande parte da noite em um trabalho metódico e bem feito para conquistar algumas galinhas do vizinho aqui ao norte, foi assaltado por dois malandros o senhor Bonifácio Pinga Fogo, que lhe arrebataram o fruto do seu trabalho. Os meliantes não deixaram vestígio nos autos porque estavam de bicicleta.



Quebrou-se o Banco — Como este assunto é mais particular do que público, vamos tratá-lo com as devidas cautelas. O banco estava bastante sólido, com bons fundamentos, mas os seus construtores nunca imaginaram que o peso de suas responsabilidades viesse a ultrapassar os limites do comum. Por isso o banco se quebrou ao meio, quando aquele casal de gordões o escolheu dentre tantos para seus depósitos de juras de amor. Bem feito.



SUCIAIS

Espectáculo — Diversas senhoras do morro aqui do sul organizaram um festival para socorrer os mendigos da cidade. Depois de uma semana de arrecadação eficiente e proveitosa, foram contar o dinheiro conseguido para dar início à festa. Surgiu porém, um desentendimento e todas elas entraram a discutir terminando por se atirarem em plena rua, o que foi na verdade um empolgante espetáculo.



Tentativa de suicídio — Por uma besteirinha, quis dar cabo da vida a gentil senhorita Teracilha Teresinha da Mamãezinha, ingerindo umas gotas de iode e começando a berrar por socorro, sendo posta fora de perigo. (Escute aqui, menina: por que não experimenta tomar um ônibus na Avenida às 6 horas da tarde?)

Baile — Por ter sido reprovado nos exames de olhos para dirigir sua baratinha, o sr. Anacleto Boavista deu um baile no filho, que por pouco não dançou de urso ao compasso da música de pancadaria.



CONSULTÓRIO de graça PARA POBRES de ESPÍRITO

Diana (Rio) — Há cozer com z e cozer com s. O primeiro é sinônimo de cozinhar, e o outro é de costurar. Se a briga entre o seu esposo e a senhora foi por isso, aconselhemo-los que não percam tempo com estas coisinhas. O principal é ter com que cozinhar o feijão e cozer a roupa.

Maria (Rio) — Nem sempre o sufixo -ota denota diminutivo. Um laço pequeno pode ser, realmente, laçote. Um boi pequeno pode também ser um boiote. Mas nenhuma capa pe-

quena passa a ser capote, nem um bispo de pequena estatura poderia ser bispote...

Teresa (Rio) — Figo é o fruto da ligueira; ligado é a viscera que há no corpo dos animais e do homem e que segrega a bilis. Se a senhora disse ao seu pai que comeu ligado tendo comido figo, ele se danou e com razão, pois uma ligueira não pode dar um órgão da digestão dos animais vertebrados, nem a senhora poderia suportar ligado cru. Ou pode mesmo? Figa!



Conflito — Maurício Carneiro, morador no beco do Jacaré, brigou com Sizenando Leão, sain-

do tendo o popular João Coelho, tudo por causa de uma cabra que pastava no quintal de Trajano Gale Papagaio!



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio



H. F. S. (Hamburgo Velho P. G. do Sul) — "Nas Terras de Tupã" se ressentia de muitos defeitos de linguagem. Não foi possível aproveitar esse conto. De futuro, se mandar outros, não é necessário juntar ilustrações.

M. H. A. (Santa Cruz do Sul R. G. do Sul) — Seu conto "Três Marias" está fraquinho. Tente outra vez.

Jamil Santos (Ponte Nova, Minas) — Foi aprovado e sairá brevemente o seu conto "A triste história de Bonifácio Praxedes".

Felix Lima Júnior (Maceió) — Seu conto "Os santos do Libório", está bom e entrou na fila.

C. A. G. (Vitória) — Seu conto "A Simplória" está bem escrito, mas o enredo é fraco. Por isto, não foi aproveitado.

A. B. C. (Pôrto Alegre) — "Dedo de Ouro" não pôde ser aproveitado em virtude de estar muito curto.

I. S. (Maceió) — Seu conto "Dono de uma fortuna" está prejudicado em virtude de estar muito exíguo.

João Morelli (São Paulo) — Aprovado o seu "A Espera". E fique nela.

H. F. (Rio) — Curtíssimo o seu trabalho "Ave-Maria e Tempestade".

Mário L. Erbolato (Campinas, São Paulo) — Bom o seu "Vida de Jornal". Continui.

Jair C. Saldanha (Jundiaí, São Paulo) — Recebemos. Aguarde.

M. O. Lobato van Emelen (Jacareí, São Paulo) — A melhor solução para o seu caso, seria anunciar.

A ÚLTIMA AVENTURA

(Continuação da pág. 30)

se sentasse no sofá. Sempre com a pistola apontada para ele, perguntou:

— Por que faz isto?

Almiro sentiu que se dissesse a verdade poderia ser que a mulher o deixasse ir.

— Necessidade.

— Mas, como? Por que se meteu nesta sinuca?

— Eu era empregado de um bar. Era garçon. Um dia briguei com o patrão. Fiquei sem trabalho. Tenho mulher e filhos. Ninguém queria me dar trabalho mais, porque o meu expatão avisara a todo mundo que eu era "es-perto" e brigão.

— E daí?

— Fiquei danado da vida. Mas tinha umas economias e me meti num negócio aí de refrigerantes. O negócio não deu certo. Os meus sócios fugiram com o pouco capital que eu dera para a sociedade.

Deu de ombros. Passou as mãos pelos cabelos.

— Não tive outra alternativa. O jeito era mesmo roubar. E hoje era o último dia...

A mulher teve um sorriso que ameaçou Almiro. Esperava que ela se comovesse com a sua história e o mandasse embora. Mas o que viu foi uma careta de nojo.

— Roubando por necessidade...

— Eu tenho família, dona.

— Pior ainda.

Foi naquele instante que ele compreendeu que estava perdido. Já notara, contudo, que a mulher estava fortemente embriagada. Devia ter, então, os movimentos vagarosos. E achou que o seu plano não falharia. Pensando assim jogou-se em direção à mulher e derrubou-a por terra.

— Cachorro! — ouviu ela gritar.

Quando a mulher tombou por terra, Almiro saiu a correr em direção à porta. Pôs a mão na maçaneta e abriu-a com um puxão. Já transpunha o umbral quando ouviu o pipoco de um tiro e sentiu uma dor terrível nas costas. Com um berro desesperado, o seu corpo caiu para a frente, indo estatelar-se nas pedras do jardim. Antes de soar o segundo tiro, Almiro já sentira que o fim chegara e que aquela havia sido a sua última aventura.



ANGELUS RAVIL



"Carnaval Carioca", de Mário Agostinelli



O pintor Agostinelli

MÁRIO Agostinelli, artista peruano, recentemente chegou da Europa, nos trouxe algumas telas admiráveis, pintadas em várias das capitais do velho continente, por onde andou. Agostinelli, estudou pintura na Escola de Belas Artes do Peru e de Buenos Aires, vindo depois ao Brasil, onde permaneceu por três anos.

Trabalhos seus foram apresentados em salões de São Paulo, S. Salvador, Petrópolis e Rio.

A exposição que se inaugurou a 2 do corrente, apresenta um variado número de telas, com temas de Paris, Veneza, Nápoles, Florença, Londres e outras cidades europeias inclusive belas paisagens dos Países Baixos — Bélgica e Holanda.

A mostra de arte, que se realiza no Salão Nobre do Pálace Hotel, contou com o alto patrocínio do embaixador peruano no Brasil, D. Luiz Fernan Cisneros, e tem sido muito visitada pelo público carioca.



Palazzo Labia, em Veneza

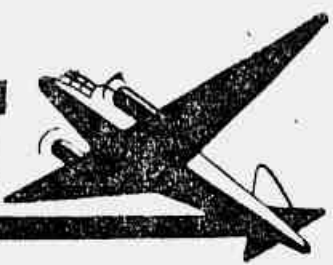
Maior

- DURABILIDADE
- ECONOMIA
- CONFORTO



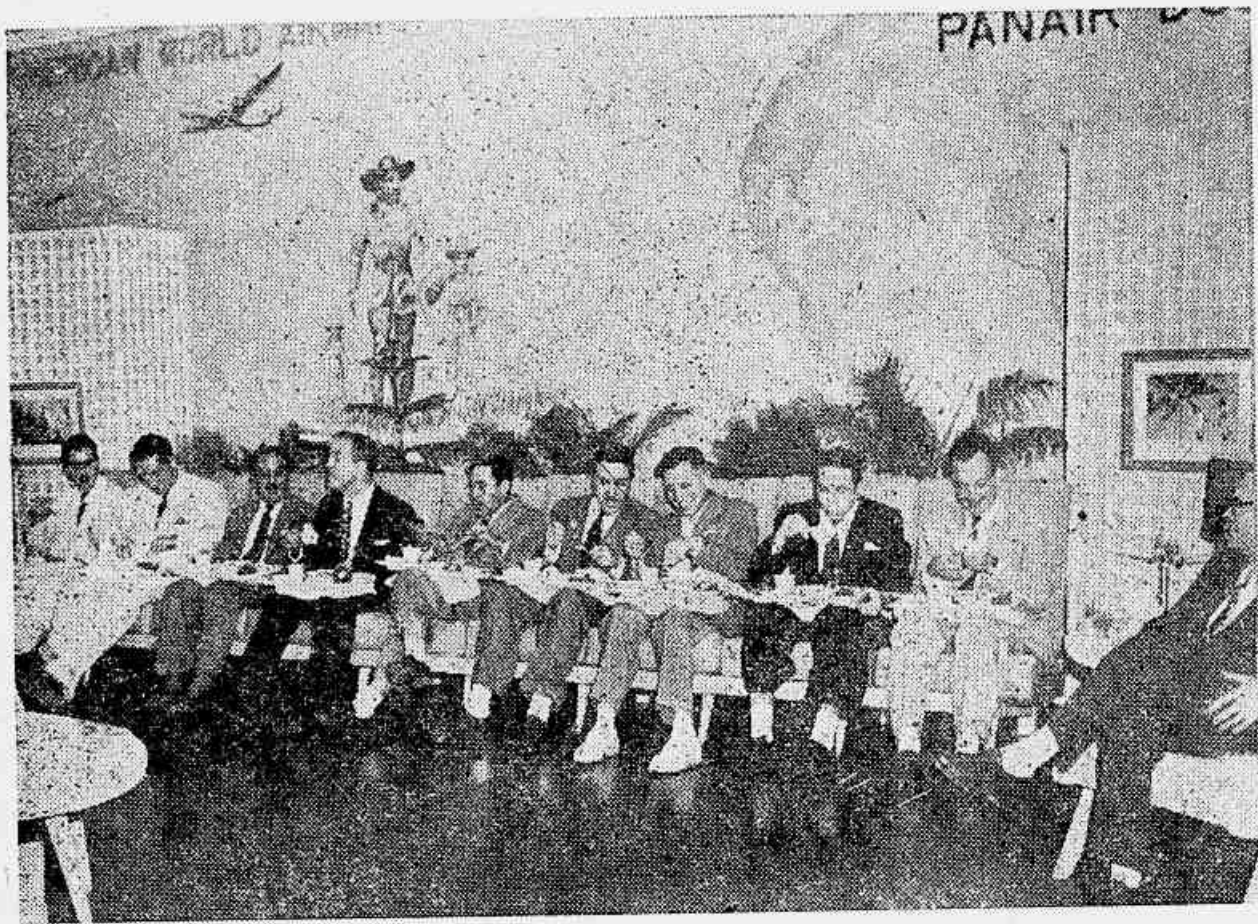
Lâminas GILLETTE AZUL

PELAS estradas do CEU



ANDRÉ MAX

NO dia 29 de abril de 1946, partindo da base aérea do Galeão, o Constellation — PP-PCF, da Frota "Bandeirante" da Panair do Brasil, inaugurou a linha comercial para a Europa, cruzando pela primeira vez o Atlântico, depois de pousar em Recife, em direção a Dakar, no continente africano. Detentora do "record" de utilização dos aparelhos Lockheed — Constellation, a Panair do Brasil, realizou



Aspecto tomado por ocasião do almoço oferecido aos jornalistas, à maneira das refeições servidas a bordo dos "Constellations"

a sua milésima travessia do Atlântico, exatamente três anos mais tarde, depois de terem seus aparelhos cumprido um total de 29.399 horas e 52 minutos de voo, com um percurso de 11.264.137 quilômetros.

Mais de 1 milhão e 600 mil toneladas de bagagem, além de 953 toneladas de carga e 120 de malas postais foram transportadas pelos aludidos Constellations, até 29 de abril deste ano, o que corresponde a uma cifra superior a 60.000 passageiros, que cruzaram o Atlântico, ao completar a Panair o seu milésimo voo de travessia.

Comemorando tão auspicioso acontecimento, a direção dessa Empresa ofereceu aos cronistas especializados em assuntos de aviação, tanto da imprensa desta Capital, como de São Paulo e Porto Alegre, um almoço, que teve lugar, sábado último, na "boite" da Panair do Brasil, na ponta do Galeão.

O ágape, que reuniu grande número de convidados, constituiu uma nota de originalidade, tendo os jornalistas presentes sido surpreendidos com a novidade de um almoço à maneira dos servidos a bordo dos Constellations.

Bandejas sobre os joelhos, os cronistas se deliciaram com a refeição racionalizada, onde superabundavam as vitaminas, proteínas e carboidratos.

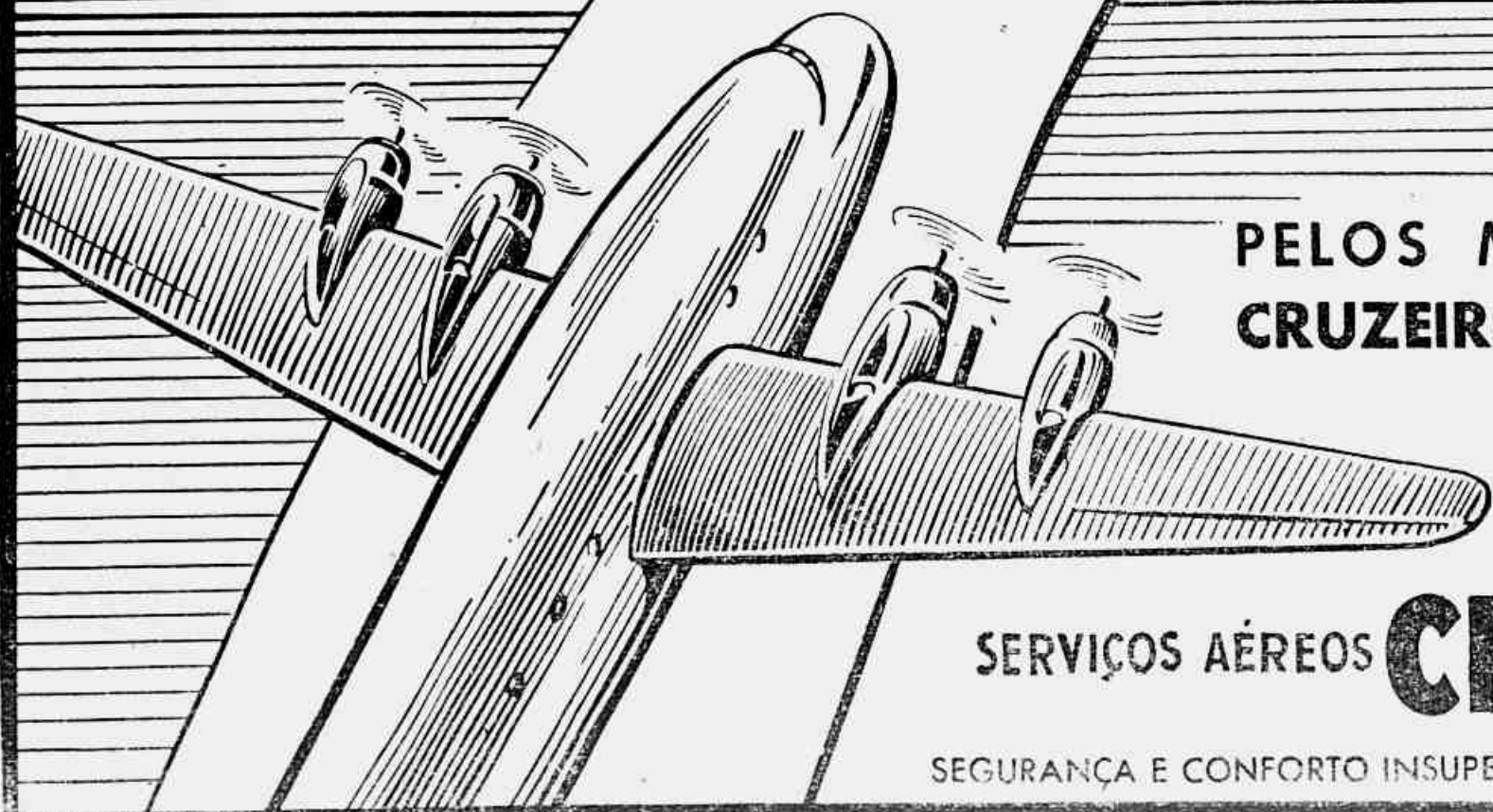
O sr. Mozart Varella, chefe do serviço de Publicidade da Panair, distribuiu, findo o almoço, artística lembrança, com que também foram obsequiados os passageiros que viajaram na data em que se realizou a milésima travessia do Atlântico.



Para combater, no futuro, a monotonia das viagens aéreas, a American Airlines instalou em sua frota de cinquenta DC-6 um sistema de alto-falantes, que permitem aos passageiros receber, durante a viagem, informações sobre os acontecimentos mais interessantes ao longo da rota. A referida companhia adotou essas providências porque a velocidade dos DC-6 e seu grande número de passageiros não mais admitem o velho sistema de informações por meio de notas escritas.

Muitas vezes, a "irradiação" tem início quando o avião se prepara para a decolagem, com informações sobre a rota e o voo para o próximo ponto de escala, o tempo, a temperatura exterior e a hora das refeições. Quando o DC-6 atinge a altitude normal de voo, são fornecidas informações tais como altitude, e o tempo que se calcula gastar até a próxima chegada. Os auto-falantes estão instalados em pontos estratégicos e podem ser ouvidos perfeitamente em todo o avião.

A qualquer ponto do Mundo

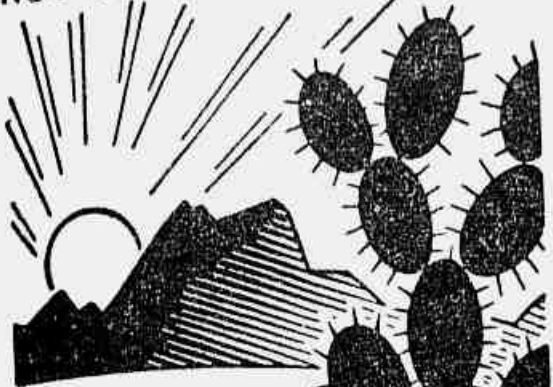


**PELOS MAGNIFICOS AVIÕES DA
CRUZEIRO EM TRÁFEGO MUTUO COM
GRANDES EMPRESAS
ESTRANGEIRAS**

SERVIÇOS AÉREOS **CRUZEIRO do SUL** LTDA

SEGURANÇA E CONFORTO INSUPERÁVEIS AV. RIO BRANCO, 128 - INF. 42-6060

NOS CLIMAS TROPICAIS...



BROTUEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS



CTARQUINO

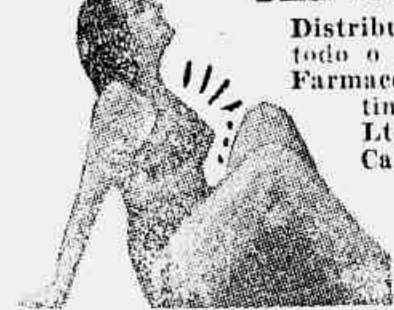


A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO.....

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00



Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

NÃO é fácil escrever sobre Paris. Há inúmeros leitores que conhecem a cidade muito melhor do que nós. Era costume, outrora, alugar um apartamento e dar um pulo até estes "boulevards" depois de cada safra ou depois do balanço da loja. A única vantagem que podemos levar é que, com a guerra e suas consequências, muita gente tem evitado viajar até este lado do mundo, tendo procurado os Estados Unidos, Argentina, Chile, Uruguai e, felizmente, até os Estados do nosso País.

Assim podemos contar que a passagem de subterrâneos agora custa 10 francos (70 centavos), os hotéis bons cobram de mil a dois mil francos (70 a 140 cruzeiros por dia), por um quarto com banheiro; e que há ainda pensões onde se paga 100 francos (sete cruzeiros) por um quarto — naturalmente bastante simples em bairro modesto, o que não é fácil encontrar-se em qualquer cidade grande do nosso País. O ordenado de uma vendedora nas grandes lojas anda por 12.000 francos mensais (Cr\$ 850,00) e os vendedores igualmente.

Um copo de boa cerveja em bar regular custa 30 francos, ou sejam Cr\$ 2,00; mas aqui continua o hábito da gorjeta para qualquer serviço.

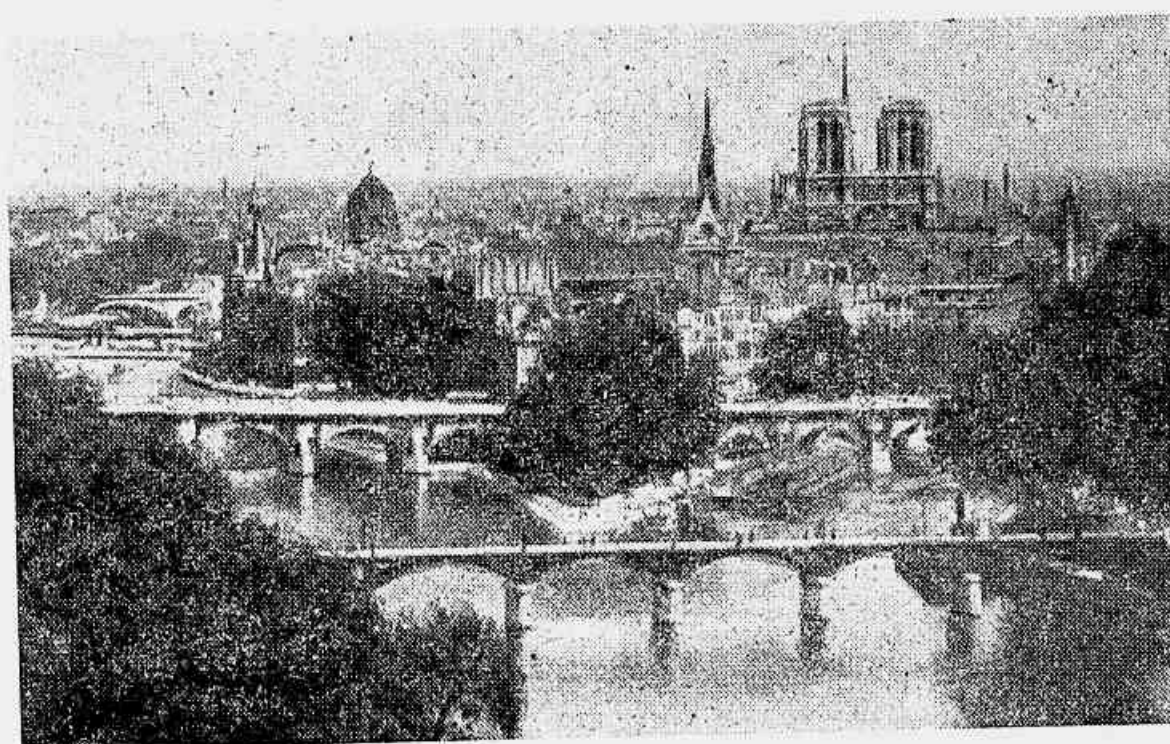
Anda por aí às soltas uma chusma de franceses que devia estar na sgrades. São os sujeitos que preparam as deliciosas comidas: sopas, carnes, peixes, batatas, hors d'oeuvres; manipulam esses vinhos maravilhosos, fazem doces extraordinariamente gostosos. Há dias descobri um que anda fazendo uma cassata deliciosa. Por causa deles comemos e bebemos tanto. O café, porém, não é bom. Aliás, café na Europa de hoje só na Inglaterra.

Fuma-se pouco na França — um por 20 talvez. As moças e senhoras fumantes são raríssimas. Na Inglaterra, onde o fumo custa o dobro, o fumar entre ambos os sexos, é muitíssimo generalizado, de certo porque é permitido fumar nos subterrâneos, nos cinemas e em muitas partes dos teatros. Um maço de 20 cigarros custa aqui 6,5 francos, ou sejam Cr\$ 4,50; mas charutos são raríssimos. Na Inglaterra custam os charutos Cr\$ 5,00 e daí vão subindo até Cr\$ 20,00 por unidade, mas são encontrados com mais facilidade do que os cigarros a Cr\$ 13,00 cada maço. O gosto do cigarro francês é, em geral, como o dos nossos mais baratos. A venda do fumo é exclusivamente do Estado, assim como a dos fósforos, e o Estado francês, aparentemente, não faz muita questão de aumentar suas rendas criando marcas e tipos de excelentes cigarros.

A televisão não está bem difundida aqui: alguns cafés e casas de aparelhos de rádio anunciam que às tantas horas haverá projeção, mas não como nos Estados Unidos. Na Inglaterra também é rara. Cremos que, quando começarem no Brasil, a coisa andar com mais rapidez do que aqui.

Esta cidade sempre foi o centro dos salões de beleza, que, agora, não fazem tanto negócio. Alguns até fecharam, apesar de muitos homens, mesmo sem ser os de teatro, fazerem permanentes, embora não tanto quanto na Suécia. Como era excelente negócio, muita gente foi abrindo casas, e o negócio atingiu o ponto de saturação.

As empregadas e também os empregados dos hotéis parecem odiar nossos chinelos: Não os colocam sempre embaixo da cama, quietinhos, um ao lado do outro. Escondem-nos na mesinha de cabeceira, ou embaixo do armário, no banheiro ou por baixo da pia, ou em cima de uma mala. Às vezes julgávamos que isso tivesse ligação com a gorjeta e os chinelos servissem como meio de desagrado. Chegamos, porém, à con-



A Ilha da Cité, no rio Sena, no centro de Paris, onde foi fundada a aldeia que os romanos encontraram com o nome de Parigi ou Parisi

clusão de que se trata simplesmente de psicose, uma das muitas a que os seres humanos, inclusive os empregados de hotéis, estão sujeitos. Aborreço muito quando voltamos de um Bal Tabarin qualquer e ficamos por 10 minutos em conjecturas sobre o paradeiro dos chinelos, de gatinhas pelo chão. E as reclamações de nada servem.

O que de modo geral torna Paris uma cidade muito agradável é a combinação do moderno com o antigo. Referimo-nos às partes novas, elegantes, corretas da cidade e às antiquíssimas dos séculos XII e XIII. Na Cité encontramos ruas de edifícios construídos muito antes da descoberta do Brasil. Enormes palácios, como o do Louvre, cuja construção foi iniciada em 1300, quando Portugal andava atrapalhado com os Mouros, sem falar da Notre Dame e de outras notáveis igrejas dessa época.

Nós que, às vezes, andamos jogando jaburu nas amplas calçadas dos "boulevards", calçadas essas com 15 ou 20 metros de largura em cada lado, onde, além da barraca do homem que vende bilhetes de loteria pelo sistema jaburu, há as dezenas de outras com doces, quinquilharias, jornais e revistas, frutas, e mil bugingangas, entramos sem querer numa vielazinha cheia de habitações antiquíssimas das remotas éras. Pitorescos becos com nomes exóticos, onde vivem calmamente, como nos tempos do império, milhares de famílias parisienses, cujo ritmo de vida e modo de pensar sofreram bem pouco a influência de milhões de turistas que palmilham Paris.

Os franceses não têm medo de colocar nomes de estrangeiros na sua capital, como acontece na Inglaterra, onde todos os nomes são puramente locais ou de ingleses. Não encontramos ali uma rua de subúrbio com um nome dum americano sequer.

Em Paris, não: Boulevard des Italiens, rue des Italiens, Place d'Italie, Boulevard Gambetta, Paganini, Ave Franklin D. Roosevelt, President Wilson, George V, New York, Lord Byron, Portugais, Vasco da Gama, Magellan, Lisbonne, Madrid, Cazanova, Oswaldo Cruz. Na esquina da rua Vasco da Gama ainda encontrei um "Café Vasco".

Esse espírito cosmopolita do francês nos agrada muito, pois, mesmo na última guerra, quando os franceses lutaram contra as tropas de Mussolini, não arrancaram das ruas os nomes italianos; e, hoje, devem estar satisfeitos, pois estão preparando uma obra de vastíssimo alcance econômico: a união aduaneira entre os dois países, como já foi elaborado entre a Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Imaginem o que seria uma união alfandegária entre o Brasil, Uruguai e Argentina — livre trânsito entre as mercadorias dos três países! Nós não temos, infelizmente, nem livre trânsito entre os Estados! E o Distrito Federal não o tem com o Estado do Rio!...

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS INFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA
A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marron e Havana

De ns. 33 a 38 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiro, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilha, Havana e marron, solado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha.

Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00



Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegantes. Inteiro de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 120,00

Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiro e fortíssimo. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na
ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES

O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte



"Absoluta..."

... e confiante em si mesma,

porque ODO-RO-NO detém a transpiração das axilas durante muito tempo!

Na praia, nas festas ou no trabalho, não deixe que o desagradável odor das axilas anule o seu encanto pessoal. Proteja-se com ODO-RO-NO, cuja acção a manterá tranquila por três dias. ODO-RO-NO não irrita a pele e não se resseca no pó. Sua aplicação é muito simples, prática e rápida. Sob a proteção de ODO-RO-NO V. será sempre irresistível... "absoluta..."



Protegendo-a, ODO-RO-NO protege também os seus vestidos, evitando o odor das axilas.



Veja e compare! Cada pote de ODO-RO-NO contém muito mais creme que qualquer outra marca.

A MARCA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

NO CAMINHO DO OESTE

(Continuação da pág. 22)

olhar estranho, vindo lá de trás das máscaras pretas, que traziam como disfarce. Ambos vestiam culote; blusão riscado; chapéu de palha, de aba larga, descarnado para a testa. Um deles, o de barbicha rala e cara magra com o perfil de uma foice, agarrou-me pela gravata e fez-me ficar de pé:

— Vamos! Passa tudo p'ra cá!... E lá me sacudindo, enquanto revistava os meus bolsos, procurando talvez as chaves do cofre, que, por cúmulo, estava bem a vista, ali em frente... O outro, o de cara morena e larga, não perdeu tempo e iniciou uma pilhagem em regra; vasculhou tudo que via diante dos olhos; espalhou e revirou todos os bilhetes, numerados, em ordem, que estavam nos escaninhos; abriu a gaveta da bilheteria; e eu vi, com aflição, que lá se iam para o bolso do desalmado a renda dos viajantes; o meu expediente, organizado com tanto carinho, estava sendo pisado pelo chão!...

— Ah, Vergueiro, que nem acordas!...

— e estendi o olho lá para dentro do armazém...

E todas as gavetas foram, uma por uma, revistadas pelo meliante; havia já algumas pelo chão. Por fim, o tal, que me sacudia, empurrou-me para um lado e encaminhou-se para o cofre com as chaves tiradas do meu bolso. Abriu-o com um arranco; papéis de importância, atirados, freneticamente, pelo ar, iam pouso no ladrilho, e sendo arrastados pelo vento para a plataforma. Como nada tivesse encontrado no primeiro compartimento, meteu, nervoso, a segunda chave na gavetinha interna do cofre. Era ali — pensava — que estava o grosso do dinheiro. Abriu-a. Nada...

E eu, cá do meu canto, sem poder reagir, nem ousei olhar, naquela hora, para a calxinha dos torniquetes velhos, onde, por acaso, tinha deixado os quinze pacotes... Havia em mim a impressão de que, se olhasse naquela direção, eles iriam levantar aquela tampa...

Agora eram os dois que remexiam. — Não pode ser! — resmungou o de cara fina; esse "sujo" está nos taplandos!... Tem dinheiro por aí!... Procura, mano!...

E procuraram. O de cara larga foi até o armazém, que ficava ao lado. Ouvi que rebentava a gaveta e o armário das mercadorias. Momentos depois voltava ele com duas laranjas na mão... O barbicha rala voltou-se então, furioso, para mim:

— Onde está o "bólo", calunga!... Fala, ou te mato, diabo!...

Foi então que tomei coragem, e vociferei, avançando para os dois:

— Ladrões!... Covardes!... Máus brasileiros!!!... Vocês não estão roubando o governo, mas um chefe de família, patifes!... Não estão vendo que terei de pagar tudo isto que estão fazendo?... Morcegos! Cambada de carrapatos imundos!... Vocês deviam, ao menos, ter vergonha do ato que estão praticando; de roubar um homem como eu, que vive de seu trabalho honesto, e que tem mulher e filhos para sustentar!!!... Bandidos!...

O tal, de barbicha rala, cruzou então comigo a chispa fria do olhar; senti que aqueles olhos cerravam, concentrados na minha figura; e ele, já lívido, a boca aberta, desceu a mão direita em procura do cabo do revólver. Ia, certamente, me assassinar. Mas o outro, que por

sorte estava perto dele, tomou a dianteira: — Deixa Vig! Vamos amarrar este "sujo" e cair no mato. Aqui só tem isto; não tem mais nada; este rancho não dá fartura...

E avançaram, os dois, na minha direção. Mas eu, já recuperado da surpresa, estava por aquelas alturas disposto a vender bem caro a partida. E, mesmo, precisava justificar, pela luta, o indício do assalto perante a polícia; cheguei até a desejar que eles atirassem sobre mim e me ferissem.

E não me deixei dominar com a facilidade que eles esperavam. Quando o cara larga avançou para mim, agarrei um péso de metal que tinha ficado perto do escaninho, e arremessei-o com ira, sobre o intruso; vi que o barbicha gacava da arma e atirei-lhe, também, uma cadelra, enquanto suspendia outra para a defesa; mas os dois me encurralaram a um canto, de revólver em punho, e eu vi mesmo que, resistir, seria sacrifício inútil para mim. Imprensaram-me então contra as pilhas do morse, e atando-me os pés e as mãos, atiraram-me para o chão onde fiquei de borco como um frango aplalado...

Feito o serviço, saíram, sob a tempestade dos meus protestos e dos meus gritos. Oritei; gritei a valer, por socorro; talvez passasse alguém por ali, naquela hora, e ao menos poderia me servir como testemunha perante o inquérito na polícia; mas, por fim, vendo que nada aiantaria em gritar à toa, naquela deserto, calei-me e fiquei ali mesmo amontoado, como um fardo, a um canto da agência. Algum passageiro me saltaria dali a pouco — pensei eu, conformando-me com a situação; ou mesmo o Vergueiro, que tinha sumido, teria de aparecer, se não estivesse morto por aquelas horas...

E, deitado como pude, no ladrilho, e com o rosto virado para a parede, ouvia agora, distintamente, o tic-tac do relógio. Profundo silêncio envolvia aquele ambiente tão aquecido ainda há pouco. Pensei então em me libertar daquela incômoda posição. Olhei para os pés, e notando que estava amarrado por cima do calçado, comeci a esfregá-lo um contra o outro e em breve consegui, com

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGREDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS

ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.º

S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

habilidade, arrancar um pé, que saiu na de dentro da botina; o resto foi fácil; e o mesmo fez com as mãos, atadas para trás, que andei friccionando de encontro as quinas das portas; com o atrito a corda partiu-se e eu fiquei livre; estava descalço e com os punhos pegando fogo, mas estava satisfeito. A minha primeira idéia, logo que fiquei livre das ataduras, foi correr ao telégrafo e dar o alarme; mas, cansado com tudo aquilo, encontrei uma cadeira em meu caminho e sentei ali, em frente à mesa, a cabeça me doía de tanto esforço, e eu, de mãos no queixo, cotovelos apoiados sobre a mesa, procurei coordenar os fatos.

Sim senhor! Estava roubado! E quase morto... que adiantaria agora telegrafar, se eles já estavam, aquela hora, bem longe dali...

Súbito, dei um salto da cadeira: os pacotes!... Lembrei-me dos pacotes do dinheiro que tinha colocado dentro da caixa dos torniquetes; avancei, ansioso, para ela, e suspenso, levantei a tampa: Ah, graças! Estava tudo ali mesmo onde os havia deixado. Remexi os envólucros, e comeci a apanhá-los para guardá-los no cofre, mas, de súbito, tive um presentimento que me fez mudar de idéia; não! — pensei. — Fica-te para aí mesmo por enquanto; eles podem estar, a esta hora, armando por aí outra cilada, e voltar outra vez por aqui; e deixei o dinheiro ali mesmo. Sentei outra vez no lugar de onde tinha saído; precisava pensar para poder agir. Olhei o relógio: três e meia e o dia não tardaria a romper. E fechei os olhos, derreado.

Súbito, a porta escancarou-se, e a figura do barbicha reapareceu, risonha e cínica, à minha frente. Num ímpeto, arranquei da cadeira e levantei-a no ar, pronto para a defesa. O sujeito não se moveu. Olhava agora para a minha cara enérgica, de quem estava disposto a tudo, e ria; ria com aquela boca desdentada e aquela mesma barbicha rala, que lhe dava uns ares de egreço de algum manicômio. Parei, com a cadeira no ar e esperei o ataque. E ele, rindo, apoiou a mão direita espalmada no portal, a esquerda na cintura, e parece que gozava a minha posição assustadica. E quando acabou de rir, à vontade, disse para mim, mostrando ainda a boca murcha, sem dentes:

— Não tenha medo, seu agente! Agora é de paz!...

E atirando o chapéu para o alto da nuca, avançou calmo, até onde eu estava, sem se importar com a cadeira; quando chegou bem perto de mim, meteu os dedos por uma cartucheira do cinturão de couro, que sustinha o revólver; e tirando de lá um maço de notas, dobradas, colocou-o em cima da mesa da bilheteria:

— Táí seu bôlo, mano!...

Nós não costumamos levá-lo suado de gente como nós. Nós assuntava qui isto — e apontava para o maço — era coisa do govêrno; vancê tem cumpanheira i é um perdido cumu nós. Pode contá qui tá certo!...

Olhei para o dinheiro deixado em cima da mesa. Olhei depois para o cangaceiro. E não tive coragem de me mexer do lugar onde estava. O homem acabava, com duas palavras, apenas, de me desarmar por completo. E ele continuava a sorrir e a me observar. Por fim falou:

— Que tá assuntando? Pega que é dinheiro bôlo!...

Mas eu continuava a não entender patavina daquilo tudo. Estava paralisado. Abre-se, nesse instante, passageiro silêncio entre mim e o saltador. Súbito, ouço um tropel que invade a plataforma; uma multidão avança, como um ciclone e invade a agência...

— Pega êle! E' êste mesmo...

E um trôço de homens caiu sobre o bandido, que, dentro da agência, ao meu lado, não teve tempo de se defender, e foi espremido contra a parede. Vi então que toda aquela mole humana era comandada pelo Vergueiro, meu guarda, que voltava agora com o socorro que tinha ido buscar. Estavam ali, seguramente, uns dezolito homens armados de pau, marrêta, espingarda de dois canos, enfim, toda a sorte de instrumento de ataque que puderam arranjar no momento. A agência estava literalmente cheia. Queriam, na fúria, justicar o homem ali mesmo. E ele, desarmado, cihava

a multidão que vociferava, e para mim, que não sabia o que fazer. O ódio, o rancor contra o cangaceiro era enorme. Iriam, fatalmente, matá-lo a pau ali mesmo. Mas eu, quando constatei a intenção de toda aquela gente, sedenta de sangue, interpus-me pelo meio de todos e levantei os braços:

— Mas que houve, afinal, minha gente?! Que barulho é êste?!...

E o Vergueiro:

— Vamos levá o homem, seu agente! Pois não é o ladrão de ina agora?

Olhei então para o homem que estava ali agora humilhado; lembrei-me do que acabava de praticar. E com serenidade:

— Vocês estão certamente enganados, meus amigos. Houve, de fato, um desentendimento entre mim e êste passageiro; coisa sem importância, que já foi resolvida a contento para ambos. — E virando-me a seguir para o feitor que estava ali: — "Seu" André: Pode levar os seus homens da turma; muito obrigado.

E o Vergueiro: — Uá!... Pois eu jurava que era um assarto que o homem fazia, gente!...

Depois que o feitor saiu com os seus homens, acompanhado do Vergueiro, fui, direito, ao barbicha que estava encolhido a um canto da agência.

Agora quem sorria era êste seu criado... Cheguei-me para perto dele, e estendi-lhe a minha mão:

— Você é um brasileiro de fato, caboclo velho! Aperte êstes ossos! A sua ação o salvou da cadeia. Pode ir agora em paz.

O barbicha, sorrindo agora outra vez, apertou a minha mão. E se foi. Foi, mas voltou, por muitas vezes, sempre que podia. Voltava para conversar comigo; e eu aproveitava essas ocasiões para lhe dar conselhos acerca do feio vício de saltador de estradas...

Foi um amigo que adquiri. E, possivelmente para breve, um bom cidadão, se Deus quiser...

FEITA A VOSSA VONTADE

(Continuação da pág. 14)

hospital, e me preparava para regressar ao meu leito, quando o vejo sentado numa poltrona. Parecia tão acabrunhado que não pude deixar de dirigir-me a êle:

— Andrei Alexandrovitch!

Fiquei assustada diante da palidez de seu rosto.

— Irina! Não devia ter deixado o seu quarto! Isto é uma imprudência!

Baixando-se rapidamente, êle procura esconder um jornal sob os pés.

Notando o movimento, não deixei de perguntar-lhe de bom humor:

— Que esconde você de mim?

Êle procura esquivar-se. Tem o ar de quem muito sofre.

— Você faz mal em não dizer-me a verdade — censurei eu docemente. — Cêdo ou tarde, terei que saber...

Eu estava tão calma, tão calma que até duvidei que houvesse sido eu mesma quem assim falara.

Andrei pareceu hesitar; mas, finalmente, estendeu-me o jornal. Era um diário sulgo. Logo à primeira página se lia em letras garrafais êste título de notícia sensacional: "O exército de Narev foi destruído em Tannenberg".

Naquele instante eu deveria ter ficado com a palidez da morte, pois o príncipe se apressou a amparar-me com o seu braço para evitar que eu caísse ao chão.

— E' inútil... — lacrimejei então. — E' inútil resistir... Não sou uma covarde, mas... não posso suportar tanta atrocidade... Sinto tanto... Meu Deus!

Nunca pensei que se viesse a sofrer tanto assim.

E ficamos ali silenciosos, entregues à nossa dor. A noite já ia alta. Somente a mancha branca do jornal caído ao solo quebrava a penumbra.

— O general Samsonof, que comandava as operações, era um velho amigo — diz Andrei com voz dolorida. — Matou-se para não sobreviver à derrota. Entretanto, Irina, êle não teve culpa. O culpado foi Renenkampf que só chegou muito tarde para cobrir o flanco esquerdo de Samsonof.

— Oh! Andrei! Que importa tudo isso se todos estão mortos... Se Dimitri está morto... E morreu por nada!

Cada dia, há mais Kolynos-istas



Pancho Segura

O famoso tenista equatoriano também é Kolynos-ista, porque sabe que o cuidado com os dentes é muito importante para a perfeita saúde, sem a qual não há campeões.



Seja Kolynos-ista. Conserve seus dentes divinos. Visite o dentista e use Kolynos!

Kolynos utiliza um derivado de óleos vegetais, neutro e de alta ação detergente. A espuma abundante de Kolynos penetra nos espaços inter-dentais, agindo contra as manchas e limpando os dentes por completo. Por isso, Kolynos

limpa mais



Gosto de hortelã e frescor de orvalho!

Três essências naturais produzem esse sabor refrescante e característico de Kolynos, agradável a todos os paladares. Por isso, todo o mundo diz que Kolynos agrada mais

McCann

Em cada hora mais de 1.359.949 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos!

E esta preferência, que aumenta de hora em hora, é tão natural! Porque Kolynos é concentrado. Por isso, o creme dental Kolynos

rende mais!



Basta um cm na escova seca

• USE KOLYNOS. SEJA TAMBÉM KOLYNOS-ISTA!

COMPANHIA DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA

Fundada em 15 de Janeiro de 1870

SEDE: — BAHIA — PRAÇA DA INGLATERRA E RUA MIGUEL CALMON, N.º 18

Caixa Postal, 351 — Endereço Telegráfico: "ALIANÇA"

Oferece aos seus segurados sólidas garantias em dinheiro — Apólices — Prédios e outros valores

Segura contra os riscos de incêndio, raio e suas consequências: prédio — mercadorias em depósito ou em trânsito pelos armazens das docas — estrada de ferro — móveis — oficinas — fábricas — usinas — engenhos — etc. e bem assim os transportes: — marítimos — ferroviários — aéreos — fluviais e lacustres

Tem agências em todos os Estados do Brasil e em Montevidéu

DADOS ESTATÍSTICOS DO QUINQUÊNIO 1944/1948

	1944	1945	1946	1947	1948
CAPITAL	9.000.000,00	9.000.000,00	9.000.000,00	9.000.000,00	18.000.000,00
RECEITA	67.053.245,30	93.450.331,30	94.157.374,30	96.135.219,70	103.679.990,40
RESERVAS	72.040.826,40	95.032.500,00	101.512.671,80	108.693.488,80	106.810.181,20
SINISTROS	16.241.324,10	19.416.645,60	22.706.390,40	28.120.151,70	27.703.072,00
ATIVO	142.176.603,80	151.445.706,70	160.410.524,30	192.412.626,40	203.440.779,60

DIRETORIA:

Dr. Pamphilo d'Utra Freire de Carvalho — Presidente

Anísio Massorra

Dr. Francisco de Sá

Dr. Joaquim de Araújo

José Abreu

**UMA OFERTA
EXCEPCIONAL**



MODELO
GILDA

Em verniz preto e búfalo branco —
Saltos 5½ e 3½ — Preço Cr\$ 90,00

RECENTE E MARAVILHOSA CRIAÇÃO
DA AFAMADA MARCA "HOLLYWOOD"
PARA O OUTONO E O INVERNO

As remessas pelo REEMBOLSO são acrescidas das despesas do Correio. Os que enviarem vales postais não pagarão as despesas de porte. Os vales postais devem ser emitidos a favor da FÁBRICA DE CALÇADOS NILO LTDA. — Belo Horizonte, e remetidos à CAIXA POSTAL 5.273 — Rio de Janeiro

**A ÚLTIMA PALAVRA EM
CONFORTO, ELEGÂNCIA
E DURABILIDADE**

O príncipe se perfilou. Seus lábios tremeram de indignação.

— Não diga isso, Irina! Nunca! Nossos quatrocentos mil heróis não morreram em vão... Veja Irina que a guerra continua mais além, na França... Hindenburg, para lançar esta ofensiva, certamente enfraqueceu o seu exército do Reno. Por esse motivo o ataque a Paris ficou retardado, e nossos aliados franceses poderão aproveitar esse retardamento para organizar sua resistência.

Eu, porém, não o ouvia. Nada mais sabia eu que uma coisa: mataram Dimitri. O mundo podia pegar fogo... Meu coração estava morto.

Depois disso passei a viver como uma sonâmbula, apenas desejando dançar para as tropas. Quando via aquela pobre gente a sorrir para mim, parecia que, entre eles, estava Dimitri a aplaudir-me, a aprovar meu sacrifício.

Depois... sobreveio a revolução. Soube que Andrei fora preso. Nunca mais o veria.

Estava eu, então, em Novorossisk, cidade que se mantinha ainda em relativa calma. Pude embarcar com Tatiana para Constantinopla, e, depois de uma série terrível de peripécias, pudemos desembarcar em Marselha. Foi ali que viemos a saber de uma notícia tremenda: — a morte do Tzar.

Só cheguei a Paris alguns dias mais tarde, numa manhã de maio tão clara, tão luminosa, que, pela primeira vez depois de tantos anos, me senti como que menos miserável. E, nos jornais vespertinos, pude ler esta notícia: "Stepanova, a grande bailarina russa está em Paris".

Os empresários afluíram com os seus oferecimentos de contratos, as flores se acumulavam, choviam convites. Eu havia podido salvar da catástrofe algumas jóias e uma mala de roupa. Era muito pouco... Precisava viver. Calcei minhas sandálias modestas e calças de tule branca.

— Por que se veste assim tão selvagemmente, Madame? — censura-me, um dia, Tatiana, ao levar-me o café pela manhã. — A guerra terminou. Todos estes franceses amáveis a adoram. Acho que devia sair, mostrar-se mais. Eles ficariam tão contentes...

(Continua na pág. 54)

Lábios sedutores e provocantes...

com o novo Van Ess — o baton criado especialmente para a mulher brasileira...



VAN ESS em seu novo estojo de gala, é o baton que dá aos lábios um brilho suave e fascinante... Van Ess "Rose" — ou em outras lindas tonalidades — é um baton perfeito! Acentue a beleza de seus lábios com o novo baton Van Ess.



Adquira hoje o seu VAN ESS em novo estojo de gala!

Nº 5

A MULHER

SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

PRECISO ESCOM-
DER-ME DOS
OPERARIOS.

OH... OH...
QUE ACONTECEU?
SINTO-ME
DORMENTE...

QUE ESTOU FAZENDO
DENTRO DESTA CAIXA?

DEPOIS DE ALGUM TEMPO,
SCARLET CONSEGUE SAIR DO
COMPARTIMENTO DE BAGAGEM.

COMO VIM PARAR AQUI?
FUI ATROPELADA...

COLOCAREI SACOS DE
CIMENTO DENTRO DA
CAIXA...

UMA CHEGA. SINTO-ME GELADA.
INVESTIGAREI
DENTRO DO CARRO.

APENAS UM
RECORTE
DE JORNAL

COMO FERVEM ESTAS
CALDEIRAS...

PARA ALIVIO DE MINHA CONSCI-
ENCIA ESPERO QUE ESTEJA
MORTA, MOÇINHA!

JOGOU A CAIXA NA CALDEIRA!
SE FOSSE EU...

QUE
FAZ
AQUI?

AGORA DOU
O FORA!

JAN.26,'47

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhores — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1549

SEJA FEITA...

(Continuação da pág. 52)

— Não tenho mais influência para este mundo, Tatiana. Minha vida como mulher, já se acabou.

— Pois é pena, Madame — disse ela tirando um papel de seu bolso. — Isto acaba de chegar dirigido à senhora.

Era um convite para a noite de inauguração de um cabaré russo que abria suas portas naquele dia, situado nos Campos Elísios.

— Oh! Madame! São os seus compatriotas que a convidam! Não pode recusar!

— Você esquece, maluquinha, que hoje eu danço na Ópera?...

— Está certo! Mas poderá ir até lá, logo que deixar o teatro. Vou passar a ferro o seu vestido de tafetá negro com

aquelas rosas... Será a mais bela da festa!

Pouco a pouco estava eu fascinada pelos símbolos branco e ouro das armas russas, da minha velha Rússia. Todo aquele passado que julguei morto para sempre, começou a renascer... As festas de Ermitage... As noites do teatro Mariinski... São Petersburgo... o Neva... Sentia-me tão torturada pela nostalgia, que comecei a experimentar o desejo de ver os meus patricios, ouvir a língua de meu país... Assim, decidi visitar esse cabaré russo.

Quando, cerca de uma hora da madrugada, meu taxi me deixou nos Campos Elísios, enorme fila de veículos já estacionava à porta do estabelecimento. Bela pérgola se estendia à entrada e ia terminar no vestibulo, estando a escadaria revestida de rico tapete encarnado. Uma

balalaica, em surdina, fazia tremer os corações com a canção russa. "O ultimo dia em que passamos juntos". Meu coração se inundou de doce emoção. Balancei os olhos e comecei a rememorar meus números, quando, com os movimentos coreográficos, tinha o vestido em torno de mim, como uma imensa corola.

Subitamente percebi um olhar para mim, estranho, insistente. Voltei a cabeça imperceptivelmente, desviando-me. Vi que diante de mim estava um desconhecido com sua blusa russa. Então, como que sacudida por uma força misteriosa, ergui vagarosamente os olhos para ver quem era. Recebi, então, o mais tremendo choque em pleno coração. Um grito me escapou dos lábios.

— Tu?! Será possível!... e lhe estendia eu as mãos trêmulas de emoção, como se temesse ver desfeita aquela visão.

— Era Dimitri! com aqueles seus olhos azuis! Dimitri com sua boca um tanto triste, a quem eu tanto amava. — Fala-me Dimitri! Diga-me alguma coisa! Diga-me que não estou sonhando! Que não deliro!...

Tomou-me as mãos e me falou em voz baixa:

— Depois de tantos anos, encontrar-te novamente...

— Como deves ter sofrido, meu pobre Mitia!

Ele sorriu palidamente.

— Fui um amoroso... um conspirador... um soldado... um prisioneiro... E agora, eis-me aqui como um simples empregado de cabaré noturno, pobre como Job. Perdi tudo, Irina... tudo... menos a honra.

— E eu, Mitia? E eu?... Não contas comigo?...

Ele ficou pálido e nada me respondeu. Suas mãos apertaram as minhas. Depois falei, fiz-lhe esta confissão.

— E' espantoso; mas foi preciso uma guerra, a queda de dois impérios e uma revolução, para que eu te revele o segredo de meu coração: — Dimitri! Eu menti, eu menti! A única felicidade que encontrei na vida foi a que você me proporcionou. Oh! Mitia! Nenhuma razão de Estado, jamais poderá separar-nos! Serei tua para sempre!

Apertou-me em seus braços, contra o peito, como se quisesse quebrar-me.

— Ouve, Mitia: — Andrei Alexandrovitch está morto... Rasputin assassinado... nosso pobre Tzar e nossa Mãe Rússia já não existem. De nada serviu meu sacrifício; mas ambos estamos aqui, e nosso amor é mais forte do que nunca.

— Irina... — murmura ele com fervor. — Irina... minha querida!

Descemos à rua, e, esquecendo o resto do mundo, afastamos-nos de todos, enlaçados a andar, dentro da noite...

A VIDA DE PASTEUR

(Continuação da pág. 14)

Cumpria o seu dever trabalhando dezoito horas por dia, das cinco da manhã às onze da noite. Sofreu um ataque de paralisia, e por algum tempo os médicos desesperaram de salvá-lo. Mas o seu espírito continuou ativo enquanto o corpo jazia imobilizado. Foi durante essas "horas de repouso forçado" que descobriu a solução do problema que lhe custara tantos esforços e fadigas. "A doença dos bichos-da-seda é transmitida de uma geração a outra por ovos contaminados. Eliminal os ovos contaminados, e obteres uma safra sã".

Uma solução simples, depois de um labor extenuante. Mas as invectivas contra Pasteur mesmo assim não cessaram. Os negociantes de óvulos de bichos-da-seda, vendo na fórmula de Pasteur uma ameaça à rendosa venda de "má semente por bom dinheiro", começaram a espalhar calúnias contra ele. Como resultado dessa campanha, correu de boca em boca a história de que Pasteur fracassara redondamente nos seus esforços por deter a praga, e fora expulso do Alais a pedradas.

Quando esse rumor chegou aos ouvidos de Pasteur — que estava convalescendo do seu ataque de paralisia — ele se limitou a encolher os ombros mais uma vez. "Pa-ciência".

(Continua no próximo número)

Calçados ZELIA

1716 Cr\$ 125,00

1682 Cr\$ 180,00

1716 Cr\$ 180,00

1715 Cr\$ 125,00

Salto 1,5 Anabela

1711 Cr\$ 100,00

Temos em camurça e pele, ca em diversas cores

Aceitamos encomendas pelo Reembolso Postal

Av. Gomes Freire, 29-sob. Telefone 22-2753 — RIO

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____ EST. _____

1713 Cr\$ 100,00

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBÚ**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL. ELIMINA A CASPA — EXITO GARANTIDO.

LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23 Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS:

Por que V. S. deve usar o **OLEO MAC BIR**



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NAO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal

Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros

Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

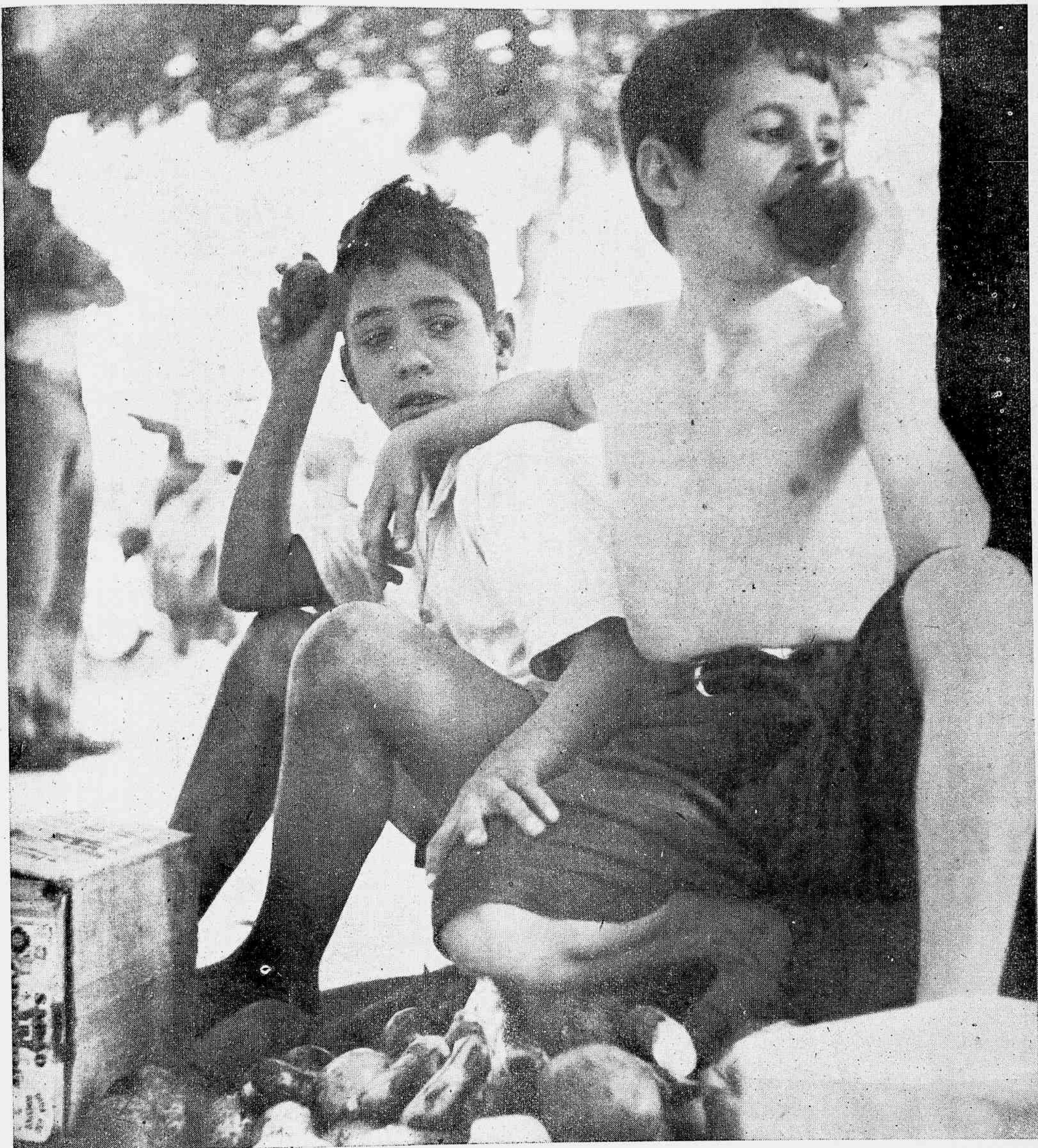
Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

Cetrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.



A colheita do dia. Frutas deterioradas! Mas a infância desconhece os conselhos da Saúde Pública sobre higiene

FLAGRANTES DE FIM DE FEIRA

O que vai ser narrado nessa reportagem, constitui, talvez, um dos aspectos particularmente delicados do chamado problema social brasileiro, visto por um prisma inteiramente inédito.

Trata-se de assunto sempre novo, e embora não diga respeito somente ao nosso País — porquê problema universal — nem por isso deve deixar de merecer a atenção de quantos se interessam pela preservação de nosso atual sistema de governo, que já foi considerado decadente e incapaz de solver problemas como esses, mas que todavia, subsiste, e subsistirá eternamente, enquanto o homem continuar voltado para as Alturas, desprezando a Pequenez das coisas terrenas.

E' o drama das populações faveladas do Rio de Janeiro

Reportagem de W. GUARNIERI

— por isso melhor seria talvez designá-lo como — problema social carioca.

A necessidade de um estudo acurado das condições em que vive essa gente, já foi por muitos encarecida, merecendo cuidados especiais de governantes e governados. Instituições filantrópicas particulares e o próprio Clero dedicaram o melhor de seus carinhos na solução do problema.

Apesar de todo esforço desenvolvido, com o louvável intuito de minorar-lhes os sofrimentos, a situação permanece estacionária — desafiando a tenacidade de todos.

Para se constatar a sacrificada existência das populações pobres dos morros cariocas, já não é mais necessário galgá-los.

O drama intenso e as vicissitudes dos favelados é agora exibido em espetáculos chocantes, nas vias principais da Capital da República.

Por que? Será tanta a miséria lá nos morros? Talvez, aí resida o segredo de tudo.

E' que, para muitos — e aí vai o ineditismo de que falamos linhas acima — a miséria floresce como indústria!

São os falsos indigentes favelados que se revelam mais espertos que os demais habitantes daquelas plagas.

O "gari" tenta uns conselhos sôbre
biciênne. Mas o garoto não quer
sber disso. Aquela laranja, em-
bora pôdre, está parecendo
"docinha"...



Ajuntam migalhas e sobras para vendê-las a bom preço nos mercados clandestinos das picos das favelas!

Tudo isso chegou ao conhecimento do repórter, quando um incidente banal lhe ocorreu.

Era um fim de feira. Um fim de feira igual a muitos outros, em vários pontos desta Cidade Maravilhosa.

Homens, suarentos, numa azáfama infatigável, na arrumação do que resta das mercadorias oferecidas ao público, naquela manhã de sábado. Mulheres, mãos calejadas pelo trabalho árduo do desmonte das barracas de madeira, empilham roupas e quinquilharias nos enormes caixotes-maua. Lusitanos, robustos, esforçam-se por transportar sacarias de gêneros alimentícios, para cima dos caminhões de carga pesada.

Por toda parte, gritos, imprecações e ordens, num vozerio ensurdecedor.

Os felizardos donos de barracas, sentados de qualquer jeito por sobre caixotes de querosene, no meio fio encostados aos paredões das residências suntuosas daquele bairro "chic", contam avaramente a fêria. Os dedos sujos leitados a língua, continuamente, são ágeis no manuseio do papel-moeda.

Catalinões, com pilhas e pilhas de barracas desmontadas, iniciam manobras complicadas, sempre acompanhadas de gritos e advertências de seus condutores, que não podem admitir baja ali gente descuidada, que não entenda de manobras automobilísticas.

— Oh! seu animal! Não vê que vou dar "marcha-a-rê"?...

O cavalheiro assim advertido, finge não perceber o "carão" do motorista e segue o seu caminho, carregando a bolsa de lona, cheia de verduras e hortaliças.

Agora, é um grupo de rapazes barraqueiros, sem dúvida, mal-culturados atléticos, que se deliciam em exibir seus conhecimentos de luta-livre, sem consideração pelos que passam. Rolando pelo chão quase derrubam uma senhora idosa, que lhes lança um olhar furioso e uma ameaça velada, com o guarda-chuva na mão. Ninguém do grupo lhe dá atenção. Sorriem.

Terminam as gargalhadas, atitude de irreverência ostensiva.

Os encarregados da Limpeza Pública aproximam-se, com os carrinhos próprios, vassouras em punho, para a tarefa habitual.

O repórter ia passando, apressado, por uma rua deserta, quando teve sua atenção despertada por um incidente, na aparência banal, entre centenas de outros, mas que lhe proporcionou ensêjo de verificar, com seus próprios olhos, até onde pode chegar a miséria humana — em plena Capital do Brasil!

Crianças, de tenra idade, revirando o entulho à cata de provisões! Mulheres e velhos, remexendo, com avidez, o depósito de lixo de um caminhão da Limpeza Pública, escolhendo batatas deterioradas. O repórter parou e ficou a olhar o espetáculo.

Pensamos que se tratasse de um relaxamento da vigilância, por parte das autoridades incumbidas de zelar pela higienização do Rio de Janeiro. Talvez, aquilo não passasse de um descuido, muito bem aproveitado pela horda de pobres esfomeados, que se atiravam, assim, na busca de alimentos.

Relanceando a vista pelo ambiente, notamos a presença, não muito distante, de um guarda municipal, palestrando calmamente com dois outros indivíduos, sentado no para-lamas de um carro da Prefeitura. Comentavam, ao que parece, a cena que estavam assistindo. Não podemos ouvir o que diziam, apenas advinhavamos conversa pelos meneios de cabeça que o guarda fazia, como a se desculpar pela sua não interferência naquele assunto.

Ficamos perplexos. Seria possível permitir a continuação daquela ignomínia? Resolvemos investigar.

Aceitamos-nos do caminhão de lixo. Uma preta velha, enchia a bolsa, com punhados de arrós, retirados de um monte acumulado no chão de asfalto.

— Esse arrós ainda pode ser aproveitado? — indagamos.

A preta despejou o último punhado dentro do recipiente, resmungou qualquer coisa, tapou a bolsa com uma folha de jornal e levantou-se, encarando-nos com animosidade.

— "Ora "seu" moço! Naturalmente que sim. E' só a gente lavá ele. Não é muito bom, não... mas resolve pra nós..."

— O guarda não proíbe apanhar coisas no caminhão da limpeza pública?

A pobre mulher, colocando a bolsa sobre a cabeça, deu um murchêco, encolhendo os ombros.

— "Aqui não. Lá no "Estação eles não gosta não..."

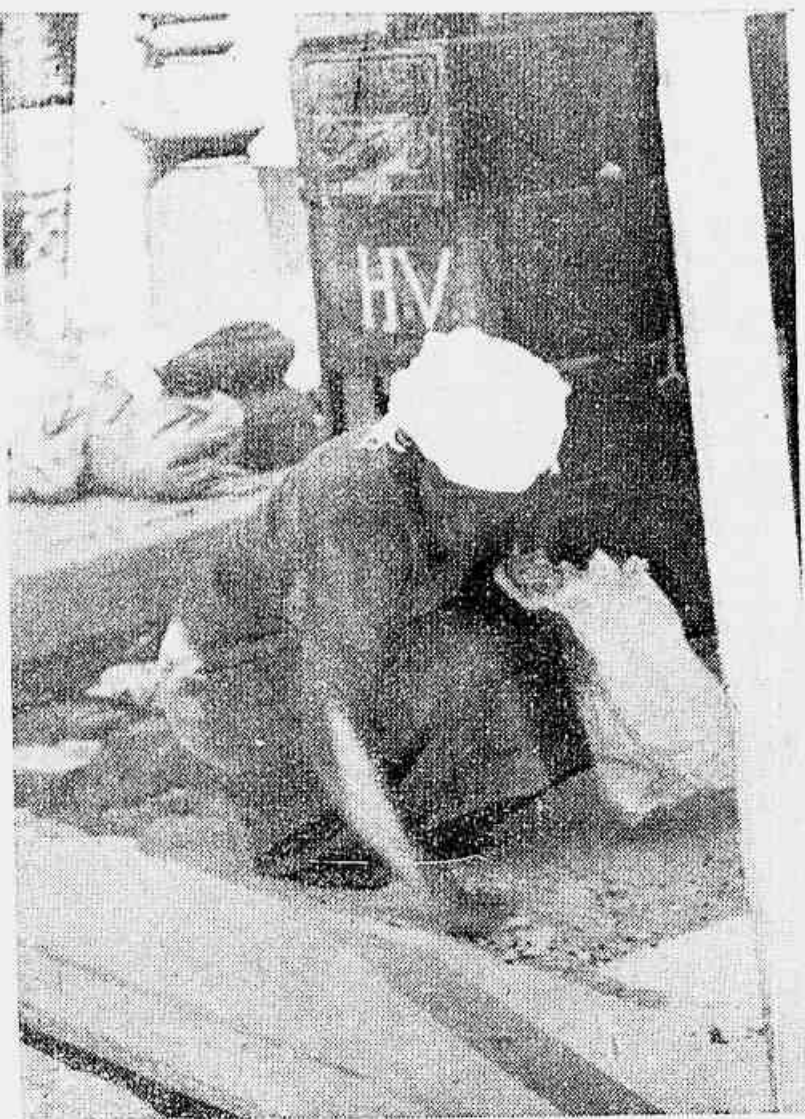
— A senhora, então, vai a todas as feiras?

— "E intão?... A gente tem que comê, não tem? Abacanhô é em Madureira. Eu moro no morro de São Carlos, tenho que sair com os menino as seis horas da manhã..."

— Ah! leva também os filhos, para ajudar, não é?

A preta fitou-nos com curiosidade.

— "E". Tenho três bacuris; eles estão por aí... — e esticou a beizola. Bem, moço, agora vou vê se arranjo



"Feijão com arroz" — o prato bem brasileiro. "O arroz serve, sim. A gente "lava ele" bem..."



Cada monte de lixo, às vezes, pode conter uns caroços de feijão, ou mesmo alguma fruta saborosa



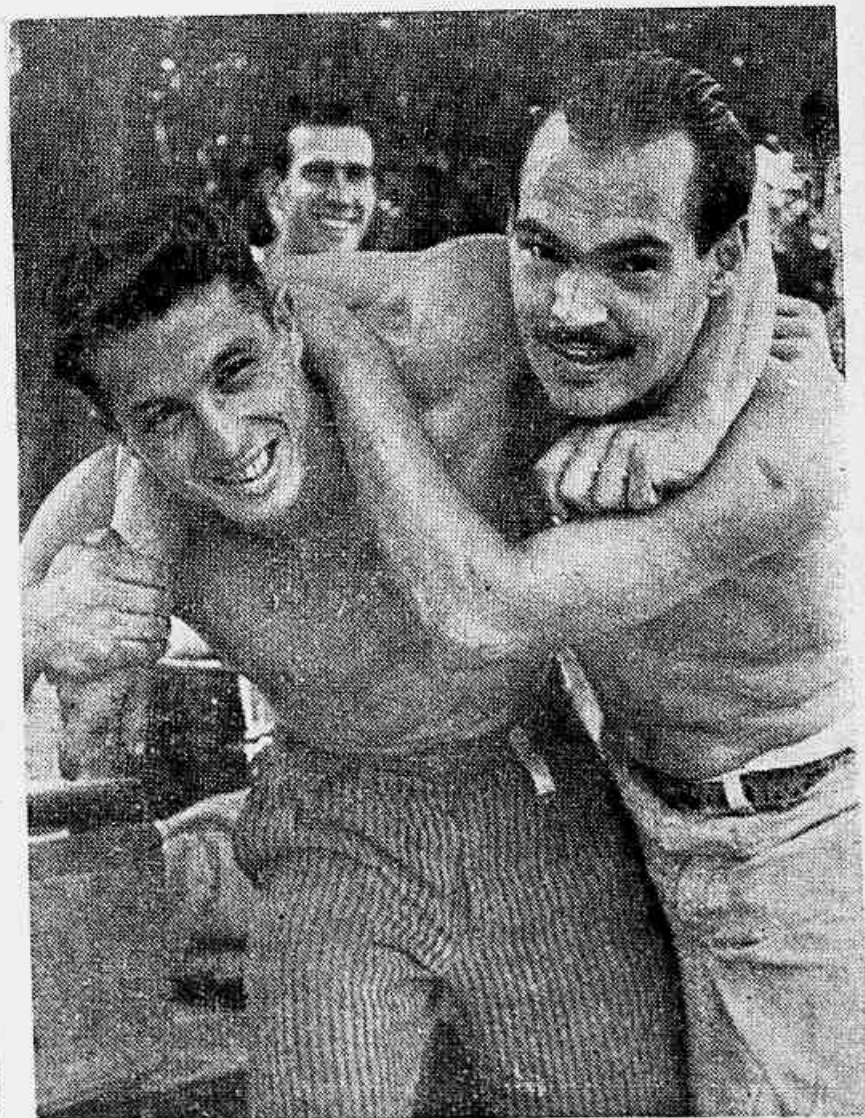
Os últimos retoques na "toilette" para a viagem de volta ao lar. A família é pequena para carregar tanto o sortimento



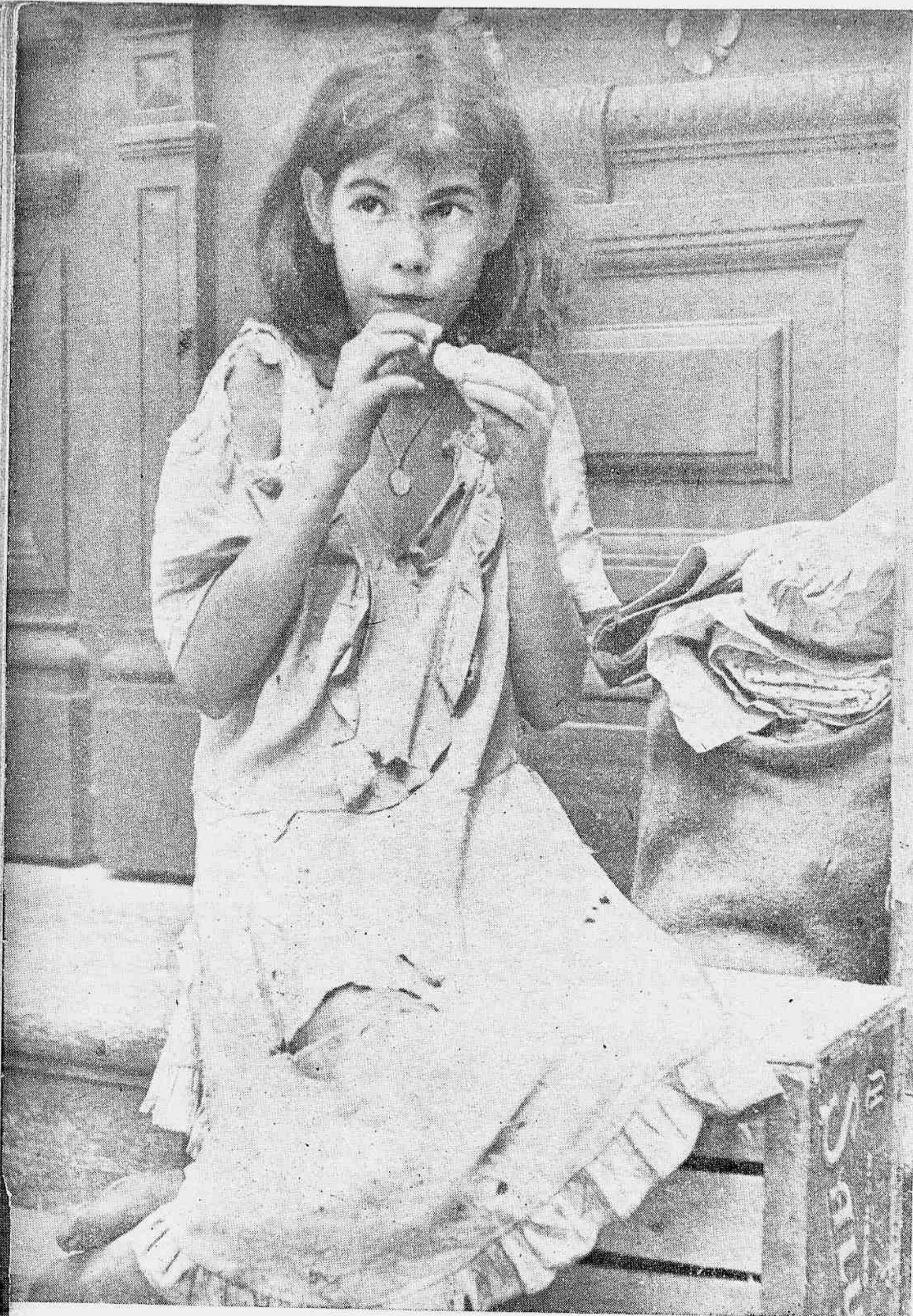
Satisfeita porque o serviço rendeu. Esta mora no Morro de São Carlos, e arranjou macarrão para o "meu nêgo"...



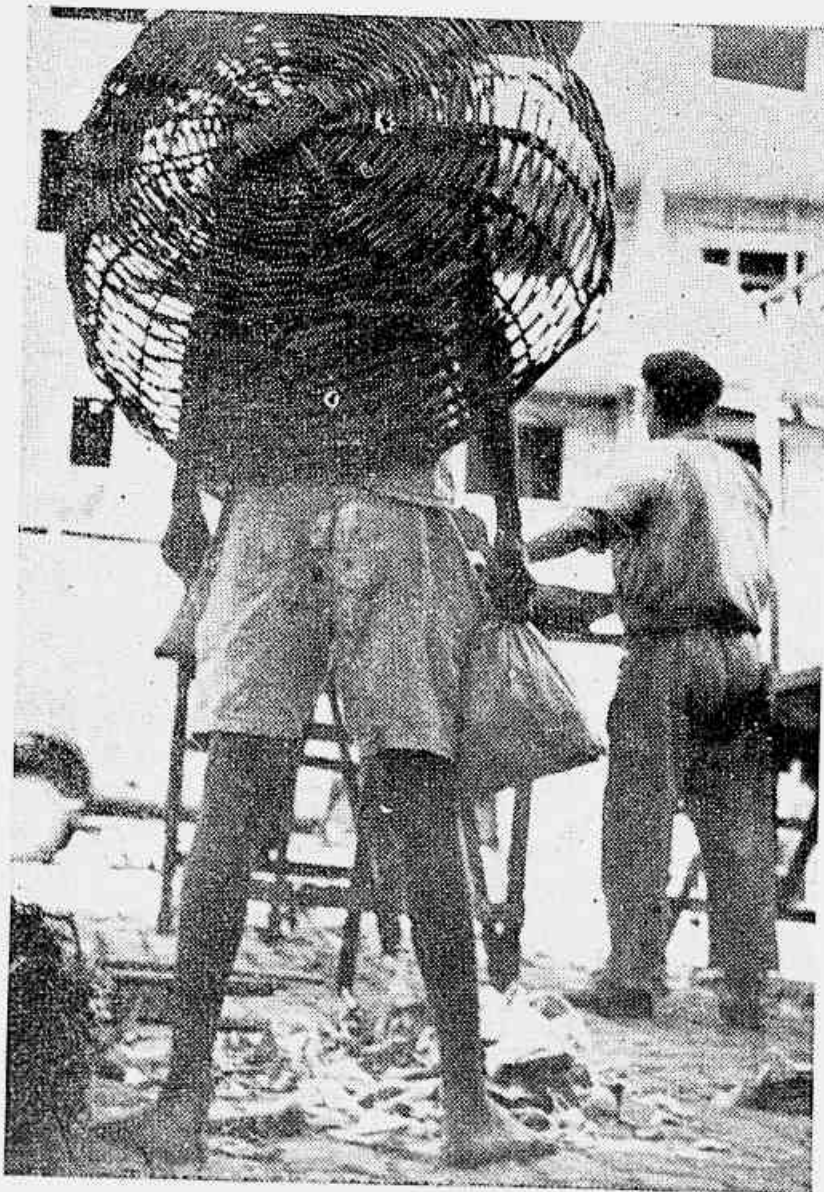
Esse aí irá receber, em troca do seu auxílio no desmonte das barracas, uns níqueis e um pedaço de carne-seca



No fim de feira, enquanto os caminhões são carregados os feirantes se divertem em brincadeiras como esta...



A espera da mamãe: a tarefa foi cumprida, agora resta juntar tudo e voltar para casa para fazer o almoço



A esquerda — Esperando o desmonte da última barraca. Pode ser que o "home" jogue ali no monte as duas raízes de alpin que sobraram no tabuleiro... Ao centro — Enquanto as mães ajuntam o arroz do chão, as crianças vasculham o carrinho da Limpeza Pública. A direita — Essa aí não pode se curvar por causa do reumatismo; mas nem por isso deixa de catar frutas no lixo...

macarrão. Meu "nêgo" gosta muito de macarrão, sabe? E eu faço tudo p'ra agradá a ele..."

Ajeitou a bolsa, agachou-se para apanhar um calxote velho, nos dirigiu um cumprimento, sem muito interesse e lá se foi.

Ficamos a pensar na felicidade de um "lar" como a daquela mulher. Chegando em casa às 3 horas da tarde para preparar o almoço — arrê, macarrão e qualquer coisa mais... O que vale é que o "nêgo" gosta de macarrão!

Mais adiante, por entre as barracas desarmadas, duas meninas — não deveriam ter mais de oito anos — disputavam, conjetes, à posse de uma enorme jaca, fruta saborosa, quando madura, porém não naquele estado visivelmente estragada. No entanto, as duas crianças, nem se apercebiam do perigo. Partiram-na em dois pedaços, com o auxílio de formão, sem cabo, sujo, enferrujado e começaram a comê-la, lambuzando-se tôdas. Pareciam estar apreciando muito o pitêu...

Prosseguimos. Entabulamos conversação com um feirante que nos estava a observar.

— Essa pobre gente anda sempre por aqui?

— Em tôdas as feiras, sempre aparece dezenas dêles, coitados. "Se defendem" como podem... Todo barraqueiro costuma dar as sobras da mercadoria, como peixe, verduras, e mesmo cereais. Porém, espetáculo muito triste, o senhor poderá presenciar pela manhã, antes do início da feira. Na zona Sul.

A um canto, encostados a uma árvore, dois meninos despejaram o conteúdo de duas caixas de papelão sobre a terra do jardim próximo ao local da feira, e deram início à divisão da "colheita": frutas deterioradas.

★

Já iam-nos retirando, o espírito contrito em face de tanta miséria quando surpreendemos a conversa de dois "garis", e ouvimos referências à "Feira das Chêpas", do morro de S. Carlos...

Procuramos entrar na conversa. Aproximamo-nos de um dêles, que no momento censurava uma criança por recolher frutas pódres na sargeta, junto ao monte de lixo.

— Que quer dizer "Feira das Chêpas?"

— "Feira das Chêpas" é um mercado clandestino no alto do morro de S. Carlos, onde são vendidas mercadorias apanhadas aqui no chão...

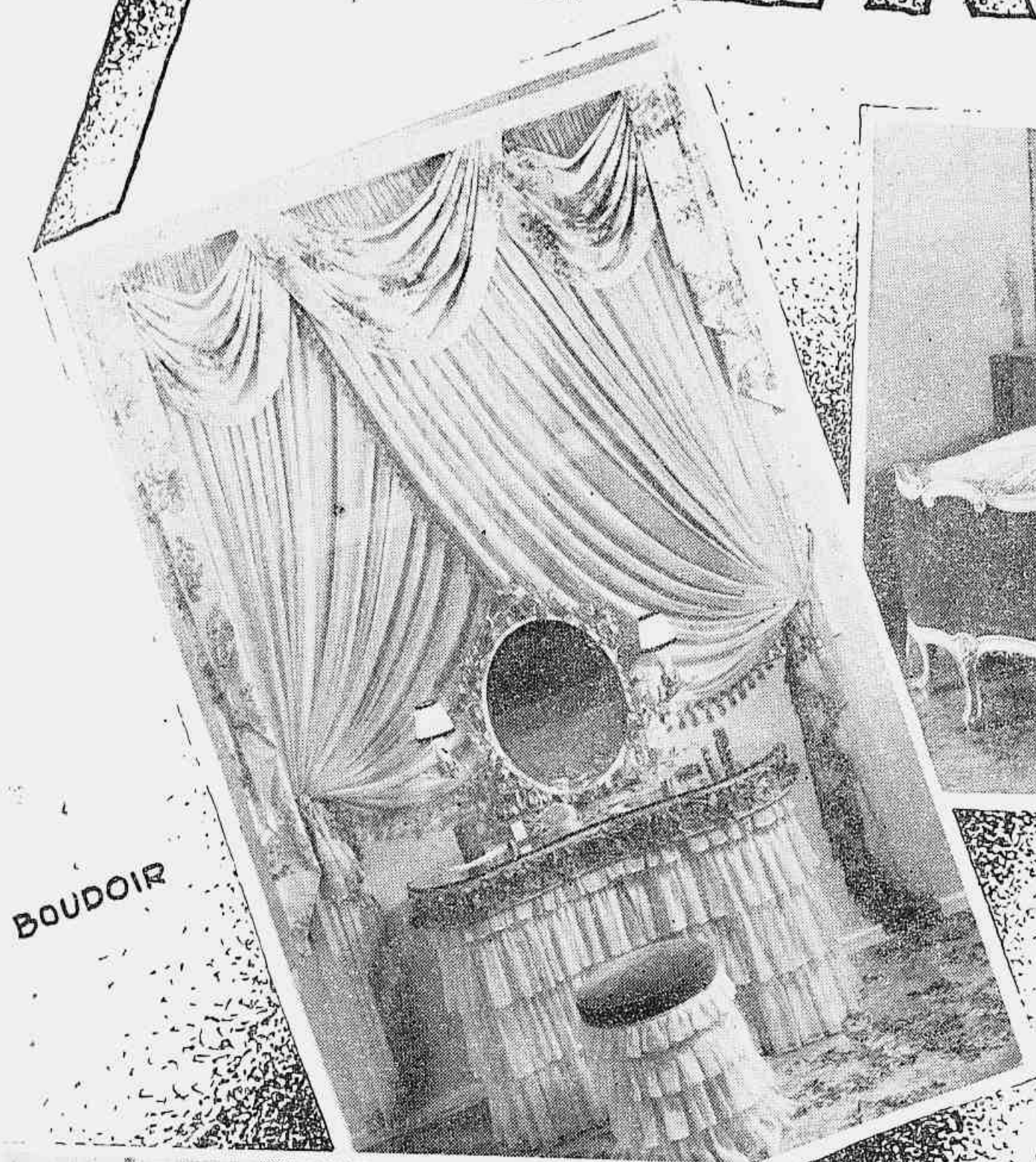
O "gari" fez um gesto largo com a vassoura, e prosseguiu:

"Muitos dos que estão aí catando cereais, podem ser vistos lá no morro, com o pano estendido na ladeira, vendendo arroz, apanhado aqui no momento, a 3.000 cruzeiros o quilo!"

— E não é só no São Carlos, não. — comentou um crioulo perto de nós — lá em Manguera e no Pinto é assim também. Eu já morei no São Carlos, lá foi que apareceu a primeira "Chêpa"... Tem "nêgo" que "se arruma" com essas "venda"...

"Feira das Chêpas..." A miséria que desce do morro... Será mesmo tanta miséria assim? Ficamos pensando naquele outro "nêgo" que gosta de macarrão... Quem sabe se ele também não "se arruma" na "feira das Chêpas?"

INTERIORES



BOUDOIR

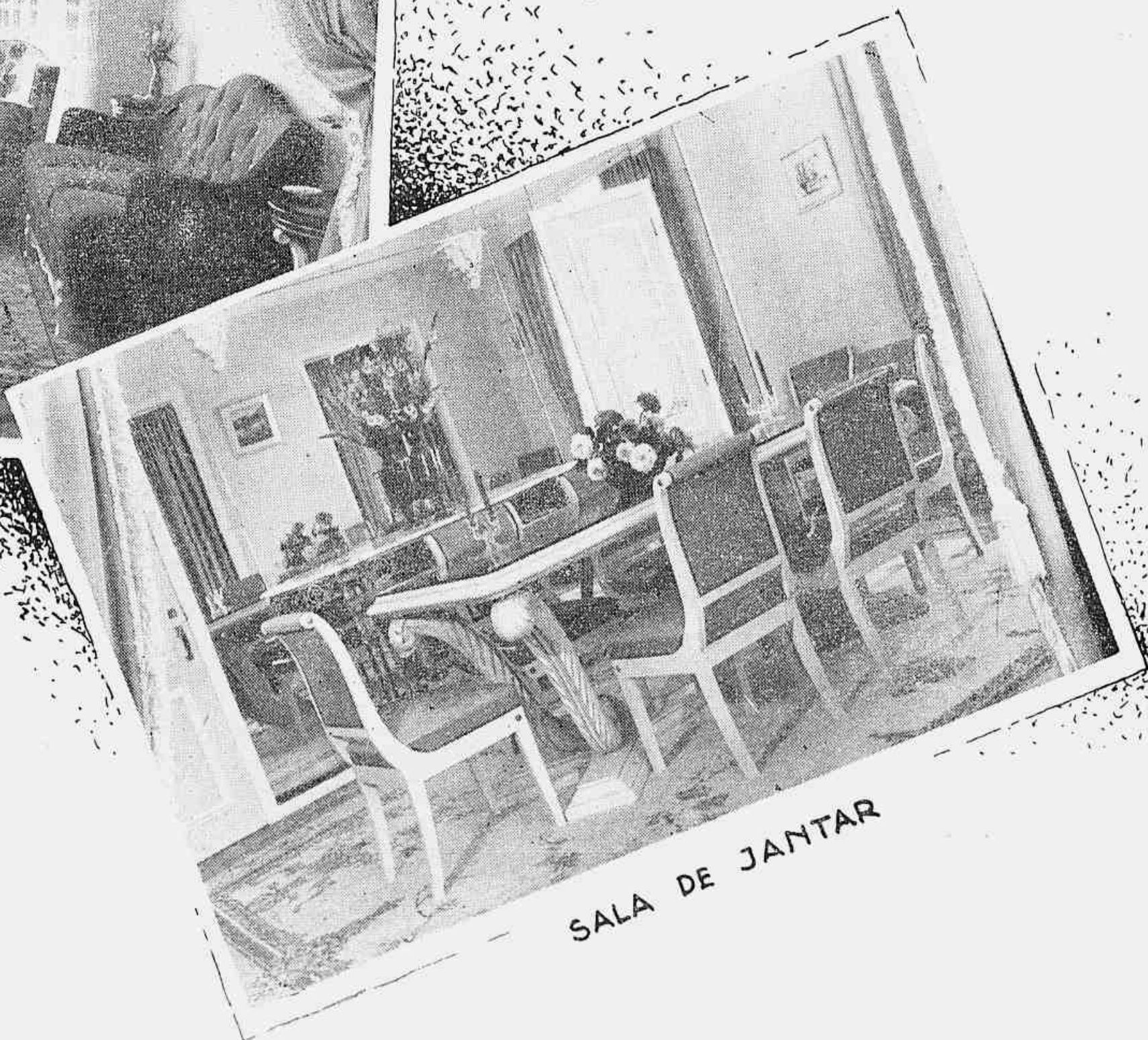


DORMITORIO

ASA **UNES**
MARCA REGISTRADA
65 - RUA DA CARIOCA - 67

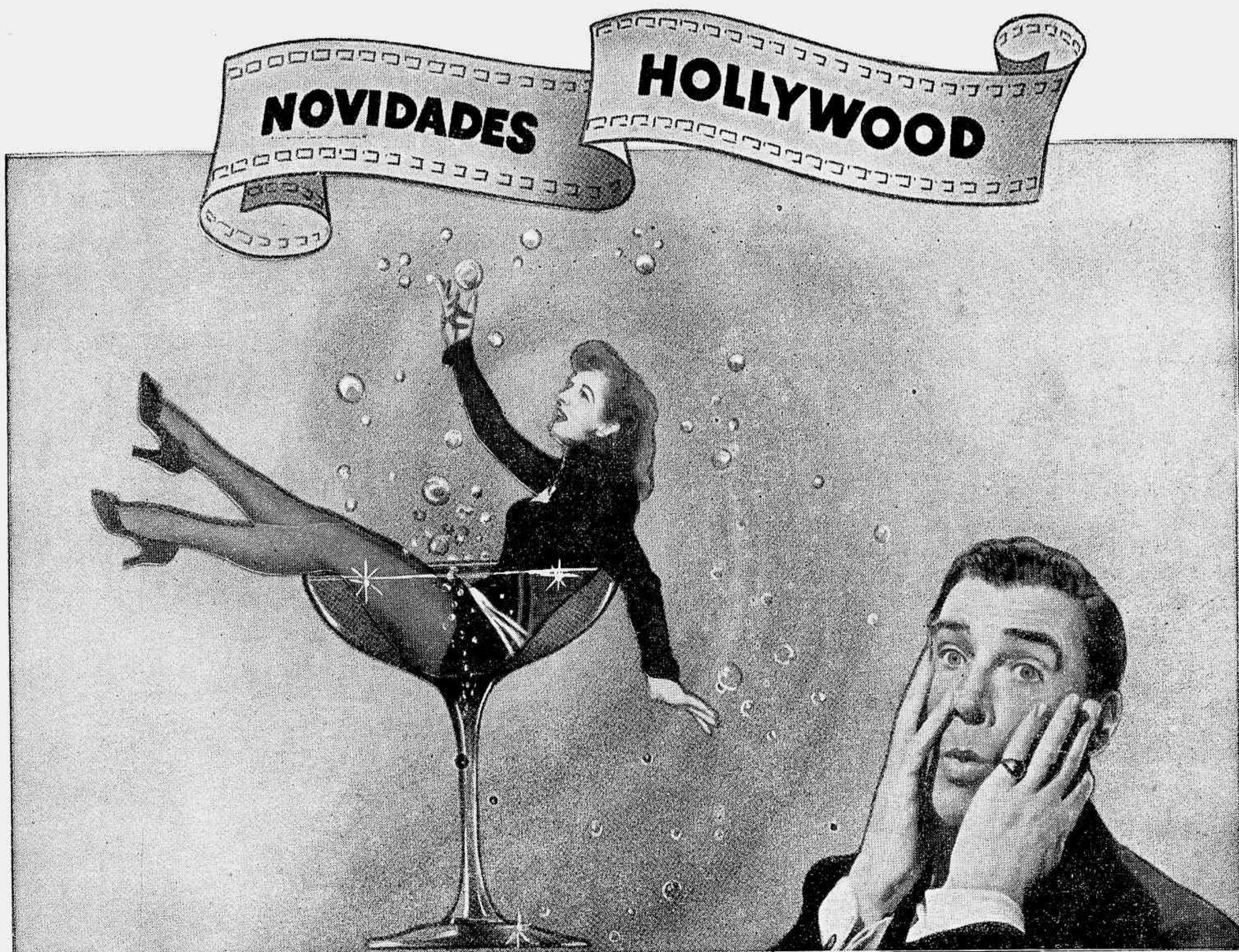


SALA DE ESTAR



SALA DE JANTAR

MOVEIS
CORTINAS
TAPETES
TECIDOS
PASSADEIRAS



Hollywood • Calif. Uma inesperada Greer Garson surge no novo filme da Metro-Goldwyn-Mayer — “Travessuras de Júlia”. Viva, glamourosa, alegre, em “maillot” de teatro, ela é o “outro lado” da artista que conhecemos em “Adeus, Mr. Chips”. Com Greer Garson contracenam Walter Pidgeon, Peter Lawford, Elizabeth Taylor e Cesar Romero.

Hollywood, com seus artistas mundialmente famosos, sugere elegância, bom gosto e requinte. E é particularmente com bom gosto e requinte que esses artistas escolhem os seus cigarros, sempre cigarros capazes de agradar aos mais exigentes, onde entra a mesma alta qualidade de tabaco encontrada, no Brasil, nos cigarros Hollywood. Exija também alta qualidade, prefira os cigarros Hollywood.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz